



UNIVERSIDADE D  
COIMBRA



Helena Isabel da Silva Hermenegildo

## Empatia e Dramatização no Ensino da Geografia

Proposta de estratégia didáctica no tema da “Mobilidade da População”



# FACULDADE DE LETRAS

## EMPATIA E DRAMATIZAÇÃO NO ENSINO DA GEOGRAFIA

### PROPOSTA DE ESTRATÉGIA DIDÁTICA NO TEMA DA “MOBILIDADE DA POPULAÇÃO”

#### Ficha Técnica

<b>Tipo de trabalho</b>	<b>Relatório de Estágio</b>
<b>Título</b>	<b>Empatia e Dramatização no Ensino da Geografia. Proposta de Estratégia Didáctica no tema da Mobilidade da População</b>
<b>Autor/a</b>	<b>Helena Isabel da Silva Hermenegildo</b>
<b>Orientador/a(s)</b>	<b>Professor Doutor António Campar de Almeida Professora Doutora Maria de Fátima Grilo Velez de Castro</b>
<b>Júri</b>	<b>Presidente: Ana Isabel Sacramento Sampaio Ribeiro Vogais: 1. Doutora Elsa Maria Teixeira Pacheco 2. Doutor António Campar de Almeida</b>
<b>Identificação do Curso</b>	<b>Mestrado em Ensino de Geografia no 3º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário</b>
<b>Área científica</b>	<b>Formação de Professores</b>
<b>Especialidade/Ramo</b>	<b>Ensino de Geografia</b>
<b>Data da defesa</b>	<b>03-11-2019</b>
<b>Classificação do Relatório</b>	<b>18 valores</b>
<b>Classificação do Estágio e Relatório</b>	<b>17 valores</b>



## Agradecimentos

---

Este trabalho tem apenas uma autora, mas claramente não foi conseguido apenas pela mesma, neste seguimento, existem pessoas a quem direcciono aqui o meu profundo agradecimento.

Em primeira instância, agradeço ao meu orientador António Campar de Almeida por quem expresso aqui minha admiração e com quem foi um enorme privilégio trabalhar no seu último ano no activo.

Quero deixar um profundo agradecimento à minha co-orientadora Fátima Velez de Castro, pelo contributo científico, por nortear todo o percurso até ao trabalho final que aqui apresento, mas também, pelas palavras de apoio, incentivo e paciência, para a conclusão do mesmo.

De destacar também é a importância que tiveram, ao longo do meu percurso académico, o Professor Doutor Albano Figueiredo e o Professor Doutor Luciano Lourenço, pelo marcante contributo na minha formação, agradeço toda a informação, conselhos e exigência.

Agradeço à professora cooperante, Sandra Alves, não só pela dedicação e disponibilidade, por tudo o que me ensinou, mas também pela amizade que acabamos por desenvolver.

Agradeço aos alunos, do Agrupamento de Escolas da Mealhada, com quem tive o privilégio de trabalhar e de conhecer, vou recordar-vos sempre com enorme carinho.

Agradeço ao Paulo Brandão, meu colega e amigo, que tão prontamente se disponibilizou para desenhar a ilustração de capa deste trabalho, muito obrigada!

Agradeço à minha Família, Mãe, Pai, Luísa e Avô, por todo o apoio, carinho, orientação e orgulho que sentem e me fazem sentir, foram sempre a minha inspiração!

Agradeço aos meus restantes familiares tios e primos, todo o carinho e incentivo.

Por fim, e não menos importante, estou muito grata ao Afonso Costa, meu parceiro, melhor amigo, actual e futuro colega, pelo apoio, pelas sugestões, paciência e carinho.

## Resumo

---

Verifica-se uma tendência nas sociedades desenvolvidas, com enfoque nas camadas mais jovens, para a desvalorização, e até mesmo apatia perante assuntos sociais, nacionais e internacionais. Entre estes assuntos estão presentes riscos que carecem de identificação, ponderação e actuação. O alheamento das sociedades destas questões acontece concomitantemente com a crescente presença de ameaças, uma vez que muitos dos factores geradores de ameaças estão também na origem de alterações no contexto social, expressamente, a democratização das relações pessoais e o individualismo. As dinâmicas globais tornam-se cada vez mais complexas e imprevisíveis, com uma nova ordem de poder, onde as democracias se evidenciam cada vez mais débeis e limitadas. O capitalismo aliado à globalização tem-se movimentado em prol de grandes empresas financeiras e multinacionais, e em prejuízo das massas.

Recentemente, a população europeia lidou com uma crise financeira, em seguida com uma crise migratória, o que conduziu a uma crise humanitária que se tornou intensamente mediática. Apesar da carência de apoio que sofrem os refugiados, estes ficaram associados a perda de postos de trabalho, sobrecarga do sistema de segurança social, delinquência, perda de identidade dos territórios e terrorismo. Os números referentes a migrações forçadas são os mais elevados já registados, o que denota que, apesar da evolução e das tendências globais, as desigualdades estão em ascensão.

No presente relatório consideram-se metodologias de ensino que apelam ao envolvimento e consciencialização dos alunos através da análise de casos concretos que lhes são próximos, sobre os riscos sociais inerentes às migrações,; Empatia e Dramatização, as quais se crê terem aplicabilidade com todos os outros assuntos relativos à geografia humana.

Palavras-Chave: Riscos Sociais; Segurança; Migrações; Globalização; Ensino; Empatia.

## Abstract

---

There is a trend in developed societies, focuses on the youngest social section, towards devaluing, and even apathy towards nation and international social issues. Among these subjects are risks that need to be identified, considered, and acted upon. Societies' alienation from these questions occurs simultaneously with the growing presence of threats, since many of the factors that generate threats are also the cause of changes in the social context, namely, the democratization of personal relationships and individualism. Global dynamics are becoming increasingly complex and unpredictable, with a new order of power, where states are weakened and dependent. Capitalism, in the globalized world has been moving in favour of big financial companies and multinationals, and to the detriment of the masses.

Recently, the european population has dealt with a financial crisis, followed by a migratory crisis, which has led to a humanitarian crisis that has become intensely publicized. Despite of the lack of support that refugees suffer, they have been associated to job losses, overload of the social security system, delinquency, loss of territory identity and terrorism. The numbers referring to forced migrations are the highest ever recorded, which indicates that, despite developments and global trends, inequalities are on the rise.

This report considers teaching methodologies that appeal to students' involvement and awareness of the social risks inherent to migration: Empathy and Dramatization, which are believed to have applicability to all other matters relating to human geography.

Key words: Social Risks; Security; Migration; Globalization; Teaching; Empathy.

# Índice

---

Agradecimentos .....	iii
Resumo.....	iv
Abstract .....	v
Índice de Figuras .....	viii
Introdução.....	11
Parte I .....	15
Contextualização do Estágio Curricular.....	15
Dinâmicas de estágio.....	16
Actividades lectivas .....	18
Actividades não lectivas .....	21
Caracterização da turma .....	22
Reflexão sobre o carácter e funcionamento das turmas .....	27
A escola e o agrupamento.....	28
Enquadramento geográfico.....	32
Metodologia .....	35
1ª fase) Momento-Exploratório .....	35
2ª fase) Momento-Diagnóstico .....	35
3ª fase) Momento-Acção/Pesquisa.....	36
4ª fase) Momento - Acção/Dramatização.....	36
5ª fase) Momento-Reflexão .....	37
Parte II .....	39
Enquadramento Científico .....	39
A mobilidade e as migrações no ensino da geografia .....	40
Discussão conceptual sobre “migração” .....	41
Um olhar sobre a geografia das migrações contemporâneas .....	43
Riscos sociais associados às migrações .....	52
O contexto migratório português .....	61
Riscos associados às migrações portuguesas.....	75
Parte III .....	81
Análise da Proposta de Estratégia Didáctica .....	81
Desafios contemporâneos da actividade pedagógica.....	82
A empatia e a dramatização como estratégia didáctica .....	85
Enquadramento programático.....	89

Desenho da proposta de estratégia didáctica.....	95
Parte IV.....	101
Considerações Finais.....	113
Referências Bibliográficas .....	119
Fontes Virtuais: .....	125
Notícias.....	125
Anexos.....	127
Anexo I – Planificação Anual .....	128
Anexo II – Planificação a Médio Prazo do Subtema da Mobilidade da População .....	129
Anexo III – Planificação a Curto Prazo da 1ª Aula Assistida .....	133
Anexo IV - Planificação a Curto Prazo da 2ª Aula Assistida.....	138
Anexo V – Entrevista Exploratória.....	142
Anexo VI – Apresentação <i>Power-Point</i> Sobre a Temática das Migrações .....	145
Anexo VII - Guião para a elaboração da personagem.....	156
Anexo VIII – Grelha de Avaliação .....	158
Anexo IX – Imagem da exposição comemorativa do Dia Mundial da Alimentação à Turma de 10º ano .....	160

## Índice de Figuras

---

Figura 1: Instituições de ensino frequentadas pelos alunos para além da Escola .....	23
Figura 2: Classificação dos alunos da relação escola-família .....	24
Figura 3: Habilitações literárias das mães dos alunos .....	25
Figura 4: Habilitações literárias dos pais dos alunos .....	26
Figura 5: Recinto das Escolas Básica nº2 e Secundária da Mealhada .....	29
Figura 6: Escola Básica nº2 da Mealhada .....	30
Figura 7: Agrupamento de Escolas da Mealhada .....	31
Figura 8: Localização da Mealhada no mapa de Portugal .....	33
Figura 9: Cronograma da Metodologia .....	37
Figura 10: Principais destinos e origens de migrantes internacionais (milhões) em 2019 .....	45
Figura 11: Acolhimento e origem de deslocados .....	46
Figura 12: Evolução do número de deslocados (1990-2019) .....	47
Figura 13: Percentagens globais relativas a deslocados .....	48
Figura 14: Percentagem da população imigrante (nascida no estrangeiro) no total da população de cada país do mundo, a 1 de Julho de 2019 .....	49
Figura 15: Muros em espaço europeu .....	55
Figura 16: Fronteira da Hungria com a Sérvia .....	56
Figura 17: Saldo migratório português (1960-2019) .....	62
Figura 18: Emigração portuguesa pós-crise: saídas anuais estimadas (2007-2013) .....	64
Figura 19: Principais destinos da emigração portuguesa, em 2013 .....	66
Figura 20: Indicadores da emigração portuguesa em 2018 .....	68
Figura 21: Distribuição geográfica da população estrangeira, em Portugal, no ano de 2018 .....	72
Figura 22: Esquema conceptual do Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória .....	90
Figura 23: Esquema conceptual - Mobilidade da População .....	92
Figura 24: Educação geográfica e valores cívicos .....	94
Figura 25: Percentagem de alunos com familiares estrangeiros .....	103
Figura 26: Percentagem de alunos com amigos estrangeiros .....	103



Figura 27: Reconhecimento de estrangeiros na comunidade por parte dos alunos ...	105
Figura 28: Percentagem de alunos que tem familiares emigrados.....	105
Figura 29: Destinos de emigração dos familiares dos alunos .....	106
Figura 30: Entendimento, por parte dos alunos, da situação dos estrangeiros que conhecem .....	107
Figura 31: Avaliação diagnóstica – causas e consequências das migrações .....	108
Figura 32: Impacto da comunicação social na opinião dos alunos .....	109
Figura 33: Influência do meio, na opinião dos alunos.....	110



## Introdução

---

O presente relatório visa apresentar descrição e reflexão acerca das actividades desenvolvidas no âmbito do Estágio Pedagógico, o qual teve lugar no Agrupamento de Escolas da Mealhada, ano lectivo 2019/2020. Este inseriu-se no âmbito do Mestrado de Ensino de Geografia no 3º Ciclo e Ensino Secundário da Universidade de Coimbra. Especificamente vem expor uma proposta de estratégia didáctica elaborada, bem como, conteúdos inerentes à temática das migrações, os quais estão associados à referida proposta. O estágio foi desenvolvido

Este trabalho tem ainda como objectivos fundamentais apurar a eficácia da estratégia “Empatia-Dramatização” quanto à transmissão e consolidação de conteúdos científicos; ao despertar interesse e espírito crítico nos alunos pela temática e pelo conhecimento da própria cultura; ao desenvolvimento de consciência geográfica; no auxílio da formulação de resposta a questões sobre as quais um cidadão activo na sociedade pode e deve formular opinião; na facilitação de integração escolar de todos os alunos através do estímulo do respeito e conhecimento mútuo e no estímulo à aquisição de competências linguísticas, sobretudo ao nível da expressão oral.

A escolha da estratégia didáctica “Empatia e Dramatização no Ensino da Geografia”, pautou-se por um conjunto de motivações: a mediatização das migrações; o contexto socio-cultural das turmas com que se trabalhou; o facto destas terem sido sinalizadas pela carência de estratégias de integração e cooperação, e ainda porque, a desmotivação dos alunos é tida como uma questão actual, comumente justificada pelas metodologias mais habituais de ensino/aprendizagem (Bertazzo, 2013). A recorrente estrutura de reprodução de conteúdos por parte do docente e a memorização mecânica dos alunos são processos que tendem a limitar a curiosidade, liberdade e criatividade do educando (Soares, 2013). Também o documento “Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória” refere aspectos que se relacionam com a questão da empatia, da tolerância e respeito, valores que foram sempre especialmente tidos em consideração ao longo deste trabalho. Neste sentido, (Silva, 2007) afirma que “a imagem que construímos do “outro” determina as nossas atitudes perante ele, esta, ao ser enviesada, fomentará o preconceito e dificultará a sua integração”.

Constata-se que os fluxos migratórios se tornaram um tema intensamente mediático, a nível global, principalmente depois da crise dos refugiados em 2015, sendo um dos fenómenos sociais mais relevantes/impactantes da actualidade. Ainda que este não sejam novidade, têm adquirido algumas especificidades. Têm agora motivações de carácter muito diverso e consequências mais abrangentes do que outrora tiveram, por isso se considera que são tidos com uma leveza que não se apropria. Torna-se essencial a discussão deste assunto para a formação de civis activos e conscientes. Analisar e expor um assunto como o das migrações é um procedimento sensível, pois impõe-se, por vezes, que se façam caracterizações e generalizações dos grupos, os quais são constituídos por pessoas cuja conformidade não decorre das suas opções individuais (António et al., 2011).

Portugal é um país de matriz emigratória, tendo vindo nos últimos a integrar quantidades mais significativa de imigrantes, apresentando assim um Regime Migratório Misto. Considerado um país pouco atractivo por razões essencialmente económicas, este depara-se com várias questões advindas do envelhecimento e despovoamento. Perante a crise migratória na europa, o país propôs-se a receber 10 286 refugiados, dos quais acolheu apenas uma pequena parte, estes oriundos fundamentalmente da Síria, Iraque e Eritreia. Para um país com a dimensão territorial e económica como este, esta dinâmica terá, sem dúvida, de ser cuidadosamente avaliada.

A forma como se aborda estes assuntos nas escolas tende a ser cada vez mais cuidada pois nota-se na sociedade e na esfera política uma preocupação e discussão acrescida na forma como se abordam questões que envolvem valores étnicos, sociais, cívicos e morais.

A aplicação desta estratégia a esta unidade temática apresenta-se como um desafio, dada a diversidade de carácter das turmas em si, e pela inovação da metodologia, contando que estratégias similares são ainda pouco reproduzidas.



## Parte I

---

### Contextualização do Estágio Curricular

## Dinâmicas de estágio

---

O estágio curricular no âmbito pedagógico insere-se no plano curricular do 2º ano do Mestrado em Ensino de Geografia no 3º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, da Universidade de Coimbra. O estágio realizou-se ao longo do ano lectivo 2019/2020.

Iniciou-se a 23 de Setembro de 2019, aquando de um encontro entre estagiários, professores cooperantes e coordenação de mestrado. Posteriormente a esta apresentação, na quarta-feira seguinte, dia 25, o núcleo de estágio já reuniu na Escola Básica nº2 da Mealhada, dando então início à actividade nas escolas. O ano de estágio tem como objectivo proporcionar parcialmente a prática da profissão de docente, com acompanhamento e orientação, onde se prevê que sejam postas em exercício as competências adquiridas ao longo do percurso académico e que sejam alcançadas novas ferramentas para a o exercício integral da profissão.

O agrupamento acolheu muito bem os estagiários, nomeadamente, a professora cooperante, a direcção, o restante corpo docente, assistentes operacionais e os alunos. Todos estes contribuíram para que o estágio fosse o mais enriquecedor possível, esclarecendo dúvidas, inserindo-nos na maioria das actividades e alimentando uma interacção de entreajuda e parceria. Também se verificou uma notória aceitação por parte dos alunos, estes proporcionaram-nos vastas aprendizagens que transcendem os saberes teóricos.

Esta experiência permitiu ainda o contacto próximo com turmas comumente nomeadas de inclusivas, que abrangeram alunos com Necessidades Educativas Especiais bastante distintas. Testemunharam-se condições, com alunos diagnosticados com dislexia, que se consideram funcionais, pelo que as adaptações feitas para estes alunos não marcam de forma impactante a dinâmica das aulas. No entanto, verificaram-se também vários momentos em que se considerou que o bom funcionamento declinou em detrimento da inclusão. Estes episódios menos produtivos envolviam sempre uma aluna diagnosticada com paralisia cerebral espática unilateral direita (Hemiparesia direita), caracterizada também pela sua imaturidade. Estas suas particularidades limitam fortemente a independência da aluna, ainda que esta seja beneficiária de vários



apoios, os quais se revelam insuficientes. Para além dos serviços disponibilizados especificamente para estes casos mais necessitados, muitas vezes, os professores, funcionários e até mesmo a direcção, viram as suas funções sobrecarregadas em detrimento desta inclusão tão abrangente, sem que isso lhes seja reconhecido. Notou-se ainda dificuldade por parte dos colegas na aceitação e integração desta menina, a qual também, naturalmente, sente o distanciamento. Assim, considera-se que a inclusão de alunos com necessidades tão particulares, requerem mais apoio específico do que se comprovou realmente, para que estes não representem um prejuízo para os restantes alunos da turma, um acréscimo de funções para os funcionários e um sentimento de exclusão no indivíduo em causa.

Semanalmente os professores estagiários marcávamos presença nas escolas 3 a 4 vezes, sendo que houve flexibilidade de horários consoante a disponibilidade dos estagiários e tendo em consideração que estas deslocações se tornaram dispendiosas ainda que repartidas. Esta flexibilidade revelou-se bastante importante no sucesso de todo o trabalho, aliando as necessidades ao espaço, uma vez que muito do trabalho poderia ser feito em casa. O horário foi repartido em tempo de aulas e tempo destinado à orientação de estágios. Nos períodos de orientação de estágio foram delineadas estratégias didácticas, feitas apreciações de aulas, sugeridas actividades e esclarecidas várias dúvidas que iam surgindo.

No final do primeiro período os alunos foram inquiridos sobre aspectos mais positivos e menos positivos a realçar no balanço daquele tempo, em relação às aulas de geografia. Foi com enorme agrado que se constatou que os alunos apreciaram a presença de estagiários e que essa dinâmica contribuiu para o envolvimento e entusiasmo dos alunos perante as aulas de Geografia.

Este ano não decorreu como previsto, dadas as alterações trazidas pela pandemia que se instalou no ano de 2020. Esta situação afectou o estágio na medida em que, a partir do dia 12 de Março do mesmo ano, a actividade lectiva deixou, forçosamente, de ser presencial. Algumas das dinâmicas previstas ficaram assim inviabilizadas, entre as quais, parte da estratégia didáctica. A pesquisa para o trabalho de grupo e a preparação para as dramatizações teriam de ser acompanhadas presencialmente pela falta de autonomia dos discentes, pelo que ficou inviabilizada.

Toda a actividade passou a decorrer à distância, de forma síncrona e assíncrona. O ensino à distância relevou ser uma dificuldade este ano lectivo. Neste contexto é de realçar todo o empenho do Agrupamento e ainda a colaboração da Câmara Municipal da Mealhada na adaptação às circunstâncias, tanto em termos de meios como em termos de formação. Todos os professores já contavam, *a priori*, com uma conta no Microsoft 365, que mais tarde foi alargado a todos os alunos, gerando assim condições de acesso à ferramenta Microsoft-Teams, pela qual decorreu o ensino à distância. Acontece que nem todos os alunos do Agrupamento tiveram condições para aceder imediatamente a estas novas ferramentas. Desta forma, a Câmara Municipal da Mealhada garantiu a chegada de documentação aos mesmos.

Em suma o balanço do estágio é bastante positivo, foi de um modo global bastante enriquecedor e até as adversidades contribuíram também para novas aprendizagens, destacando um grande ambiente de entreajuda.

Segue-se uma descrição um pouco mais detalhada das actividades desenvolvidas aos longo deste ano lectivo.

---

#### Actividades lectivas

---

A actividade lectiva foi maioritariamente exercida em três turmas de 8º ano e, em parte, numa turma de 10º ano. As primeiras tinham uma aula de 50 minutos, 2 vezes por semana e a última tinha duas aulas de 50 minutos, 3 vezes por semana.

Este percurso pressupõe a implementação de uma estratégia didáctica, aplicada ao programa de uma das turmas, e ainda, um mínimo de duas aulas assistidas pelo professor orientador atribuído, que neste caso se trata do Professor Doutor António Campar de Almeida, por parte da Universidade de Coimbra. Neste sentido, foi escolhida uma turma para a implementação da respectiva estratégia. Foi seleccionada uma turma de 8º ano, no entanto, mais tarde conclui-se que, em termos práticos, seria conveniente abranger sempre as 3 turmas de 8º ano de forma uniforme. Em termos de currículo, foi tido sempre por referência o documento das “Aprendizagens Essenciais”.

As primeiras semanas foram de um exercício necessariamente mais passivo e não menos importante. O exercício inicial consistiu na assistência de aulas dadas pela docente cooperante Paula Sandra Coimbra Alves. No decorrer destas aulas foi possível conhecer e distinguir o carácter e o ritmo das turmas, tomar como exemplo a actuação da professora, e com estas informações começar a delinear os contornos da estratégia a aplicar.

Numa fase posterior do estágio, começaram-se progressivamente a leccionar algumas aulas. Das primeiras, resultou a aprendizagem de que, todo o conteúdo geográfico se torna mais leve, apelativo e exponencial quando relacionado com a aplicabilidade no quotidiano, exemplos tanto concretos e familiares quanto possível e respectiva localização.

De realçar que em todas as aulas estiveram presentes a professora cooperante e o colega de estágio João Paulo Albuquerque Simões, e ao fim de cada aula, foram feitos balanços dos aspectos positivos e sujeitos a melhoria. Estes momentos contribuíram significativamente para o reconhecimento e combate de lacunas. A oportunidade de ter três turmas ao mesmo ritmo foi interessante, no sentido em que foi possível preparar uma aula e leccioná-la em três turmas diferentes. Perceber de que forma as turmas divergiam no seu comportamento e o que era funcional nas três tornou-se enriquecedor.

Participámos também na supervisão dos alunos em momentos de avaliação escrita, bem como na correcção destes mesmos elementos de avaliação.

Durante a actividade lectiva em todas as turmas se experimentou o jogo didáctico “Kahoot”, verificou-se que este desperta nos alunos grande entusiasmo, auxiliando na manutenção de interesse dos discentes e acarreta ainda a vantagem de se poder agrupar a turma como se pretende a cada jogo, contribuindo para a integração de todos. Segue-se um exemplar elaborado pela autora, que foi colocado às turmas de 8º ano no final do 1º período, disponível em: <https://create.kahoot.it/details/populacao-e-povoamento/eec0f795-3213-437f-ae59-2ff825a6d844> (acedido a 28/09/2020).

Houve ainda a oportunidade de comparecer nas reuniões de avaliação sumativa, as quais decorreram no fim de cada período.

O estágio pedagógico tem alguns elementos de carácter obrigatório, transversais a todas as turmas de mestrado que se encontram nesta fase. Destes, destacam-se os momentos fulcrais da avaliação dos estagiários, duas aulas assistidas pelo professor orientador:

A 1ª aula assistida, teve lugar no dia 11 de Fevereiro de 2020, decorreu com a turma 8º Y. Na mesma foram abordados os tipos de migrações, bem como as causas e consequências dos fluxos migratórios. Esta aula foi preparada com larga antecedência e leccionada às outras duas turmas de 8º ano anteriormente. No entanto as aulas tiveram dinâmicas consideravelmente distintas. Dado o carácter mais interactivo da turma 8ºY, a aula que foi planeada para 50 minutos, nas outras duas turmas, funcionou perfeitamente, nesta o tempo revelou-se insuficiente. Como estratégia principal foi tida uma actividade denominada de “Jogo da Consequência” que funcionou da seguinte forma: a cada aluno foi atribuído um cartão com uma consequência escrita, estes, um de cada vez, dirigiram-se em frente da turma, onde tinham um quadro de cortiça em que tinham de colocar a “sua” consequência. De salientar que o quadro se encontrava dividido em Local de Origem e Local de Chegada, assim pretendia-se que os alunos associassem a um destes locais a consequência que lhes foi atribuída, fazendo ainda uma tentativa de explicitação da mesma para a turma. O plano de aula está presente em anexo (anexo II).

Devido ao anormal funcionamento das aulas, a 2ª aula assistida, decorreu à distância, de forma síncrona, através da plataforma Microsoft Teams, no dia 2 de Junho de 2020. Decorreu igualmente com a turma 8º Y. No âmbito das actividades económicas, especificamente nas actividades do sector primário, esta aula abordou a temática da silvicultura (Anexo IV). A aula foi preparada, também ela com antecedência, no entanto, verificaram-se inúmeros imprevistos, por diversos motivos: a falta de preparação dos docentes, dos estagiários, bem como dos alunos, para o funcionamento de plataformas associadas a esta dinâmica de ensino à distância; a falta de meios, como são exemplo os computadores, internet e microfones, também de ambas as partes; falta de preparação para a abordagem de alunos neste registo, fundamentalmente, alunos com Necessidades Educativas Especiais. Optou-se por este tema por se considerar que os documentos orientados conferem pouco ênfase ao mesmo, neste ano de escolaridade

e porque o mesmo merece, pelo contrário, destaque. Procurou-se assim definir a actividade, bem como a composição do espaço florestal, identificar as suas principais funcionalidades (apelando por isso à sua conservação), fez-se referência ao impacto económico e no uso do solo e por fim, apresentou-se algumas das espécies mais presentes no território nacional.

---

### Actividades não lectivas

---

Relativamente a actividades extralectivas foram realizadas algumas actividades:

- a) A celebração do Dia Mundial da Alimentação, no dia 16 de Outubro. Foi por iniciativa própria, que se construiu uma apresentação alusiva ao tema, elaborada pelo Núcleo de Estágio de Geografia e apresentada no dia (Anexo VIII).
- b) Participação numa sessão dada pelo grupo da Amnistia Internacional de Coimbra no dia 22 de Outubro. Esta resultou numa proposta para exposição e prática com os discentes que acabou por não se concretizar devido à interrupção da actividade lectiva presencial.
- c) Participação na conferência internacional: *Communication, Diversité, Solidarité: Discours et Pratiques de la Diversité Culturelle* (10/10/2019)
- d) Foi também desenvolvido um blogue *online*, o qual se encontra público, onde são partilhados conteúdos inerentes à geografia
- e) Criada inicialmente para chegar de forma mais simples aos interessados, foi a página de Facebook, denominada Geografia- A. E. Mealhada, disponível em: <https://www.facebook.com/Geografia-AE-Mealhada-115825956496815>. Começou por promover os conteúdos do blogue, mas acabou por ser, afinal, a mais utilizada. Através desta, foram também assinaladas outras datas de destaque, celebradas com breves publicações, nomeadamente o Dia Mundial do Cinema, Dia Internacional de Tolerância zero à Mutilação Genital Feminina e Dia Internacional dos Monumentos e Sítios.

- f) Participação em *Webinar* sugerido pelo Agrupamento, no canal de Youtube, Forma-te – Portal dos Formadores, com o tema: “Dinamização da Aprendizagem Online”. Esta decorreu no dia 14 de Maio de 2020.
- g) Participação na acção de formação intitulada “Educação para Valores e Ética na Prática Desportiva” do Centro de Formação de Professores do Nordeste Alentejano. Esta formação foi feita ao longo de várias semanas, de forma síncrona e assíncrona, repartida em 15 horas em cada um dos formatos.

Segue-se a apresentação possível sobre a turma com que se trabalhou ao longo deste ano lectivo.

### Caracterização da turma

---

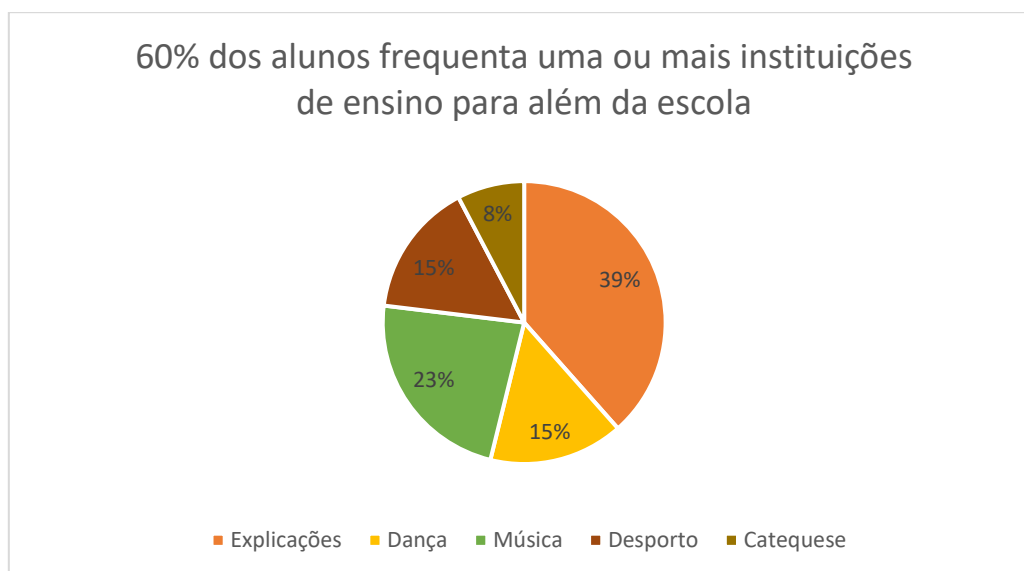
As turmas com as quais o núcleo de estágio contactou, foram as que estavam ao encargo da professora cooperante, especificamente, 3 turmas de 8º ano, X, Y e Z, sendo a turma Z a direcção de turma desta professora, e ainda uma turma de 10º ano, composta por elementos de duas turmas, das áreas de Línguas e Humanidade e Ciências e Tecnologias, que seleccionaram Geografia A como uma das suas disciplinas opcionais. Preferencialmente cada estagiário escolhe, no início do ano, uma turma na qual irá posteriormente implementar a estratégia didáctica, neste sentido, chegou-se a um acordo em que se optou pelo 8º Y e o colega de estágio ficou com a turma de 10º ano.

A plataforma escolar fornecia uma colecção de dados sobre os alunos muito débil, os quais se pedia que fossem preenchidos pelos encarregados de educação online. Este procedimento revelou-se ineficaz pois não se adapta à realidade da circunstância, sendo que nem todos os encarregados de educação tinham computador e internet em casa que os possibilitasse corresponder. Neste sentido, foi feita uma recolha de dados extra, desenvolvida pela autora, que circulou apenas pela turma 8ºY.

A turma Y é composta por 20 alunos, dos quais 8 são do sexo feminino e 12 do sexo masculino. As suas idades podem ser representadas através do intervalo [12, 15], sendo a moda 13 e a média 13,2. A maioria dos alunos tem a mãe como encarregado de educação, respectivamente 18 alunos, os restantes 2 contam com o pai para desempenhar este papel. 75% nunca repetiu anos lectivos anteriormente, enquanto que dos restantes 25% (5 alunos), 2 ficaram retidos duas vezes e os restantes 3 ficaram retidos uma vez. 50% dos alunos desta turma demonstra clara pretensão de seguir para o ensino superior, enquanto que 44.4% ainda não tem uma opinião e 5.6% (1 aluno), não quer continuar além do ensino obrigatório.

A Figura 1 mostra-nos que a maioria dos alunos da turma (60%) afirma que frequenta uma ou mais instituições de ensino para além da escola

*Figura 1: Instituições de ensino frequentadas pelos alunos para além da Escola*



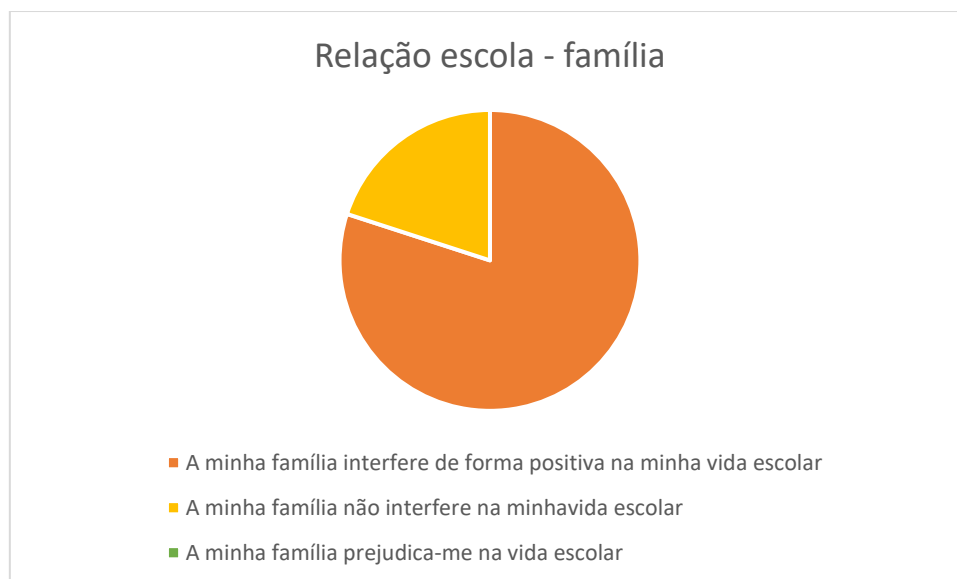
Elaboração própria (2020)

A frequência dos alunos em instituições de ensino para além da escola, revela essencialmente que as famílias e/ou os alunos valorizam a aprendizagem, mais que não seja da actividade que frequentam, as quais ajudam na formação dos jovens, nos seus relacionamentos, na aquisição de ferramentas de diversas áreas, na sua autoconfiança e no desenvolvimento de objectivos pessoais.

. Destes, a maioria (39%) frequenta explicações, segue-se a participação em aulas de música (23%), temos ainda 2 alunos que afirmam praticar desporto e 2 dança (15%) e finalmente, apenas 1 aluno (8%) aderiu à catequese.

À questão: “Como classifica a relação da escola-família?”, 80% dos alunos considera que a família interfere de forma positiva na sua vida escolar; 20% afirma que a família não interfere na vida escolar e nenhum aluno considerou que a relação-família fosse negativa (Figura 2).

*Figura 2: Classificação dos alunos da relação escola-família*



Elaboração própria (2020)

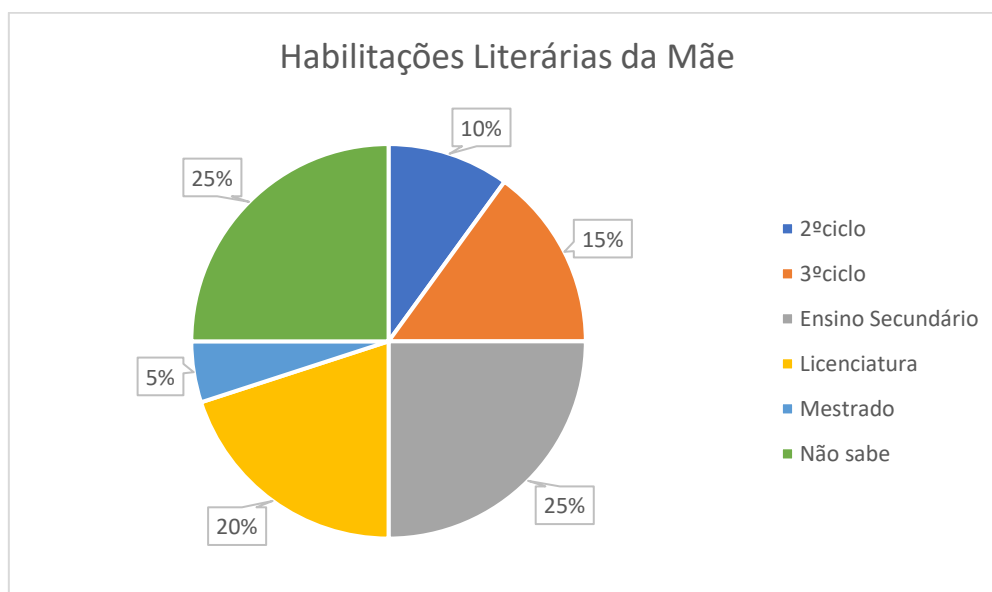
Vários são os estudos que apontam no sentido de haver uma relação entre as habilitações literárias dos pais com o desempenho e perspectivas académicas dos filhos, fundamentalmente das mães. Neste sentido, interessou também conhecer as habilitações das mães e pais dos nossos alunos.

A figura 3 indica-nos que  $\frac{1}{4}$  da turma não conhece as habilitações literárias da mãe e dos  $\frac{3}{4}$  que souberam responder à questão, concluímos que:  $\frac{1}{3}$  das mães tem habilitações abaixo do que actualmente se considera a escolaridade obrigatória;  $\frac{1}{3}$  das



mães dos alunos tem o ensino secundário e 1/3 frequentou o ensino superior. Sabendo que 50% das mães dos alunos têm habilitações iguais ou superiores à escolaridade obrigatória e comparando com a escolaridade da população adulta portuguesa (15-64 anos), analisamos que, as mães dos alunos da turma se encontram ligeiramente abaixo dos valores nacionais. Cerca de 53% da população adulta nacional tem habilitações iguais ou superiores à escolaridade obrigatória (PORDATA, 2019)<sup>1</sup>.

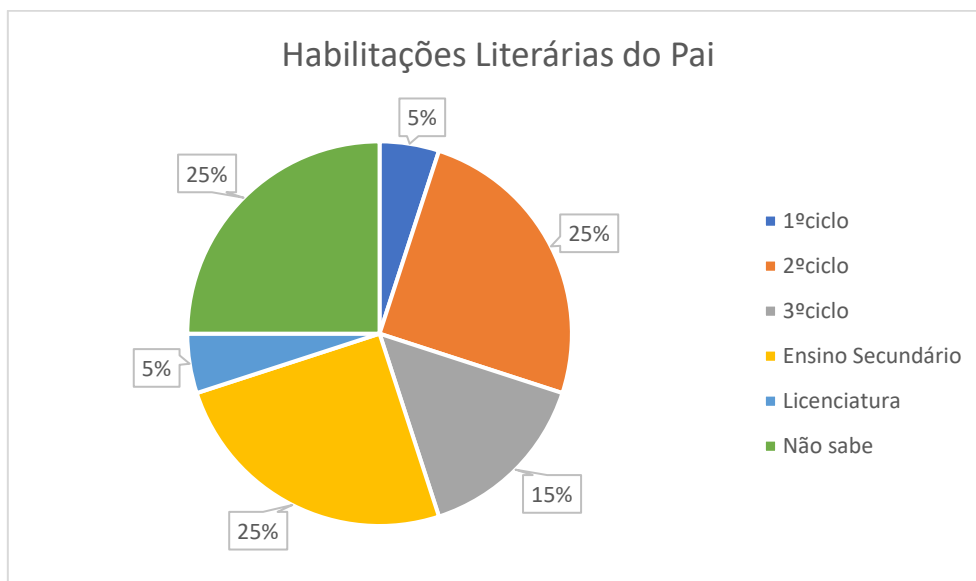
Figura 3: Habilitações literárias das mães dos alunos



Elaboração própria (2020)

A figura 4 indica que  $\frac{1}{4}$  da turma não conhece as habilitações literárias do pai e dos  $\frac{3}{4}$  que souberam responder à questão, concluímos que: 60% dos pais dos alunos apresentam habilitações abaixo daquilo que actualmente se considera a escolaridade obrigatória;  $\frac{1}{3}$  tem a escolaridade obrigatória e apenas 1 (6,7%) frequentou o ensino superior.

<sup>1</sup> Informação disponível em: <https://www.pordata.pt/DB/Portugal/Ambiente+de+Consulta/Tabela> (acedido a 25/07/2020)

Figura 4: *Habilitações literárias dos pais dos alunos*

Elaboração própria (2020)

Sabendo que 30% dos pais dos alunos têm habilitações iguais ou superiores à escolaridade obrigatória e comparando com a escolaridade da população adulta portuguesa (15-64 anos), analisamos que, os pais dos alunos da turma se encontram bastante abaixo dos valores nacionais. Sendo que, cerca de 53% da população adulta nacional tem habilitações iguais ou superiores à escolaridade obrigatória. Verificamos ainda, através dos dados disponíveis, que as mães dos alunos têm mais habilitações que os pais. Já esta última comparação assemelha-se ao panorama nacional uma vez que existem mais senhoras com ensino superior completo do que homens.

De salientar que vários alunos, não só não sabem quais as habilitações literárias dos seus progenitores, como também não sabem fazer a distinção dos diferentes graus académicos (esta segunda afirmação foi obtida com base em episódios ocorridos presencialmente).

No Projecto Educativo do Agrupamento prevê-se que as turmas sejam constituídas com o número de alunos permitido por lei, atendendo à heterogeneidade de alunos por sexo, idade, apoios sociais, resultados e retenções. À entrada do 3º ciclo, na formação de turmas do 7.º ano, os alunos são distribuídos de acordo com a opção de

Língua Estrangeira II; subsequentemente, segundo a opção pela disciplina de oferta de escola. À partida, é dada continuidade às turmas constituídas no ano lectivo anterior durante o ciclo, sem prejuízo de eventual redistribuição do ou dos alunos, de acordo com eventuais indicações dos Conselhos de Turma do final do 3.º Período do ano lectivo anterior, professores de Educação Especial e o Psicólogo. As três turmas de 8º ano com que se trabalhou, são exemplo da necessidade de alteração das turmas dentro do ciclo de estudos, pois nenhuma delas manteve os seus integrantes como no ano anterior.

O subcapítulo que se segue refere-se a todas as turmas com as quais se trabalhou, desta vez reflectindo opinião pessoal.

### Reflexão sobre o carácter e funcionamento das turmas

---

Considera-se que a turma 8º X é bastante heterogénea, dado que agrega alunos de idades, comportamentos/personalidades, contextos socioeconómicos e rendimentos escolares bastante distintos. A turma revelou muitas vezes interesse pelos conteúdos leccionados na Geografia, ainda que por vezes fosse desviado pela imaturidade que a caracteriza. Este carácter essencialmente imaturo inibe por vezes o bom funcionamento da turma, traduzindo-se em cenários, por exemplo, de ausência de participação ou mesmo demonstração de desinteresse, recorrentes brincadeiras para com os colegas em momentos inoportunos e dificuldade do corpo docente na gestão da aula. Comparativamente com as outras duas turmas, considera-se que é nesta onde existe mais carência de estratégias de inclusão e empatia, uma vez que é onde se constata mais grupos entre os alunos e onde os comportamentos dos de alguns se revelam por vezes inibidores para outros.

A turma 8º Y revelou ao longo do ano lectivo ser curiosa, num sentido lato e, nomeadamente, revelou bastante interesse pela Geografia. Os alunos são quase todos muito participativos, afáveis e entreadjudam-se bastante. Estas atitudes predominantes, aliadas à humildade e proatividade de muitos, geraram um ambiente propício ao ensino e à aprendizagem. Os alunos têm à-vontade para colocar questões e fazer sugestões, o que facilita a experimentação de novas estratégias didácticas.

A turma Z apresentou autonomia, ritmo, resultados e interesse inferiores às duas turmas anteriores. Estas características reflectem-se substancialmente na qualidade da participação dos alunos, o que influencia, muitas vezes, a dinâmica e aprendizagem pretendidas. Alguns dos seus elementos revelam alguma dificuldade em gerir as suas emoções, o que se transpõe, por vezes, num relacionamento um pouco problemático entre colegas.

Finalmente a turma de 10º ano é composta essencialmente por alunas, sendo estas 14, e apenas 2 alunos do sexo masculino. De uma forma global é uma turma bastante acolhedora, interessada e pacata. Esta última característica, revela-se, por vezes, num alheamento ao que está a acontecer em sala de aula. Existe um núcleo pequeno de alunos bastante participativo, o que facilita a interacção. Os alunos revelaram dificuldade na escolha de fontes e informação e na expressão oral.

Seguidamente explora-se um pouco sobre agrupamento e um pouco da sua história.

---

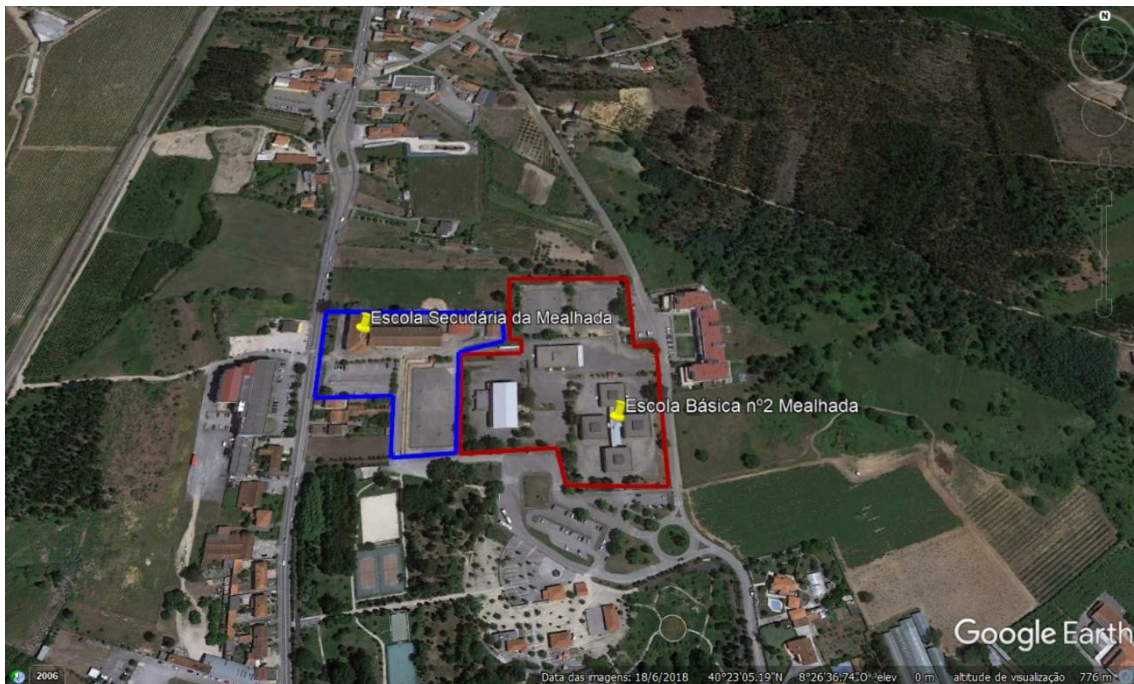
### A escola e o agrupamento

---

A Escola Básica nº2 da Mealhada é uma escola pública, que assume uma orientação para os valores públicos comuns, destinada ao ensino de 2º e 3º ciclos. Esta pertence ao Agrupamento de Escolas da Mealhada e encontra-se fisicamente próxima, até dentro do mesmo recinto, juntamente com a escola sede de agrupamento, a Escola Secundária da Mealhada.

A Figura 5 é uma imagem retirada do *Google Earth* onde é possível observar dois estabelecimentos de ensino, a Escola Básica nº2 da Mealhada e a Escola Secundária da Mealhada, respectivo recinto e área adjacente. Nestes decorreram as actividades intrínsecas ao estágio pedagógico.

Figura 5: Recinto das Escolas Básica nº2 e Secundária da Mealhada



Fonte: *Google Earth* (acedido a 25/05/2020)

Ainda que exista uma área limítrofe para cada um dos estabelecimentos de ensino, internamente os alunos de cada escola podem atravessar os espaços das duas escolas.

A Figura 6 é uma imagem da entrada principal do estabelecimento de ensino onde decorreram preponderantemente as actividades inerentes ao estágio pedagógico, na Escola Básica nº 2 da Mealhada.

*Figura 6: Escola Básica nº2 da Mealhada*

Fonte: Câmara Municipal da Mealhada (s/ data)

Considera-se que esta Escola carece particularmente de assistentes operacionais e de espaços recreativos confortáveis para os alunos. Aos discentes não lhes é permitido permanecerem nos corredores dos blocos, e o espaço do bar revela-se insuficiente como espaço recreativo para todos. Assim os alunos passam os seus intervalos nos espaços exteriores do recinto escolar, o que se revela pouco acolhedor especialmente no tempo de Inverno e quando chove, os jovens abrigam-se na cobertura superior que existe entre os edifícios.

Esta insere-se no Agrupamento de Escolas da Mealhada, código 161007, o qual sediado na Escola Secundária de Mealhada. O Agrupamento conta com o total de 15 estabelecimentos de ensino: Escola Secundária de Mealhada; Escola Básica de Antes; Escola Básica de Barcouço; Escola Básica de Casal Comba; Escola Básica de Luso; Escola Básica nº1 de Mealhada; Escola Básica nº1 de Pampilhosa; Escola Básica nº2 de Mealhada; Escola Básica nº2 de Pampilhosa; Jardim de Infância de Antes; Jardim de Infância de Canedo; Jardim de Infância de Carqueijo; Jardim de Infância de Casal Comba; Jardim de Infância de Pampilhosa e Jardim de Infância de Quinta de Valongo. A Escola

Básica nº2 da Mealhada ocupou a 113ª posição no ranking nacional das escolas em 2018. A Figura 7 apresenta as diferentes escolas que compõem o Agrupamento de Escolas da Mealhada, com os respectivos códigos de identificação e níveis de ensino.

Figura 7: Agrupamento de Escolas da Mealhada

Cód. DGEEC	Cód. IGeFE	Escola	Ensinos
111920	403908	<a href="#">Escola Secundária de Mealhada</a>	DE
111568	203907	<a href="#">Escola Básica de Antes, Mealhada</a>	B
111449	206581	<a href="#">Escola Básica de Barcouço, Mealhada</a>	B
111759	255191	<a href="#">Escola Básica de Casal Comba, Mealhada</a>	B
111226	230546	<a href="#">Escola Básica de Luso, Mealhada</a>	AB
111876	232245	<a href="#">Escola Básica n.º 1 de Mealhada</a>	AB
111001	294767	<a href="#">Escola Básica n.º 1 de Pampilhosa, Mealhada</a>	B
111869	343559	<a href="#">Escola Básica n.º 2 de Mealhada</a>	CD
111232	342506	<a href="#">Escola Básica n.º 2 de Pampilhosa, Mealhada</a>	CD
111515	602462	<a href="#">Jardim de Infância de Antes, Mealhada</a>	A
111890	607230	<a href="#">Jardim de Infância de Canedo, Mealhada</a>	A
111527	607551	<a href="#">Jardim de Infância de Carqueijo, Mealhada</a>	A
111368	608427	<a href="#">Jardim de Infância de Casal Comba, Mealhada</a>	A
111110	623350	<a href="#">Jardim de Infância de Pampilhosa, Mealhada</a>	A
111591	627008	<a href="#">Jardim de Infância de Quinta do Valongo, Mealhada</a>	A

A -> Pré-escolar; B -> 1.º Ciclo; C -> 2.º Ciclo; D -> 3.º Ciclo; E -> Secundário; M -> Artístico; O -> Profissional;

Fonte: Inspeção-Geral da Educação e Ciência (acedido a 19/04/2020)

As escolas da Mealhada são descendentes de três colégios já existentes. Inicialmente, o primeiro Colégio na Mealhada iniciou as suas funções em 1909, tendo lugar na antiga Rua dos Carris. Posteriormente, nos anos 50, um novo edifício dá lugar a este, denominado de Externato D. Afonso Henriques. A elevada procura, a falta de condições e o surgimento de novas exigências levaram o Ministério da Educação Nacional a intentar o encerramento do mesmo. A união de esforços vingou e conseguiram-se reunir condições para a construção de um novo Colégio da Mealhada. A inauguração deste, data no dia 6 de Outubro de 1963. Anos mais tarde (1972/1974), o colégio adquiriu carácter público, albergando as secções de Ensino Liceal e Técnico. Na sequência deste último foram criadas as Escolas da Mealhada como temos actualmente. A escola “mãe” do agrupamento iniciou as suas actividades no ano de 1975, contando com 500 alunos, 13 professores, 8 auxiliares e 1 funcionário administrativo.

Para uma melhor compreensão do conteúdo envolvente da escola e dos alunos, segue-se um enquadramento geográfico da área da Mealhada.

## Enquadramento geográfico

---

A Escola Básica nº2 da Mealhada, localizada na Avenida das Escolas, 3050-356 Mealhada.

A Mealhada é sede de um concelho da região Centro de Portugal desde 1836 e cidade desde 26 de Agosto de 2003. Situada na Beira Litoral, é limitada a Norte por Anadia, por Mortágua e Penacova a Este e ainda por Cantanhede a Sul, esta encontra no limite Sul do Distrito de Aveiro. A cidade da Mealhada logra de uma localização privilegiada, distando menos de uma hora de Aveiro (capital de distrito), bem como da Figueira da Foz, a 20 minutos de Coimbra, uma hora da cidade do Porto, duas horas de Lisboa

Com uma densidade populacional de 179,9 indivíduos por quilómetro quadrado, a sua população tem níveis de escolaridade próximos da média nacional. Esta área é influenciada por dois distritos: Aveiro, do qual faz parte administrativamente e Coimbra, que exerce maior influência, dada a maior proximidade geográfica, pela sua importância, uma vez que é a principal cidade da região centro e as ligações de mobilidade profissional são mais intensas.

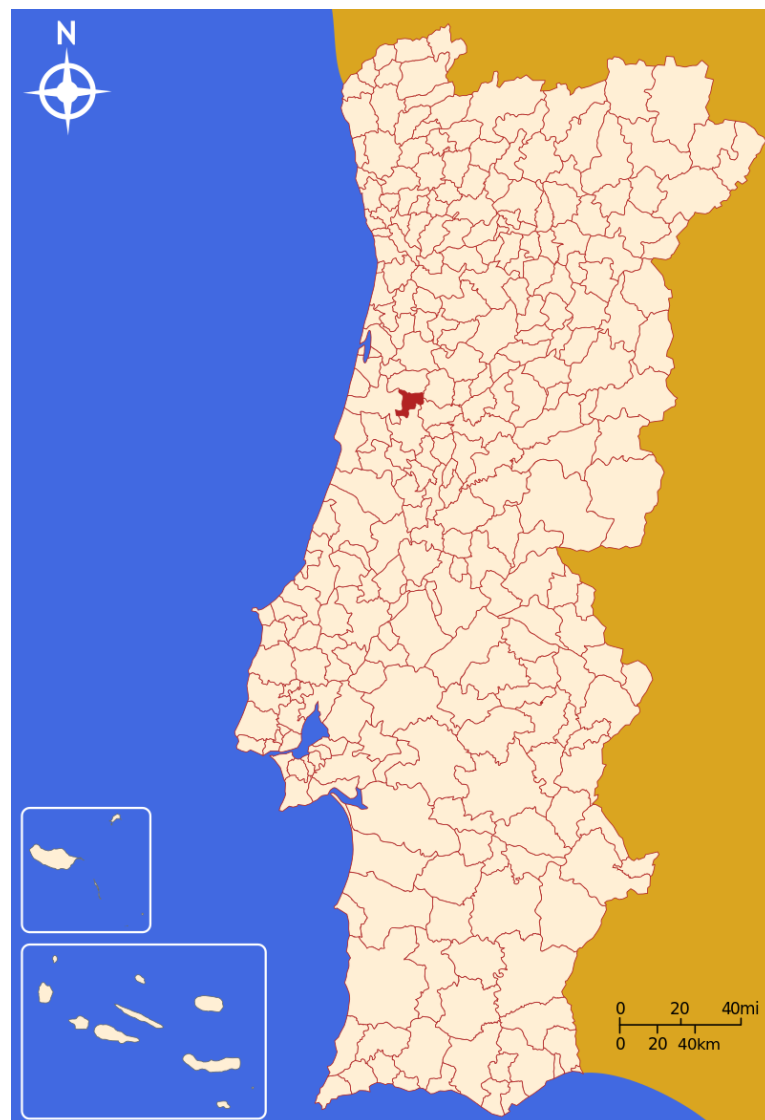
O Município da Mealhada engloba uma área de 110,7Km<sup>2</sup> e conta com aproximadamente 20.000 indivíduos, com uma densidade populacional de 164,4 hab/Km<sup>2</sup>, segundo os dados de 2011. Comparativamente aos dados de 2010, este município tem vindo a perder população nacional e estrangeira e regista-se ainda uma tendência para o seu envelhecimento (Pordata, 2020). Pertencentes à Mealhada tínhamos 8 freguesias: Mealhada, Antes, Barcouço, Pampilhosa, Casal Comba, Ventosa do Bairro, Luso e Vacariça, as quais foram reduzidas para 6 uma vez que Ventosa do Bairro e Antes se anexou à Mealhada, passando agora a União das Freguesias da



Mealhada, Ventosa do Bairro e Antes. O município situa-se na zona centro do país, especificamente no extremo Sul do distrito de Aveiro. No que concerne à divisão administrativa NUTS III, localiza-se na Região de Coimbra.

A Figura 8 representa Portugal dividido em concelhos, com destaque para o concelho da Mealhada.

*Figura 8: Localização da Mealhada no mapa de Portugal*



Fonte: Wikipédia (2020)

Este concelho é atravessado pela A1 com acesso pelo nó da Mealhada, pelo IC 2, pela Estrada Nacional 234, entre Mira e Mangualde, e por uma ampla rede viária municipal que abrange todas as suas freguesias. Conta ainda com as linhas ferroviárias do Norte e da Beira Alta e pelo Ramal da Figueira da Foz, que se cruzam na estação da Pampilhosa.

Em termos económicos esta área está, ainda hoje, muito ligada à forte tradição agrícola, destacando-se a produção vitivinícola dos vinhos da Bairrada. A indústria das bebidas representa actualmente cerca de 65% do total da produção industrial do Concelho, valor que espelha o destaque do sector na economia local. De realçar ainda os sectores industriais da metalomecânica e da cerâmica<sup>2</sup>.

Destaque ainda para a riqueza patrimonial, o município da Mealhada conta com o *Palace Hotel* do Bussaco, o Mosteiro da Vacariça, a Casa Rural Quinhentista, na Pampilhosa do Botão, o Museu Militar, o Convento de Santa Cruz, no Buçaco e ainda inúmeros chalés do início do século XX. A Mata Nacional do Bussaco, bem como o Convento, tiveram início com a Ordem dos Carmelitas Descalços no século XVII e é o ex-libris do concelho, com grande riqueza também em termos de biodiversidade, é candidata a Património Mundial da UNESCO.

No que concerne a migrações, nomeadamente aos tipos de migrações quanto à variável “espaço geográfico”, no distrito de Aveiro, de acordo com os dados de 2011, disponíveis no PORDATA, podemos analisar que: da população residente, 78 450 indivíduos, dos quais, uma vasta maioria de 74 307 indivíduos, nunca mudou de município; 2 571 indivíduos são provenientes de outro município e apenas 666 indivíduos são imigrantes provenientes de outro país. Relativamente à imigração, a população estrangeira com estatuto legal de residente, em percentagem com a população residente na Mealhada, no ano de 2018, esta representava 1,6%, com 4 104 indivíduos estrangeiros. Estes valores percentuais são inferiores aos do país, que apresenta 4,6% de população estrangeira com estatuto legal de residente. Como veremos mais à frente na Figura 21, Aveiro é o 6º distrito que mais recebe imigrantes.

---

<sup>2</sup> Câmara de Comércio e de Indústria do Distrito de Aveiro

Dos estrangeiros a residir neste distrito predominam os de nacionalidade Brasileira, Ucraniana e Chinesa (Pordata)<sup>3</sup>.

## Metodologia

---

Houve a pretensão com este estudo de analisar a eficácia da empatia e da dramatização, enquanto estratégia didáctica, entre os estudantes do ensino básico, mais concretamente, alunos do 8º ano, aplicado ao conteúdo da mobilidade da população. O foco em causa é o conteúdo referente aos fluxos migratórios em Portugal – imigração e emigração. A actividade apresenta a seguinte sequência:

1ª fase) Momento-Exploratório – Esta fase, decorreu desde os primeiros contactos com os elementos da turma, até à escolha da estratégia didáctica. Consistiu na maior recolha de informação possível sobre os alunos e do funcionamento da turma. O levantamento e tratamento de dados foi feito através de análise empírica nas aulas; recolha de opiniões inerente às turmas em causa no corpo docente; e ainda através de conversas informais com os discentes. Optou-se por fim pela “Empatia e Dramatização”.

2ª fase) Momento-Diagnóstico – Nesta fase aplicou-se um questionário por entrevista, desenvolvido como meio para os seguintes fins: avaliação diagnóstica; averiguar relações de proximidade relativas ao temas das migrações; conhecer os destinos dos fluxos migratórios que são efectuados pelos seus familiares/conhecidos dos alunos; saber se os alunos conhecem a realidade dos migrantes que lhes são próximos; entender quais as suas ideias sobre as consequências das migrações, detectar eventuais preconceções e respectivas origens; conhecer o peso que a comunicação

---

<sup>3</sup> Informação disponível em: <https://www.pordata.pt/DB/Municipios/Ambiente+de+Consulta/Tabela> (acedido a 13/07/2020)

social tem na formação de opiniões; despertar o interesse dos alunos e dar início ao processo de criação de empatia, apelado à ampliação da consciência dos alunos através do conhecimento da situação do “outro”. Para além dos dados recolhidos, os alunos começam aqui a ter contacto com o assunto e eventualmente apercebendo-se de que existem temas bastante presentes e pelos quais ainda não se tinham debruçado.

3ª fase) Momento-Acção/Pesquisa – Com base no conhecimento prévio sobre o desempenho e carácter dos alunos, foram elaborados grupos de forma a que estes ficassem tão heterogéneos e funcionais quanto possível. Divide-se então cada turma em grupos de trabalho, os quais serão compostos nunca por menos de 3 e não mais do que 4 elementos. Definiram-se 6 temas, 3 de emigração e 3 de imigração, tantos quantos os grupos de trabalho, de forma a que cada grupo se encarregue de desenvolver um tema. As atribuições são aleatórias, no entanto, possíveis de serem discutidas. Assim os alunos iniciam os seus trabalhos de pesquisa, sabendo que têm de estar aptos, pelo menos, a dar resposta ao Guião para a Elaboração da Personagem (Anexo VII). Como esta é uma estratégia que apela à criatividade dos alunos, o preenchimento do referido Guião é algo muito subjectivo que irá depender da pesquisa e de pré concepções dos elementos do grupo sobre o fluxo migratório em causa.

4ª fase) Momento - Acção/Dramatização - Cada grupo, faz a sua apresentação, devendo cada elemento ter a sua própria personagem. Inicialmente espera-se que haja uma apresentação e localização dos países de origem e de chegada, com indicação de traços físicos e culturais dos mesmos. Posteriormente, cada aluno apresenta individualmente a sua personagem, dando-lhe uma identidade e uma história que seja representativa da realidade dos fluxos migratórios existentes. Nesta fase proceder-se-á a uma avaliação, tendo em conta o domínio dos conteúdos, a comunicação, o empenho e autonomia e criatividade (Anexo VIII).

5ª fase) Momento-Reflexão – Este momento serve para analisar e desmistificar as personagens desenvolvidas pelos alunos. Ainda nesta fase, decorre o preenchimento de um questionário que pretende qualificar e justificar a satisfação de cada aluno relativamente à estratégia. Interessa avaliar se esta actividade gerou envolvimento e se tornou, de facto, a aprendizagem mais fácil.

Segue-se a Figura 9 que pretende organizar os momentos descritos de uma forma cronológica.

*Figura 9: Cronograma da Metodologia*



Elaboração própria (2020)

A empatia é o elemento que não se localiza num momento próprio, pois é um objectivo com várias vertentes, o qual se estende ao longo de todo o procedimento. Pretende-se que os alunos adquiram ferramentas a partir da fase diagnóstica (2ª fase) e logo de todo o processo descrito. Esta competência é estimulada a partir do momento em que o docente analisa o tipo e as carências que abrangem os seus alunos e planeia as suas aulas de respectivamente. Também quando se procede à apresentação dos conteúdos aos alunos, apelando a que estes os revejam nas suas relações próximas.

Quando se coloca os alunos a elaborar e apresentar trabalhos em grupo, ainda para mais tendo em conta a vertente lúdica da Dramatização. E finalmente quando se pede aos discentes que tratem de conhecer as condições de origem e de acolhimento dos migrantes, como as dos próprios indivíduos e se façam passar pelos mesmos. Deste modo pretende-se que esta apetência seja trabalhada até à conclusão da actividade através da dinâmica do trabalho em grupo e da dramatização, sabendo que ao envolver os alunos enquanto conjunto, auxilia-os nas inter-relações, através da empatia.

## Parte II

---

### Enquadramento Científico

## A mobilidade e as migrações no ensino da geografia

---

Os conceitos advindos das migrações colocam-nos temporalmente no mundo recente, prescindindo nesta temática dos conceitos de “invasão”, “conquista” e “colonização” característicos de um passado histórico.

Os fluxos migratórios são um dos fenómenos mais relevantes do mundo actual e são estudados por várias áreas das ciências sociais, das quais a Geografia, pois relaciona-se fundamentalmente com dinâmicas territoriais: transportes, acessibilidades e população. A evolução da tecnologia reduz drasticamente a sensação de distância física, cria também a possibilidade dos nossos alunos percepcionarem as substanciais diferenças entre culturas e civilizações. As migrações são um fenómeno global, que fazem parte da história de todos os países, das “suas” pessoas, mexendo com a dimensão e caracterização da sociedade, das relações internacionais e com as economias, para além de que revelam ainda uma dinâmica ascendente, não estivesse também a aumentar a população mundial. Assim, este é um assunto do foro demográfico, económico, político, psicossocial e sociológico (Jansen, 1969) *apud* (Peixoto, 2004).

Os indivíduos desenvolvem afectividade pelo espaço geográfico que habitam. No caso dos indivíduos migrantes, estabelecem também sentimentos por ambos os espaços, o de origem e de acolhimento, sendo esses espaços geográficos carregados de significações socioculturais. Este tipo de movimento realizado por tantas pessoas, transcende a individualidade e acaba por geral/alterar a relação entre os espaços em si, bem como das suas sociedades e economias.

As nossas turmas são resultado deste tipo de dinâmica, por isto, o Ensino das Migrações, englobou para além do objectivo primário da transmissão de conhecimento científico presente no programa da disciplina, o propósito de incentivar os alunos a relacionar estes novos conhecimentos com outros assuntos do quotidiano, formulando pensamentos críticos, alertando para a gravidade das frequentes tomadas de opinião de tantos cidadãos que não se encontram devidamente informados e o possível impacto das mesmas.



No sentido em que se considera importante conhecer o real sentido dos conceitos, para que estes não se desvirtuem e se complexifiquem, procurou fazer-se no subtema que se segue uma discussão conceptual do principal conceito deste trabalho, “migração” e posteriormente de “deslocado”.

## Discussão conceptual sobre “migração”

---

### **mi·gra·ção<sup>4</sup>**

(latim *migratio*, *-onis*, passagem de um lugar para outro), nome feminino.

- Acto ou efeito de migrar.
- Acto de passar de um país ou de uma região para outro.
- Conjunto de viagens periódicas de certas espécies de animais, consoante as estações do ano e as condições climáticas.

O conceito “migração” é gerador de alguma controvérsia, não havendo consenso na sua definição em termos de distância e duração, o que por consequência limita o rigor na sua contabilização (Nolasco, 2016). O referido autor indica ainda que, os termos desta área vocabular são comumente banalizados ao ponto de serem assumidos de forma acrítica e simplista. Também pela diversidade de factores que se encontram na origem deste fenómeno, não existe ainda uma teoria geral das migrações (Jansen, 1969) apud (Figueiredo, 2016). Por consequência, outros conceitos relacionados tornam-se também, por vezes, ambíguos. Posto isto, apresenta-se a visão da Organização Internacional para as Migrações (OIM) que define migrante como “qualquer pessoa que se mude ou se desloque através de uma fronteira internacional ou dentro de um Estado longe do seu local habitual de residência, independentemente do estatuto legal da pessoa; do movimento ser voluntário ou involuntário; das causas do movimento; ou da duração da estadia”. Esta definição não faz qualquer referência em termos temporais.

---

<sup>4</sup> Dicionário Priberam

No entanto, a noção de “imigrante”, segundo a Organização das Nações Unidas (ONU, 2009), refere-se apenas a pessoas que efectuam um movimento de fronteira e/ou de entrada e fixação por um período superior a um ano num país diferente do seu país de origem.

Um conceito que comumente é desvalorizado, mas que se revela importante, principalmente quando abordado no contexto migratório português, é o conceito de migração de retorno - “Movimento de uma pessoa que regresse ao seu país de origem ou de residência habitual, geralmente após pelo menos um ano noutra país. O retorno pode ou não pode ser voluntário” (Lopes, 2014).

É ainda relevante a posição de Bartram, Poros e Monforte (2014), que se referem ao termo, na dimensão internacional, como sendo o movimento/mobilidade de indivíduos para outro país que não o original, levando à mudança de residência, tanto numa perspectiva temporária como permanente. Segundo os autores, é um conceito que está intimamente ligado à “diáspora”, tendo em conta que o prolongamento deste movimento no tempo e no mesmo espaço, gera a coesão de grupos da mesma nacionalidade, que perseveram na manutenção da identidade social e na ideia de pertença a um território/nacionalidade.

Uma vez que “migração” implica a transposição de fronteiras internacionais segue-se discussão sobre o conceito de “deslocado”.

#### **des·lo·ca·do<sup>5</sup>**

(particípio de deslocar), adjectivo e nome masculino.

- Que ou quem é forçado a abandonar a sua região, sem atravessar uma fronteira internacional, por motivo de guerra, desastre natural, perseguição política, religiosa, étnica, etc.

Afastamento forçado de uma pessoa, da sua casa ou país de origem, frequentemente, por razões de conflito armado ou devido a desastres naturais (ONU, 2010).

---

<sup>5</sup> Dicionário Priberam

A definição de deslocado é relativamente consensual no que concerne à motivação, no entanto, não é unânime a informação quanto ao espaço fronteiriço. Assim será tido em conta a definição da ONU, que se revela mais abrangente e adequada.

Em suma, sendo este um assunto de teor internacional, impactante para os demais países e que envolve cada vez mais indivíduos, impõe-se assim a necessidade de uma coesão global ao nível das questões de metodologia de contabilização dos migrantes e do cruzamento de dados. Considera-se também necessário, maior predisposição e colaboração entre os países, para a gestão dos fluxos migratórios e, primordialmente, a atribuição de Direitos, nomeadamente, os Direitos Fundamentais do Homem, a todos os indivíduos, seja em que país for, para a atribuição de soluções dignas a problemas advindos destes fluxos.

Segue-se um subcapítulo que se dedica essencialmente a explorar fluxos migratórios internacionais contemporâneos.

### Um olhar sobre a geografia das migrações contemporâneas

---

A partir de uma perspectiva europeia, é possível exemplificar que os movimentos migratórios atravessaram etapas distintas do ponto de vista do espaço geográfico, ao longo do século XX, escala transatlântica e intra-europeia. Primeiramente, até à Segunda Guerra Mundial, registam-se as migrações transatlânticas, caracterizadas, essencialmente, pela saída de milhões de europeus que se dirigiram ao continente americano e à Oceânia. Após este marco histórico, a necessidade de reconstrução da Europa foi fundamento para direccionar os fluxos migratórios, assim estes ocorreram sobretudo dentro do velho continente (Padilla e Ortiz, 2012).

As migrações internacionais e mobilidade populacional, de uma forma geral, ganham ainda maior relevância no século XXI (Silva, 2007), pelo encurtamento das distâncias e conseqüente aproximação dos espaços e também pelo aumento da população e das desigualdades. Estes têm-se revelado progressivamente mais intensos e complexos (Oliveira, 2020) e são também conseqüência de um conjunto de aspectos

inerentes aos países de origem e de destino. Neste contexto indicam-se políticas gerais, regulamentações das migrações, valores demográficos, redes migratórias, mercados de trabalho que se formam (Padilla e Ortiz, 2012) e recentemente de forma mais significativa por causa de conflitos.

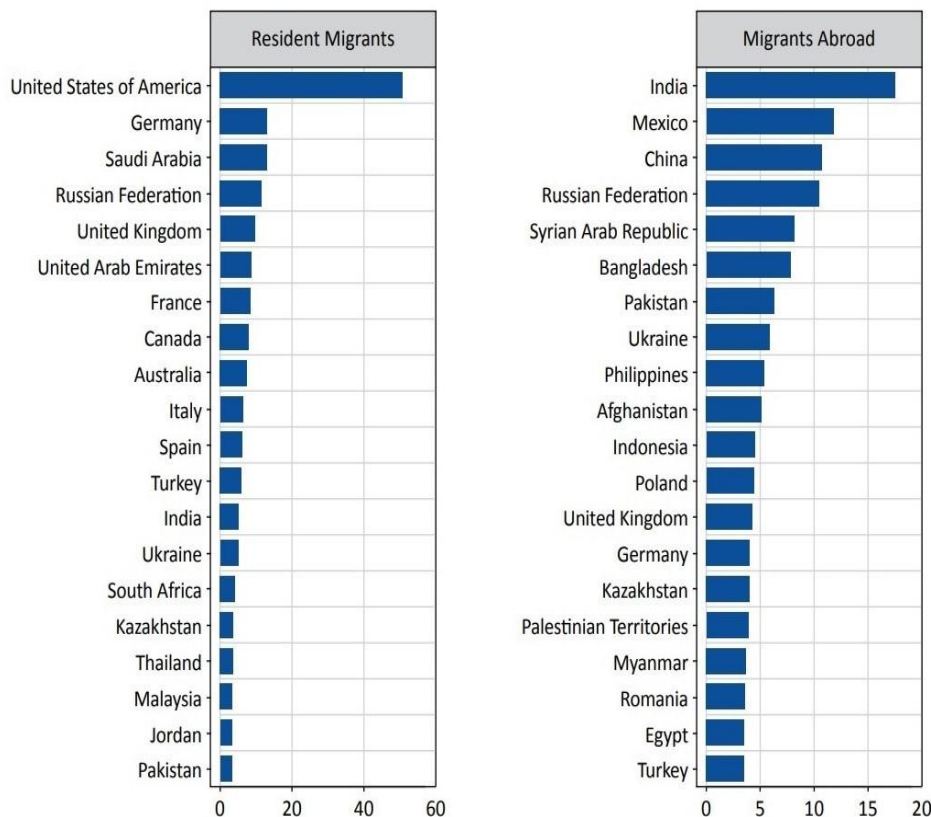
Da perspectiva dos indivíduos são essencialmente tidas em conta questões de bem-estar financeiro, laboral, social, comunitário e físico, correlacionados com o nível de desenvolvimento dos países. Dada a conjuntura deve distinguir-se os fluxos impulsionados por decisão voluntária do próprio migrante e as situações forçadas.

Segundo dados fornecidos pela Organização Internacional para as Migrações (OIM), o planeta contava, em 2019, com cerca de 272 milhões de migrantes internacionais, o que significa 3,5% do total da população. Tanta quantidade de indivíduos são naturalmente uma população bastante heterogénea, no entanto, podemos assinalar tendências. 74% desta população enquadra-se em idade activa (o período correspondente à idade activa não é consensual, aqui considera-se dos 20 aos 64 anos); grande parte tem um propósito comum, o trabalho; quase 2/3 dos migrantes internacionais são motivados por causas laborais; as diferenças de género não são significativas, sendo que 52% eram do sexo masculino.

Actualmente, não só mais de metade da população mundial reside na região da Ásia (cerca de 4,6 mil milhões de pessoas), como também, esta é a região onde o crescimento populacional é mais acelerado, tendo registado um aumento de 440 milhões de pessoas nos últimos 10 anos (2009-2019). Este continente é composto, na sua maioria, por países com baixos níveis de desenvolvimento e vários países desta região apresentam também fortes problemáticas associadas à pressão demográfica (ONU, 2020). Por estes motivos, são grande parte dos países que mais emitem migrantes internacionalmente (Figura 10). Ainda assim, países mais desenvolvidos economicamente exibem, também eles, actualmente, números elevados de população emigrante, como a Índia, China e Federação Russa, uma vez que desenvolvimento económico nem sempre é sinónimo de desenvolvimento humano.

Os países mais emissores de migrantes internacionais são a Índia, com 17,5 milhões de residentes no estrangeiro; o México com 11,8 milhões e a China com 10,7 milhões (Figura 10).

Figura 10: Principais destinos e origens de migrantes internacionais (milhões) em 2019

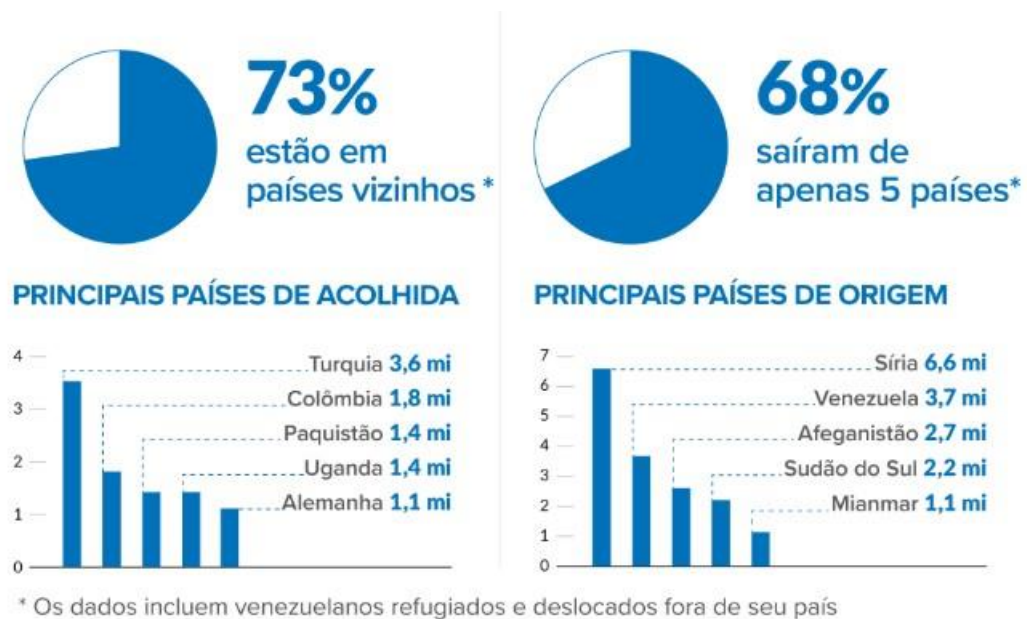


Fonte: UN DESA (2019), referenciado por *World Migration Report* (2020)

Relativamente aos locais de destino, os migrantes internacionais são movidos fundamentalmente, como foi referido, por questões económicas, notando-se assim preferência por países economicamente mais fortes. Estima-se que 2/3 desta população se encontre a residir em países com fortes dinâmicas económicas, como os Estados Unidos da América, Alemanha, Arábia Saudita e Federação Russa (Figura 10). A meio da tabela encontram-se a Itália e a Espanha, países que foram fortemente afectados pela crise financeira de 2008, onde o desemprego se impôs com um dos maiores problemas para os países, e onde a recepção de imigrantes tem gerado muita controvérsia (EUROSTAT, 2016) apud (Silva, Queiróz e Ferreira, 2016). No entanto, não são todos os que conseguem efectuar esta travessia de forma ponderada e livre, para um destino da sua preferência, principalmente, quando provenientes de meios onde a pobreza e/ou a violência são de tal forma extremas que, urge aos indivíduos migrar, como são

exemplos, as situações vividas na Síria, Venezuela, Afeganistão, Sudão do Sul e Mianmar. Nestes casos, muitas vezes, a migração é feita de forma forçada, para países vizinhos, pois o critério fundamental é a proximidade geográfica, como são exemplos destinos como a Turquia, Colômbia, Paquistão e Uganda, como está representado na Figura 11.

Figura 11: Acolhimento e origem de deslocados



Fonte: ACNUR<sup>6</sup>

À margem destas dinâmicas existe ainda a Coreia do Norte, o único país que, assumidamente, impede a saída dos seus cidadãos e restringe fortemente os passos de quem entra no país.

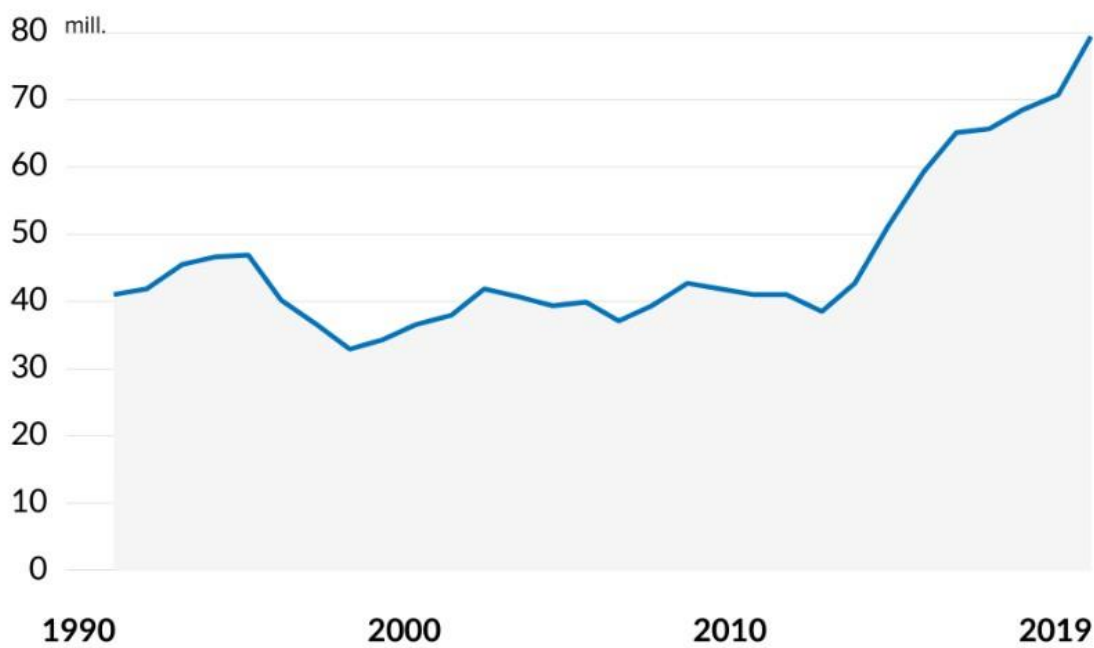
Como referido anteriormente, nem sempre estas travessias são feitas de forma espontânea, pelo que, grande parte dos migrantes são deslocados<sup>7</sup>. A Figura 12 apresenta um gráfico que ilustra a evolução do número de deslocados no mundo, de

<sup>6</sup>Informação disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/dados-sobre-refugio/> (acedido a 25/07/2020)

<sup>7</sup> Afastamento forçado de uma pessoa, da sua casa ou país de origem, frequentemente, por razões de conflito armado ou devido a desastres naturais (OIM). Informação disponível em: <https://publications.iom.int/system/files/pdf/iml22.pdf> (acedido a 26/07/2020).

1990 a 2019. Nestes últimos 10 anos, cerca de 100 milhões tornaram-se deslocados, o número mais elevado desde que existem registos.

*Figura 12: Evolução do número de deslocados (1990-2019)*



Fonte: ACNUR<sup>8</sup>

De 1990 até por volta de 2010, o gráfico apresenta um comportamento relativamente estável porque, apesar de novas deslocações terem continuado, simultaneamente muitas pessoas deslocadas acabaram por ser repatriadas, construíram casas permanentes nos seus locais de acolhimento ou reassentaram em países terceiros. Após eventos como as primeiras guerras nos Balcãs e o genocídio do Ruanda, os números registados de deslocamento global foram abaixo de 40 milhões, indo até aos 34 milhões em 1997. Entre 2000 e 2009, o número de deslocados variou entre 37 e 42 milhões. Em 2011 os números referentes aos deslocados dispararam coincidindo com o início da guerra civil na República Árabe da Síria.

<sup>8</sup> Informação disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/dados-sobre-refugio/> (acedido a 25/07/2020).

Até ao fim do ano de 2019, 79,5 milhões de pessoas no mundo foram forçadas a deixar o seu local de residência habitual. Estas representam cerca de 1% da população mundial (Figura13), ou seja, 1 pessoa em cada 97, é forçada a abandonar o seu local habitual de residência. A ACNUR segrega estes valores em: 45,7 milhões de pessoas deslocadas internamente; 26 milhões de refugiados; 4,2 milhões requerentes de asilo; e ainda distingue, 3,6 milhões de indivíduos venezuelanos deslocados no exterior. O número de crianças deslocadas situa-se entre os 30 e os 34 milhões, das quais vários milhares se encontram sem tutores.

Figura 13: Percentagens globais relativas a deslocados



Fonte: ACNUR<sup>9</sup>

Nos últimos dois anos, verificaram-se vários episódios impactantes com deslocados, que carretaram grandes dificuldades, incluindo perda de vidas. Como resultado de conflitos, por exemplo, decorreram vários milhares de deslocados com origem na República Árabe da Síria, República Centro-Africana, República Democrática do Congo e Sudão do Sul; forçados por questões de violência extrema, ocorreram

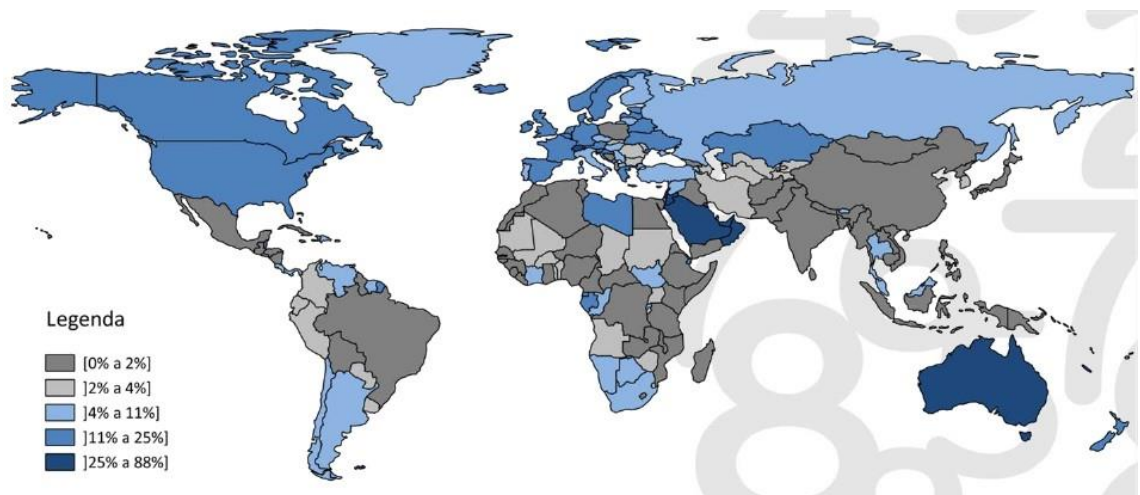
<sup>9</sup> Informação disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/dados-sobre-refugio/> (acedido a 25/07/2020).



perseguições contra os rohingya, os quais muitos fugiram para o Bangladesh; como exemplo de grave instabilidade económica e política, existe o caso da Venezuela que resultou em milhões de refugiados; e ainda como exemplo de deslocados por causas ambientais, houve o caso de Moçambique, Filipinas, China e Índia (International Organization for Migration, 2020). Sendo um fenómeno tão abrangente e impactante, eleva-se a questões políticas de alta prioridade.

A Figura 14 apresenta um mapa que destaca os países, em 5 patamares distintos, consoante a percentagem de população estrangeira.

*Figura 14: Percentagem da população imigrante (nascida no estrangeiro) no total da população de cada país do mundo, a 1 de Julho de 2019*



Fonte: Divisão de População da Organização das Nações Unidas (sistematização e mapa de Tiago Santos), retirado de (Oliveira e Gomes, 2019).

Segundo dados da ONU, os países com maior percentagem de imigrantes no total da sua população são: os Emiratos Árabes Unidos (87,9%), o Qatar (78,7%), o Kuwait (72,1%), Mónaco (68%) e o Liechtenstein (67%). Todos estes países têm mais moradores estrangeiros do que nativos. Outros países, que na linguagem comum são mencionados como destinos de imigração, demonstram importâncias relativas de imigrantes bastante surpreendentes, nomeadamente, Luxemburgo (47,4%), Austrália (30%), Suíça (29,9%), Nova Zelândia (22,3%), Canadá (21,3%).

Noutro extremo, encontram-se países como Cuba (0%), China (0,1%), Vietname (0,1%), Madagáscar (0,1%) e Indonésia (0,1%) com menor percentagem de imigrantes na sua população total. Podemos ainda verificar que os três países mais emissores de migrantes Índia, China e México, têm em comum percentagens muito baixas de população imigrante.

As migrações são um fenómeno multidimensional com impactos fortes e muito variados. Assim, exigem adaptações por parte dos Estados. Não estando definida, e não sendo talvez possível, uma actuação plenamente ética, revela-se ser um dos desafios para os Estados tanto de origem, como de acolhimento. Os centros urbanos são as principais áreas de recepção de migrantes, tendo que gerir a pluralidade de indivíduos, culturas, religiões e identidades que albergam, promovendo a coesão social a diferentes escalas (Góis, 2019).

Matias (2016) agrupa os efeitos benéficos das migrações, reforçando que engloba todo o tipo de migrantes, nas sociedades ocidentais enquanto locais de acolhimento, nos três níveis seguintes:

1. No primeiro nível temos o plano económico-financeiro onde o acolhimento de estrangeiros residentes se revela benéfico, na medida em que, estes contribuem para uma maior colecta de impostos sobre o rendimento e sobre o consumo; dado o envelhecimento das sociedades europeias e o combate ao mesmo que a população migrante representa, contribuído para a sustentabilidade da segurança social; uma vez que é comum existir uma relação entre a recepção de migrantes e dinamismo económico e ainda porque se verifica uma propensão por parte dos migrantes para o empreendedorismo.
2. Apresenta também um plano demográfico, o qual é mais direccionado para as sociedades envelhecidas da Europa e fundamentalmente para o caso Português que tem sido afectado por um duplo envelhecimento, pela via da natalidade e pelo saldo migratório negativo. Neste caso, as políticas de incentivo à natalidade têm-se revelado insuficientes e uma

medida pouco imediata, já a imigração torna-se imediata e duplamente eficaz, na medida em que migram essencialmente pessoas em idade activa e reprodutiva.

3. Por fim, o plano cultural com o fundamento de que a recepção de migrantes promove o enriquecimento cultural do país e das sociedades, visto que estas se tornam mais complexas, abertas, dinâmicas, tolerantes e despertas para a diversidade do mundo onde vivem.

A sustentabilidade demográfica e as imigrações encontram a sua harmonia na noção de migrações de substituição. Segundo a ONU<sup>10</sup> este conceito define-se como a proporção de migrantes necessários para contrariar tanto os declínios populacionais (associados à quebra de nascimentos e da população activa) como o envelhecimento da população de cada país. A Bielorrússia, Alemanha, Itália e Rússia são exemplos onde o volume da imigração foi suficiente para compensar os saldos naturais negativos e manter o crescimento da população em níveis positivos ao longo da última década. Esta dinâmica é até reconhecida no âmbito da Estratégia de Desenvolvimento Sustentável da União Europeia. Pelo contrário, existem situações de alívio da pressão demográfica nos países de origem, uma vez que muitos destes registam fortes ritmos de crescimento demográfico

Como nem sempre os impactos são vantajosos para todas as partes, a título de exemplo, apresentam-se as seguintes situações:

- a) Geralmente os migrantes têm trabalhos inferiores aos correspondentes com os seus níveis de qualificação, o que se traduz num desaproveitamento de competências, denominado *brain waste*. Isto é ainda mais recorrente com mulheres migrantes, sendo que estão frequentemente sujeitas a condições de emprego ainda mais vulneráveis; recebendo, muitas vezes, salários menores, envolvidas em formas irregulares de emprego, especialmente na economia paralela, em serviços de limpeza e assistência. A exploração pode assumir diversas formas, nomeadamente, salários desfavoráveis, sobrecarga no horário laboral, árduas condições de trabalho e alojamentos precários.

---

<sup>10</sup> Organização das Nações Unidas.

- b) Outro cenário possível é a chamada *fuga de cérebros*, no caso dos migrantes qualificados que nunca retornam ao seu país de origem onde, muitas vezes, beneficiou de apoios do Estado, o qual não terá o retorno desse investimento (Figueiredo, 2005; Ruggy, 2000) apud (Lopes, 2014). No caso português temos o exemplo significativo dos enfermeiros, os quais sentem ausência de contratação e condições de trabalho. Estes sentem que a sua profissão é mais valorizada no estrangeiro. Esta emigração é feita tendencialmente para o Reino Unido e Espanha (Nunes, 2020).

Numa análise global e simplista surge a necessidade de analisar a contraproducência da seguinte situação: em sociedades com os mais elevados Índices de Desenvolvimento Humano, capazes de proporcionar as melhores condições de vida, muitas vezes, discute-se a necessidade de investimento em políticas natalistas. Coincidentemente verifica-se um aumento drástico da população mundial, pondo em causa a gestão dos recursos naturais. Concomitantemente 1 em cada 97 indivíduos (ACNUR)<sup>11</sup> é forçado a sair do seu local de residência, e muitos acabam por ser acolhidos num país onde os recursos alimentícios já se encontravam em défice.

---

### Riscos sociais associados às migrações

---

*“O risco é um estádio intermédio entre a segurança e a destruição, e a percepção dos riscos ameaçadores determina o pensamento e a acção”.* (Beck, 1992) apud (Mendes, 2015)

Actualmente vive-se numa época marcada pela evolução científica e tecnológica, as quais, segundo Beck (1992) apud (Mendes, 2015; Rego, 2008), proporcionam um conjunto de riscos, notadamente: riscos ecológicos; precarização generalizada das

---

<sup>11</sup> Informação disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/dados-sobre-refugio/> (acedido a 25/07/2020).

condições de existência; inconstância dos princípios de empregabilidade; individualismo; desigualdade social; e insegurança, as quais afectam significativamente o contexto social, notando-se através da perda de valores éticos e religiosos; insegurança laboral; degradação dos padrões e da importância da família; e ainda na democratização das relações. Nesta situação os indivíduos estão em constante processo de adaptação, na qual encontram como maior obstáculo a carência de conhecimento.

A necessidade de migrar resulta da divisão do território numa multiplicidade de lugares não ligados. Assim, ao aludir a migrações estamos, inevitavelmente, a fazer referência a fronteiras. Estas são delimitações territoriais e políticas, as quais são uma criação Humana, vistas por muitos como absolutamente necessárias. Considera-se que estas podem ser benéficas do ponto de vista identitário, administrativo e proteccionista, no entanto, prejudiciais quando actuam no sentido da segregação e competição desleal. E se a temática já não é simples no caso das fronteiras já definidas e consolidadas, esta torna-se exponencialmente complexa nos casos em que persistem a discussão das mesmas. Os migrantes são confrontados com fronteiras de identidade, vulnerabilidade e pobreza, comunicação, preconceito, estereótipo e/ou racismo que os conduzem a situações de exclusão. Estas dinâmicas podem afectar a sua integração, saúde mental e física, acesso aos cuidados e prevenção de saúde, capacidade para reivindicar os seus direitos e exercício de cidadania. Realidade exige a adopção de estratégias e políticas adequadas para fazer face a estas realidades sociais, culturais, educacionais, comunicacionais e sanitárias. Os imigrantes são expostos a riscos acrescidos para a saúde que decorrem de factores como a segurança pessoal, situação familiar, condições de vida, falta de recursos económicos, falta de informação, barreiras linguísticas, discriminação e estigmatização (Monteiro, 2012).

Deve notar-se que este processo não é idêntico para cada migrante, pois o mesmo varia consideravelmente, dependendo do sexo do indivíduo; estando sozinho ou em família; com filhos ou sem eles; estatuto sócio-económico; da cultura e religião; se se migra para áreas urbanas ou rurais; com ou sem documentação; e principalmente, segundo as causas da migração, isto é, se partiu de forma livre ou forçada. Segundo dados da OIM, acerca da evolução do número de refugiados, requerentes de asilo, requerentes de protecção internacional e de deslocados no mundo, identifica-se o

aumento acentuado nos anos de 2013 a 2018 do volume de população deslocada, atingindo no final de 2017, 68.5 milhões de pessoas. Em 2013 o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR) fez declarações no sentido em que, o número de refugiados e de deslocamentos forçados atingia, nesse ano, níveis nunca alcançados desde o período da 2ª Guerra Mundial. Esta situação tornou-se numa adversidade que ficou, em grande parte, nas “mãos” da Europa.

A Europa tem sido palco de diversos atentados de carácter religioso, que chegam a público com sendo da autoria de grupos extremistas pertencentes ao Estado Islâmico, o que se traduz numa resistência da população nacional dos países que a compõem, no acolhimento de população estrangeira. Estes pronunciam-se contra a religião católica, muitas vezes, nos seus edifícios de culto que têm sido alvo de destruição. Para além disto, estas questões são inacreditavelmente mais complexas do que aparentam. A título de exemplo, veja-se a seguinte situação: Para a concessão de estatutos de refúgio ou asilo é condição elementar um temor fundado, de perseguição por motivos de raça, religião, nacionalidade, opinião política ou participação em grupos sociais. Acontece que as considerações sobre o que é, ou não perseguição, não é linear para os diferentes países. A mutilação genital feminina, apenas é considerada uma forma efectivamente válida de perseguição pela França, Canadá e Estados Unidos da América.

Sabe-se que desde 1989, data marcada pela queda do Muro de Berlim, à escala global, vimos quadruplicar o número de muros/vedações. Estas barreiras físicas são impostas com o fundamento da criação de condições de segurança nacional e de controlo do território. A presença destas barreiras, não só não impedem a eventual entrada de terroristas ou tráfico de drogas, como também exponenciam a criação de negócios em torno do tráfico humano. Na sequência de fluxos de refugiados, com o pretexto de tentar travar esta travessia, ergueram-se desde então várias barreiras, como são exemplo as fronteiras entre Hungria - Sérvia; Hungria - Croácia; Bulgária - Grécia; Grécia - Turquia e Grécia – Macedónia do Norte. A União Europeia soma actualmente quase mil quilómetros de fronteiras físicas. Para além destas construções, verificou-se o reforço de controlo de outras fronteiras como aconteceu no espaço entre a Áustria com a Hungria e da Áustria com a Alemanha (Guerreiro e Rodrigues, 2016; Pinto, 2020).

A Figura 15 apresenta alguns países europeus, onde os que exibem um tom bege são pertencentes aos Espaço Schengen, os que denotam um tom de amarelo não integram o Espaço Schengen e os que aparecem a branco não integram a União Europeia. A Figura representa ainda os principais fluxos migratórios através de setas que pronunciam a direcção dos migrantes. Ainda, e fundamentalmente, esta Figura expõe os muros já construídos, muros previstos e reforços de controlo nas fronteiras de vários países no ano de 2016.

Figura 15: Muros em espaço europeu



Fonte: Guerreiro e Rodrigues (2016)

Na Figura 16 podemos ver as vedações ainda existentes na fronteira entre a Hungria e a Sérvia, construídas no ano de 2015. Este dois países estão há 5 anos separados ao longo de 151km, por duas filas de arame farpado, com 4m de altura, vigiadas com câmaras, infravermelhos e protegidas por aparelhos eléctricos (Pinto, 2020).

*Figura 16: Fronteira da Hungria com a Sérvia*



Fonte: Laszlo Balogh – Reuters (2020)

Estes muros são resposta dos países aos acontecimentos referidos, no entanto, revelam-se ineficazes e contraditórios, uma vez que ao fechar as fronteiras por terra, despoletou o aumento das abordagens marítimas, não deixando os indivíduos de tentar a travessia, o que resultou já em milhares de vítimas, algumas delas mortais.; por outro lado, não conseguiu implementar efectivamente a segurança nos locais de acolhimento, uma vez que permaneceram registos de conflitos étnicos.



A comunicação social caracteriza o mundo actual como sendo livre e cada vez mais sem fronteiras, no entanto, isso apenas é claro para os mercados. Para os Seres Humanos, paradoxalmente, existem cada vez mais muros. A globalização, fenómeno que marca a actualidade, demonstra ser simultaneamente construtiva e destrutiva. Este promove, fundamentalmente, comunicações, interacções e interdependências económicas entre os países e empresas.

*“(…) A globalização, tendencialmente normativa, e a dominância de uma sociedade programada, ávida de segurança, conduzem-nos no sentido da uniformização dos consumos e dos usos, da funcionalização produtiva e da instrumentalização generalizada. (Stebbins, 1996) apud (Nossa, P., Santos, N. e Cravidão, F., 2013)*

O mercado financeiro sobrepõe-se assim aos Estados, dando origem a uma nova ordem internacional. A evolução tecnológica aproximou tudo e todos e, não esbatendo as diferenças, exhibe-as com maior nitidez (Correia, 2016). A globalização económica, os avanços tecnológicos, das comunicações e dos transportes trouxeram ferramentas que permitiam a melhoria do nível de vida e a redução de trabalho dos indivíduos ao nível global, ainda assim, tal melhoria não se tem verificado. As referidas ferramentas não se dissiparam pelos países em desenvolvimento e, no caso dos países desenvolvidos estas, nomeadamente as tecnologias, actuam fortemente no sentido de sabotar intelectual e culturalmente as sociedades. A informações sobre disparidades nas diferentes regiões geográficas, relativamente à qualidade de vida, inevitavelmente, fazer aumentar o volume de migrantes.

Marinucci (2017) faz alusão para a tendência que se regista, em vários países, de variações ao nível das leis dos trabalhadores, com pretexto de fomentar competitividade, nomeadamente, flexibilização de contratos de trabalho e, alteração de processos de negociação colectiva. Esta é uma realidade alarmante, pois resulta na precarização dos empregos. Se para a população nacional esta orientação reflecte-se numa clara perda de qualidade de vida, o impacto é ainda maior quando se trata de migrantes. É comum a concepção de que os imigrantes executam os trabalhos mais

precários. Neste sentido, o autor referido, afirma ainda que se verifica maior vulnerabilidade no caso de refugiados, e que esta se exponencia quando as migrações se relacionam com questões de género, etnia ou religião. A referida vulnerabilidade actua directamente em questões de desemprego, subemprego e sobrequalificação. Referidos anteriormente, como os países com maiores percentagens de população estrangeira, os Emirados Árabes Unidos, Qatar e Kuwait são neste contexto, um dos grandes destinos para empregos temporários, bem como a maioria da região do Golfo do Pérsico. Os imigrantes são, em grande parte, homens originários do Sudeste e Centro Asiático, ocupam empregos que não requerem qualificações, nomeadamente, construção civil, fábricas e indústria do petróleo. Estes países criaram programas de trabalhos temporários que concedem às empresas a contratação, tanto de nacionais como de estrangeiros. Assim, os países podem abrir ou fechar as suas fronteiras conforme lhes for conveniente. Neste seguimento têm surgido alertas para abusos relacionados com os direitos humanos.

*“Casos de trabalhadoras domésticas submetidas a práticas abusivas e de funcionários com passaportes retidos pelos empregadores estão sendo combatidos. “Foram estabelecidas leis que proíbem essa prática e também estão sendo adotadas medidas para proteção dos salários”, explica Joanna Batalova” (BBC)<sup>12</sup>.*

O autor Matias (2014) faz referência ao aumento da migração de indivíduos com mais formação e com maior disponibilidade de recursos. Para o autor, o processo de adaptação associado a estes casos é, muitas vezes, consideravelmente mais fácil, uma vez que para estes migrantes, a língua não se revela uma barreira. tenham condições de se propor a empregos melhores e remunerações mais avultadas. Assim o seu estatuto de imigrante, no país de acolhimento, passa a ter uma “vertente mais opcional”, e não

---

<sup>12</sup> Informação disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-39216282> (acedido a 26/07/2020).

tão vulnerável, não chegando, muitas vezes, a conhecer o sentimento de marginalização.

Atendendo aos documentos de carácter internacional que reconhecem a igualdade das pessoas, nomeadamente no direito de migrar<sup>13</sup>, torna-se inconcebível a existência de Estados que possuam níveis de aceitabilidade de pessoas, consoante a sua nacionalidade. Trata-se assim do mesmo tipo de discriminação que tanto se tem tentado combater na actualidade, com a agravante que é cometida por entidades estatais. A recepção de um imigrante por um Estado, depende das directrizes internas do mesmo, tendo este o poder para restringir a imigração sempre que não lhe seja conveniente. Isto indica, de forma sucinta que, o direito a emigrar não corresponde ao direito de imigrar. Segundo a teoria do liberalismo igualitário que é sugerida, a liberdade de circulação internacional é um direito primacial dos indivíduos, como tal, a restrição desta, condiciona a igualdade de oportunidades e agrava as assimetrias entre povos (Figueiredo, 2016). Estes princípios revelam incongruência e denunciam a falta de uma ordem global no que concerne às migrações. Ainda assim, é necessário tomar em consideração que o acolhimento de população estrangeira pode acarretar também várias desvantagens, tanto ao nível territorial, como social, em particular quando se trata de um acolhimento maciço e súbito. Neste contexto, a ACNUR propõe a constituição, por parte dos países de acolhimento, de mecanismos de auxílio ao retorno ao país de origem para os refugiados (Velez de Castro, 2016).

Como foi já referido anteriormente, o debate político e os meios de comunicação social têm um elevado peso na construção das opiniões e de sentimentos colectivos. Fundamentalmente, a imprensa tem vindo a responsabilizar certos grupos como os imigrantes e refugiados pelo sentimento de insegurança da sociedade. Suscitar estes sentimentos numa altura em que a Europa se encontra a lutar para sair de uma crise económica e financeira, levou muitos cidadãos europeus a apoiar a decisão de fechar fronteiras e negar apoio a migrantes. Velez de Castro (2016) assemelha a abertura dos

---

<sup>13</sup> Declaração Universal dos Direitos do Homem (1948), artigo 13º; Convenção para a Protecção dos Direitos do Homem e das Liberdades Fundamentais (1950); Protocolo n.º 4 Europeu, artigo 2º (1963); Pacto Internacional dos Direitos Cívicos e Políticos (1966), artigo 12º; Convenção Europeia relativa ao Estatuto Jurídico do Trabalhador Migrante (1977), artigo 4º; Convenção Internacional sobre a Protecção dos Direitos de Todos os Trabalhadores Migrantes e dos Membros das suas Famílias (1990), artigo 8º.

portugueses com a dos europeus, relativamente ao assunto dos refugiados, notando-se uma dupla tendência, ora de aceitação e solidariedade, ora de rejeição.

Os números relacionados com as migrações têm vindo a ser crescentes e, ainda que, muitos migrantes tenham histórias de sucesso, o processo de migração encontra-se mais facilitado para alguns, e não para a maioria. Permanecemos por isso em velhos debates. Já Whelan (1988) e Beanhabib (2004) se questionavam se as sociedades liberais, que coincidem com os países mais desenvolvidos, não teriam a obrigação moral de comportar imigrantes, dadas as injustiças globais (Figueiredo, 2016). Assim a percepção que temos do mundo actual é caracterizado pela complexidade, fluidez, incerteza, desunião e imprevisibilidade.

Relativamente às causas que motivam a maioria dos deslocados a abandonar os seus locais habituais de residência, estão fundamentalmente associadas a riscos antrópicos sociais (Faugères, 1990; Lourenço, 2015) apud (Velez de Castro, 2016), os quais “resultam da incapacidade do ser humano viver de forma harmoniosa no seio da sua comunidade, desrespeitando princípios básicos da igualdade, fraternidade e liberdade face ao seu semelhante”. Os autores referem ainda que, perante o cenário de crise financeira que se verificou na Europa após 2008, os riscos sociais têm vindo a avolumar-se, muito em parte pela emergência de fluxos de refugiados.

Actualmente vive-se uma fase que representa um exemplo trágico do quão a dinâmica mundial pode ser imprevisível e qual a população mais afectada em situação extremas. A humanidade está a atravessar uma pandemia com Covid-19, a qual veio despoletar medidas que condicionam fortemente a mobilidade da população, vários foram os países que fecharam as suas fronteiras, não permitindo a entrada de população estrangeira, ou que permitiam a entrada de cidadãos segundo a nacionalidade ou o país de onde provém. Constatamos que este veio aumentar desigualdades e exponenciar situações de risco, para as famílias disfuncionais, com doentes, com fragilidades económicas, pessoas adictas, pessoas isoladas, para sem-abrigo, migrantes e deslocados. Muitos migrantes habitam em espaços pequenos e precários, compartilhados por muita gente, o que compromete a possibilidade de isolamento e os deixa mais expostos ao novo coronavírus e no caso de indocumentação muitas vezes

optam por não aceder a serviços públicos. Neste sentido, se já era de extrema vulnerabilidade a situação associada a refugiados e deslocadas que se encontram em centros de recepção e campos de refugiados, o panorama piorou significativamente. Em caso de infecção de um destes elementos, são milhares os que não têm meio de cumprir distanciamento e higiene recomendados. Esta conjuntura revela claramente que a vida humana não tem toda o mesmo valor.

### O contexto migratório português

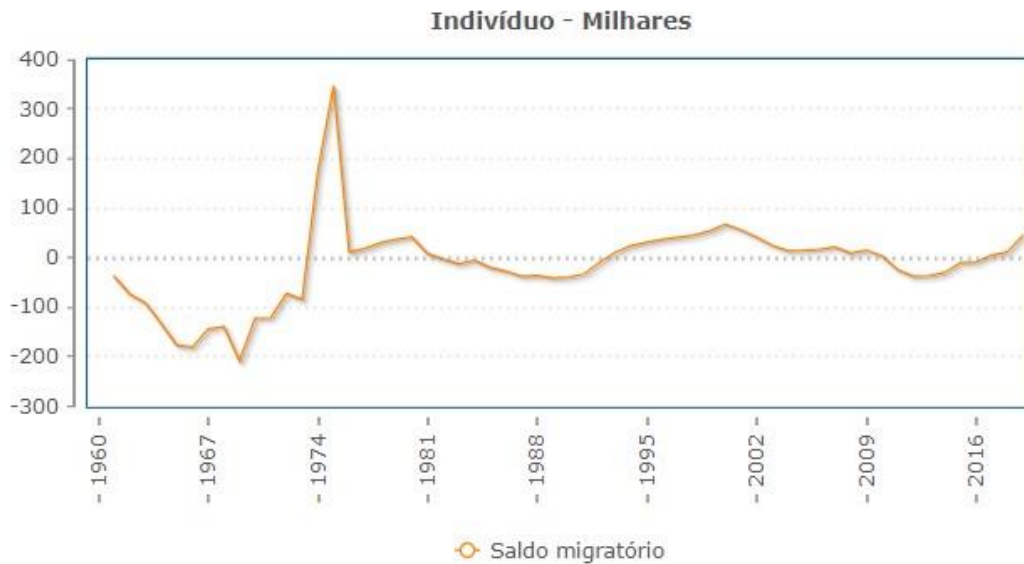
---

Portugal tem sido, desde o século XV, um país de emigrantes. A emigração portuguesa, como a conhecemos hoje, é resultado de fenómenos cíclicos internos e externos, dos quais se destacam: as Guerras Mundiais; necessidade de mão de obra noutros países; crises económicas nos países de acolhimento, que originaram políticas de contenção de estrangeiros; em termos de fenómenos internos realça-se a fraca competitividade da economia portuguesa.

Como em todos os países, na história de Portugal também se verificam momentos de progresso e de recessão, os quais influenciam directamente a entrada e saída de indivíduos. Portugal tem sido um país predominantemente de emigração e só mais recentemente de imigração. A emigração portuguesa inicia-se em 1425 com a colonização das ilhas da Madeira e em 1427 das ilhas dos Açores e estende-se até à actualidade, registando-se fluxos mais evidentes e diferenciados a partir do século XX. No caso português, bem como noutros países cujos cidadãos têm o direito de sair do seu país de residência, ainda para mais, quando se é parte integrante de um espaço de livre de circulação como é o Espaço Schengen, onde por norma, não existem registos administrativos das saídas dos indivíduos. Assim, para a compilação de informação sobre emigração, Portugal conta com dados sobre a entrada e permanência dos emigrantes portugueses, nos países de destino, fornecidos pelos mesmos.

Neste sentido segue-se a Figura 17 que apresenta o saldo migratório português entre os anos 1960 e 2019.

Figura 17: Saldo migratório português (1960-2019)



Fonte: INE; PORDATA

Iniciando esta análise nos anos 60, deste ano em diante uma década, registou-se um período marcante na história da emigração portuguesa, essencialmente por motivos económicos e políticos. Já em termos de imigração, nos anos anteriores a 1975, esta não se considera relevante, sendo que residiam no território português menos de 32 000 estrangeiros.

O período entre 1974 e 1976 foi o mais marcante no que concerne à temática das migrações (Figura 17), sendo que, neste tempo decorreu a viragem entre a emigração e a imigração. Ficou assinalado pelo fim da guerra colonial, pela independência das ex-colónias portuguesas em África e pela queda da ditadura em Portugal. Assim, a Portugal, retornaram milhares de pessoas que viviam nos territórios ultramarinos, os quais virão, posteriormente, influenciar as vagas migratórias seguintes. O regresso de emigrantes portugueses tem sido um fenómeno quase contínuo ao longo do tempo, no entanto, não tão impactante quanto neste período. Já em termos de

saídas de Portugal, estas diminuíram drasticamente, mantendo-se os valores relativamente baixos até aos primeiros anos do século vindouro. A realidade migratória portuguesa torna-se mais complexa, uma vez que, para além de um país emissor de migrantes, Portugal tornou-se também receptor, enquadrando-se assim num Regime Migratório Misto. (Peixoto, 2004).

À data da adesão à Comunidade Económica Europeia (CEE), 1986, Portugal contava com 87 000 imigrantes, e no final de 2003, com mais de 434 500 imigrantes (Pimentel, 2005). A entrada nesta comunidade veio acarretar mudanças nas políticas migratórias do país, bem como, estimular fortemente a economia, através de investimentos comunitários, especialmente após a Convenção de Schengen. No entanto, a livre circulação de portugueses nesta comunidade, não foi libertada logo após a adesão, justificada pelo desfasamento económico que se verifica nos Estados membros.

Esta dinâmica proporcionou a criação de empregos fazendo com que Portugal chegasse a ser um dos países com níveis de desemprego mais baixos na União Europeia. Sentiu-se tanto a necessidade de mão-de-obra não-qualificada como qualificada, sendo que o sistema de ensino era ainda muito deficiente, e não havia portugueses altamente qualificados suficiente para suprimir as necessidades. Paralelamente, muitos portugueses também emigravam. Esta tendência não foi única no país lusitano, uma vez que se fez notar também noutros países do Sul da Europa. A meados da década de 90, no decorrer de grandes obras-públicas, como são exemplo a Ponte Vasco da Gama, parte da ferrovia portuguesa e o parque da EXPO 98, verificou-se forte carência de mão-de-obra e com ela, uma nova vaga de imigração. Mais concretamente, entre 1995 e 2005, Portugal registou um aumento considerável do *stock* de imigrantes (Padilla e Ortiz, 2012), desta vez, de população oriunda de países da Europa de Leste, fundamentalmente, Ucrânia, Roménia, Moldávia e Rússia (Guia, 2008), como também de países asiáticos, nomeadamente, China, Índia e Paquistão (Padilla e Ortiz, 2012). Nesta década, o número de indivíduos nacionais com formação académica evoluiu positivamente. Desta forma, houve tendência para que estes deixassem de ocupar os empregos desqualificados e consideradas pesadas. Este tipo de trabalho passou a ser executado, em grande parte, por população estrangeira (Guia, 2008).

A partir de 2007, Portugal sofreu fortes impactos com a crise económica. Estes começaram a ser mais notórios em 2009 especificamente com a queda global de residentes estrangeiros (Padilla e Ortiz, 2012). Em 2010, com a acentuação desta crise, Portugal ressurgiu como um país emissor (Figura 18), e nesta altura mais de 85% dos emigrantes portugueses dirigiam-se para o espaço europeu (Pires et al., 2020). Atingiu o pico da quebra de entradas em 2012, e o pico de saídas em 2013 (Oliveira e Gomes, 2019), números comparáveis com os registados nos anos 60.

*Figura 18: Emigração portuguesa pós-crise: saídas anuais estimadas (2007-2013)*

<b>Ano</b>	<b>Saídas</b>
2007	90,000
2008	80,000
2009	75,000
2010	70,000
2011	80,000
2012	95,000
2013	110,000

Fonte: Pires (2014:36)<sup>14</sup>

Em 2007/2008 começou a fazer-se sentir o impacto uma crise financeira internacional que afectou fortemente Portugal. Curiosamente no início da crise a notasse um retraimento da emigração. Segundo o Eurostat, no início do ano de 2013, o desemprego atingia os 17,5%. Várias eram as situações não só de desemprego como também de sub-emprego, que afectaram acima de 1,2 milhões de pessoas. A circunstância reflectiu-se fortemente ao nível dos movimentos emigratórios (Ramos, 2013).

Numa altura em que, a nível nacional, a falta de qualificação da mão-de-obra é apontada como causa da baixa produtividade da economia portuguesa, ainda que se

<sup>14</sup> Citado por Costa e Silva (2015).



tenha verificado uma clara melhoria das qualificações da população (Ramos, 2013), nesta última vaga migratória, saíram do país muitos jovens qualificados. Na sua maioria, apresentavam idades compreendidas entre os 25 e os 64 anos e o sexo feminino igualou o sexo masculino em número de saídas. Estas condicionantes contribuíram para que a adaptação ao país de destino fosse consideravelmente mais fácil e para que muitos não tivessem a pretensão de retornar à origem. Esta situação criou um problema de fuga de cérebros, o que significa a perda de investimento que a nação empenhou na formação académica da sua população, serve de exemplo o já citado caso dos enfermeiros portugueses, abalando ainda mais os sectores económicos e sociais do país, nomeadamente, com o agravando do buraco financeiro da Segurança Social (Costa e Silva, 2015).

Ainda assim, as qualificações não representavam garantia plena de condições de emprego e/ou emprego na área. Perante esta situação, qualificados e não qualificados, são colocados perante o dilema de ficar e aceitar a degradação do nível de vida e sob a pressão do desemprego, ou partir e encarar a possibilidade de ter de trabalhar noutro país, correndo o sério risco das suas competências não serem reconhecidas (Ramos, 2013).

Grande parte dos fluxos emigratórios nestes anos dirigiram-se, para o espaço europeu, principalmente, para a União Europeia. A Figura 19 mostra-nos as entradas dos portugueses em países europeus em 2013.

*Figura 19: Principais destinos da emigração portuguesa, em 2013*

<b>País</b>	<b>Entradas</b>
Reino Unido	30,121
Suíça	14,388
Alemanha	11,401
Espanha	5,302
Luxemburgo	4,590
Brasil	2,913
Bélgica	2,812
Holanda	2,079
EUA	918
Noruega	815

Fonte: Pires (2014)

Destaca-se o Reino Unido, que se apresenta como o principal país de destino dos emigrantes portugueses, seguindo-se Espanha, Suíça, França Alemanha e Luxemburgo. Dentro dos destinos mais comuns dos portugueses, alguns têm-se revelado menos atractivos do que outrora, são exemplos: Angola devido à crise económica e Reino Unido devido ao Brexit, ainda que, no caso deste último, permaneça na liderança dos países de acolhimento de portugueses (Pires et al., 2019).

Segundo Góis (2019), o aumento recente na imigração preencheu insuficiências na mão-de-obra nacional, ajudando a satisfazer as necessidades em sectores como o turismo, serviços e agricultura. Assim, no caso português, mais uma vez se comprova, que o elemento regulador fundamental das migrações é o mercado de trabalho, uma vez que se nota uma relação entre o aumento da taxa de emprego com o crescimento de imigrantes no país. Neste sentido os imigrantes funcionam como apoio à economia e não como uma ameaça (Oliveira e Gomes 2019)

A partir de 2013 até à actualidade, a emigração portuguesa adoptou uma tendência decrescente, o que se justifica em parte, por melhorias na economia do país.

Em 2018 o país registou 80 mil saídas. Segundo o Relatório Estatístico de Emigração Portuguesa (Pires et al., 2019), as saídas dos portugueses irão estagnar num patamar mais elevado relativamente ao que se encontrava antes da crise, uma vez que, entretanto, houve o alargamento das redes migratórias.

Em 2017 registou-se, em termos globais, mais de 257 milhões de migrantes internacionais (3,4% da população mundial), destes, 2,3 milhões são portugueses, (0,9% do total de migrantes no mundo). Estes números fazem de Portugal o 27º país com mais emigrantes, e o país da União Europeia com mais emigrantes em proporção com a população residente (considerando apenas os países com mais de um milhão de habitantes) (Pires et al., 2019).

O quadro a figura 20 apresenta diversos indicadores que nos permite saber um pouco mais do comportamento migrantes portugueses nos seus principais destinos.

Figura 20: Indicadores da emigração portuguesa em 2018

País	Entradas de portugueses	Residentes nascidos em Portugal	Residentes com nacionalidade portuguesa	Aquisições de nacionalidade por portugueses	Registos consulares
Alemanha	7,200	115,190	138,890	745	174,363
Angola	1,910	..	..	..	102,420
Austrália	65	18,970	..	222	35,360
Áustria	674	2,782	3,555	3	5,568
Bélgica	2,691	36,378	46,391	238	59,336
Brasil	601	137,973	..	..	713,130
Cabo Verde	..	1,491	..	..	13,286
Canadá	865	143,160	25,855	237	135,301
Dinamarca	765	2,682	2,630	11	2,737
Espanha	10,636	94,520	89,616	377	74,112
EUA	939	178,500	54,669	1,807	202,583
França	8,316	595,900	530,800	2,579	1,205,308
Holanda	2,40	17,893	21,51	61	25,893
Irlanda	426	3,866	4,807	14	6,609
Itália	465	6,577	6,603	37	6,411
Luxemburgo	3,501	72,821	96,500	1,593	116,505
Macau (China)	117	2,011	9,024	..	125,549
Moçambique	1,439	3,767	5,560	..	31,926
Noruega	450	3,328	4,452	12	609
Reino Unido	18,871	141,000	224,000	1,906	263,706
Suécia	427	4,148	2,294	76	2,394
Suíça	8,733	217,662	263,311	3,285	336,975
Venezuela	532	37,326	..	..	185,600

Fonte: Observatório da Emigração (Pires et al., 2019)<sup>15</sup>

Através da análise dos dados da emigração portuguesa, relativos ao ano de 2018 (Figura 20), é possível concluir que, o principal país de destino é o Reino Unido, o que vem reforçar uma tendência de anos anterior. Apesar do Brexit este permaneceu o país de eleição para os emigrantes portugueses. Para o Reino Unido, Portugal é a terceira

<sup>15</sup> Quadro elaborado pelo Observatório da Emigração, valores de: [DEU] Statistisches Bundesamt Deutschland; [AGO] Consulados de Angola em Portugal (Lisboa e Porto); [AUS] Department of Immigration and Citizenship and Border Protection; [AUT] Statistics Austria; [BEL] Eurostat, Statistics Database, Population and Social Conditions; [BRA] Ministério do Trabalho e Emprego; [CAN] Citizenship and Immigration Canada; [DNK] Denmark Statistik; [ESP] Instituto Nacional de Estadística; [USA] US Department of Homeland Security; US Census Bureau, Current Population Survey; [FRA] Institut National de la Statistique et des Études Économiques; [NLD] Centraal Bureau voor de Statistiek; [IRL] Eurostat, Statistics Database, Population and Social Conditions; [ITA] Eurostat, Statistics Database, Population and Social Conditions; [LUX] Le Portail des Statistiques du Luxembourg; [MAC] Direcção dos Serviços de Estatística e Censos, Governo da RAE de Macau; [MOZ] Direcção Geral dos Assuntos Consulares e Comunidades Portuguesas (DGACCP) com base em dados do Ministério do Trabalho de Moçambique; [NOR] Statistics Norway; [GBR] Department for Work and Pensions; [SWE] Statistics Sweden; [CHE] Office Fédéral de la Statistique; [VEN] Instituto Nacional de Estadística. [Todos os países, registos consulares]: Direcção Geral dos Assuntos Consulares e Comunidades Portuguesas (DGACCP).

nacionalidade europeia mais presente, depois da Espanha e Itália. Segue-se a Espanha que foi destino de 10 636 portugueses; Suíça recebeu em volta de 9 mil emigrantes; e a França contou com 8 316 migrantes portugueses. No que respeita às tendências recentes dos portugueses quanto aos seus destinos de emigração, ressalva-se que, os países americanos, são hoje, destinos de menor notoriedade, onde o valor de fluxos é, em cada um deles, inferior a um milhar por ano; a grande concentração destes fluxos são em espaço europeu; e ainda, os destinos africanos de língua portuguesa se têm notado mais atractivos, particularmente Angola e Moçambique (Pires et al., 2019).

As saídas de portugueses para Angola, Reino Unido e Suíça decresceram. Os restantes países mantiveram-se com oscilações pouco significativas e à excepção deste panorama encontra-se a Espanha, país para o qual a taxas de crescimento de emigração têm aumentado.

A diáspora portuguesa é quase mundial e um fenómeno bastante antigo. Se se analisar do ponto de vista da diáspora portuguesa actual, podemos então ver que existe uma preponderância de portugueses em França (531 mil portugueses), na Suíça (263 mil), o Reino Unido (224 mil) e a Alemanha (139 mil). As diásporas têm muitas vezes influência, na hora de um novo migrante sair do país de origem, este explora possibilidades junto das pessoas conhecidas, que tenham feito o mesmo, formando-se assim redes migratórias. Um dos impactos mais significativos desta dinâmica é também a recepção contínua de divisas. Entre o ano de 2017 e 2018, o valor das remessas recebidas em Portugal cresceu cerca de 4%, sendo superior a 3,6 mil milhões de euros, 1,8% do PIB.

Em suma, destaca-se a ideia de que a saída de portugueses, tem estado intimamente associada ao desenvolvimento do mercado de trabalho do país. Assim, esta variável revela-se um indicador da qualidade de vida em Portugal.

De uma forma resumida, no que concerne à emigração portuguesa, a partir do século XX, Padilla e Ortiz (2012) fazem a distinção de 4 fases:

1. Fase Transatlântica – Vasto fluxo migratório, onde predomina a emigração de portugueses para o continente americano, mormente para o Brasil, fase que se localiza temporalmente desde o início do século XX, até ao fim da

Segunda Guerra Mundial (1945). Registaram-se cerca de 9,2 milhares de saídas anuais entre 1939 e 1945 (Arroteia, 2001)

2. Fase Intra-europeia – Segue-se à Segunda Grande Guerra, a partir de 1950 até 1974, onde se registaram os valores mais elevados de emigração, na qual os portugueses migram essencialmente para a França e Alemanha, mas também para ex-colónias e Venezuela. “(...) destaca-se a saída, entre 1955 a 1974, de mais de 1,6 milhões de portugueses, ou seja, uma média de 82000 emigrantes /anuais” (Arroteia, 2001).
3. 2ª Fase Intra-europeia – Período de saídas mais contido, desde 1974 até aos anos seguintes da integração na União Europeia, os destinos notam-se mais diversificados, com preferência pela França, Espanha, Luxemburgo, Suíça e Alemanha. “(...) entre 1974 e 1988, somente 230.000 emigrantes saíram oficialmente do país, reduzindo o valor para cerca de 15000 saídas anuais” (Arroteia, 2001).
4. Globalização – Emigração recente, caracterizada por migrantes mais qualificados, com destinos diversos, sobretudo europeus: Alemanha, Reino Unido e Espanha.

Já no que concerne à imigração, foi em Viegas et al., (2007) onde se fez a distinção, até ao ano de 2005, de três períodos migratórios em Portugal:

- a) Primeiramente, na segunda metade da década de 70, o país recebe fundamentalmente população proveniente dos países de África, nomeadamente Cabo Verde e Angola;
- b) Um segundo momento, a partir dos anos 80, que afectou de forma generalizada a Europa mediterrânea. Em Portugal a imigração teve uma desenvoltura acelerada, sendo composta por fluxos migratórios bastante distintos, composta essencialmente por trabalhadores desqualificados provenientes dos PALOP; outros que apresentam altas qualificações vindos da União Europeia (UE); e um fluxo misto, com origem no Brasil;
- c) Por fim, regista no final dos anos 90 os novos fluxos migratórios de origem no Leste Europeu.

A população estrangeira residente distribui-se por território de forma desequilibrada, concentrando-se primordialmente nas zonas urbanas do litoral (figura 21), reforçando a tendência dos nacionais. Esta distribuição justifica-se em grande parte pelas oportunidades de trabalho e as redes sociais de interajuda, muito associadas às zonas de residência das primeiras vagas de imigrantes. No entanto, estas são potencialidades agrícoles, uma vez que, nas zonas urbanas, o nível de vida é mais dispendioso e o estilo de vida mais individualizado.

Figura 21: Distribuição geográfica da população estrangeira, em Portugal, no ano de 2018



Fonte: SEF -Relatório de Imigração Fronteiras e Asilo (RIFA) 2018

Os 213 065 estrangeiros residentes no distrito de Lisboa, representam 44,4% do total dos estrangeiros residentes do país, a este seguem-se os distritos de Faro e de Setúbal, respectivamente com 16,1% e 8,4%. E ainda com base nesta distribuição, podemos afirmar que o acolhimento de estrangeiro contribui pouco para combater o despovoamento no interior.

Em termos de origem geográfica dos estrangeiros residentes, em Portugal, no ano de 2018, ocupando os primeiros lugares, encontrava-se: a nacionalidade brasileira com 105.423 residentes; a nacionalidade cabo-verdiana com 34.663 residentes; na



terceira posição passou a estar a população romena com 30.908 residentes; e a nacionalidade ucraniana passa para a quarta posição com 29.218 residentes.

Quanto ao perfil dos imigrantes, mantém-se desde o início da década, a tendência da feminização, assumindo as mulheres preponderância relativamente ao total de estrangeiros residentes. Nota-se que esta população é tendencialmente mais jovem comparativamente com a população portuguesa, concentrando-se nos grupos etários mais jovens (idades activas e férteis).

Do ponto de vista da imigração actual, especificamente no ano de 2018, os nascidos no estrangeiro assumiam 4,1% no total da população residente. Em 2019 aumentou para 8,7%. Este foi o ano com mais imigrantes na história do país. Todavia, no contexto europeu, Portugal, quer em números totais, quer em percentagem, permanece dos países com menos população imigrante, estando apenas ao nível dos países da Europa de Leste (Oliveira e Gomes, 2019).

A inserção dos imigrantes no mercado é de tal forma importante para a sua integração no país de acolhimento, que surgem estudos a agrupar os imigrantes segundo esta variável. Segue-se um exemplar produzido por Lucinda Fonseca (2005) relativamente aos imigrantes portugueses, no qual diferenciou quatro categorias e mais tarde Guia (2008) acrescentou uma quinta categoria:

1. Começa por agrupar os empregos que não exigem qualificação da mão-de-obra, os quais são muitas vezes mal pagos. São os maiores exemplos, a construção civil e as limpezas. Estes são realizados principalmente pelos imigrantes dos PALOP.
2. De seguida, encontram-se os empregos gerados por contra própria, comumente restaurantes, lojas, vendas ambulantes e negócios étnicos. Estes são essencialmente associados a imigrantes indostânicos<sup>16</sup> e chineses.

---

<sup>16</sup> População oriunda da região peninsular do sul da asia onde se situam os países da Índia, Paquistão, Bangladesh, Nepal.

3. Há a distinção dos cargos que exigem qualificações, de chefia e intermediação internacional de empresas ou reformados. Estes empregos são ocupados geralmente por imigrantes da União Europeia e Norte-Americanos.
4. Esta categoria insere os fluxos mais ambíguos que ora se encaixam em empregos bem qualificados, como são exemplo dos dentistas, jornalistas e *Marketeers*, ora em empregos bastante menos qualificados, por exemplo, construção civil, comércio e restauração. Nestas circunstâncias, fundamentalmente encontram-se os imigrantes brasileiros.
5. Por fim acrescenta-se a categoria dos imigrantes que são academicamente qualificados, mas que, no entanto, ocupam lugares pouco atractivos como na agricultura, limpezas e construção civil. Neste grupo insere-se fundamentalmente os imigrantes da Europa de Leste.

Em 2015 a União Europeia definiu uma quota de 4486 refugiados que Portugal deveria acolher. Não foi por repulsão do país que tal aconteceu, antes pelo contrário, sendo que o primeiro ministro português anunciou o aumento para mais do dobro o número de recepções que Portugal disponibilizava. Foram acolhidos desde 2015 até finais de 2019, 2 144 refugiados, fundamentalmente com origem na Síria, Iraque e Eritreia. Destes cerca de 50% abandonou o país após o término dos programas de acolhimento. Algumas destas pessoas eram detentoras de elevados graus académicos que não foram aproveitados, sendo que a estas pessoas foram atribuídos empregos não qualificados (Sousa, 2019).

Segundo um estudo realizado por Fernandes (2019), os portugueses apresentam tendência para maior aceitação de imigrantes e refugiados comparativamente com anos anteriores. Assim 56% da amostra deste estudo declarou-se favorável ao acolhimento e os outros 44%, pelo contrário, posiciona-se contra o acolhimento. Como geralmente a reticência ou mesmo a reprovação da aceitação destes indivíduos está associada à percepção de riscos/ameaças, esta amostra reconheceu ter preocupações essencialmente aos níveis económicos e da segurança e também mais não tanto, aos níveis religioso e cultural. O patamar de aceitação também diverge segundo a origem

dos migrantes/refugiados, havendo menor aceitação quando se trata de indivíduos do Médio Oriente.

### Riscos associados às migrações portuguesas

---

Muitos portugueses conhecem histórias marcantes sobre a emigração de portugueses para França nos anos 60/70, pois certamente efectuaram ou recordam alguém que tenha feito esta travessia a “salto”. Esta não podia deixar de ser a primeira referência quando se abordam riscos sociais associados às migrações portuguesas. Trajecto feito clandestinamente, em parte a pé, em condições plenas de perigo, que muitas vezes incluía pagamentos a passadores e sem garantias. E ainda à chegada, as precárias condições de alojamento, que nem por isso deixavam se encontrar em preocupantes situações de sobrelotação, denominados de *bidonvilles*. Ainda que a inserção no mercado de trabalho, nesse período, fosse facilitada pela conjuntura socioeconómica favorável da França, estes portugueses com poucas ou nenhuma habilitações literárias lidaram ainda com um forte choque cultural e cenários de discriminação. Desta vaga migratória ainda sobram muitos resquícios, como é exemplo do retrato socioprofissional (generalização) que é feito do emigrante português, que por muitos é tido como um conjunto de características colectivas, as quais são: a mão-de-obra desqualificada, muito ligados ao sector da construção, bons trabalhadores e a mentalidade associada à poupança (tida como extrema) (Espírito Santo, 2015).

Tanto a emigração portuguesa, como migrações internas do tipo, êxodo rural, que despoletou nos anos 50/60, afectaram directa e substancialmente a distribuição demográfica do país, reflectindo-se num forte aumento da malha urbana. Consequentemente tiveram também impacto ao nível social, urbano e ambiental, primordialmente nas grandes cidades, Lisboa e Porto. O êxodo rural levou ao veloz e não planeado crescimento das cidades, num curto espaço de tempo, bem como, rapidamente despoletou um consumismo mais associado ao ritmo de vida citadina. Esta dinâmica repentina gerou entre outros, graves problemas sanitários, fundamentalmente pelo surgimento de bairros de lata e pela ausência de rede de

esgotos. Os problemas ambientais advêm do consumo, digamos pouco sustentável, de recursos. Ao nível social, este movimento vem alterar algumas estruturas, das quais as mais relevantes, a família e as colectividades. As diferenças fazem-se sentir por exemplo, na normalização de famílias unipessoais, ou a perda de sentido de pertença e de comunidade. Todas estas questões a médio ou longo prazo trarão ao indivíduo problemas de saúde relacionadas com *stress* e poluição (Vidal, 2018) e vão ao encontro de uma tendência global vista anteriormente na teoria de Ulrich Beck (1992).

Já a imigração acolhida em Portugal, contribuiu para a formação de uma sociedade mais heterogénea e complexa. Neste país a segregação de migrantes é, muitas vezes, associada a alguns grupos oriundos dos PALOP que vivem marginalizados. Como referido anteriormente, a barreira linguística não é forte para esta comunidade, no entanto, justifica-se pela chegada maciça destes indivíduos, na sua maioria sem qualificações, oriundos de países em desenvolvimento, que vêm exercer trabalhos não-qualificados, vivendo, por vezes, em bairros muito degradados, situados nas zonas periféricas (Vitorino et al., 2007), com a agravante de pontualmente, estarem associados a criminalidade como veremos mais em pormenor no subcapítulo seguinte. Esta população, de uma forma geral, tende a estagnar a sua integração, o que se reflecte também nas gerações seguintes.

A vaga migratória oriunda do Leste europeu foi algo mais pontual e *sui generis* na história da imigração portuguesa, por isso, merece aqui maior destaque. Com base num estudo amostral, exposto por Castro e Marques (2008), assumiram-se algumas tendências no que diz respeito à integração dos imigrantes da Europa de Leste em Portugal. Ao contrário dos imigrantes dos PALOP ou do Brasil, estes depararam-se com a grande dificuldade do domínio da língua. Esta barreira a ultrapassar, muitas vezes, tem influência em elementos fundamentais da vida em sociedade, como a integração social, profissional e acesso à informação legal. Comumente os migrantes têm por base uma esfera de interconhecimento ou redes organizadoras de imigração. Ainda assim, para muitos, o local de primeira fixação foi tido como precário. Grande parte destes imigrantes eram fortemente qualificados, no entanto as suas competências não lhes foram reconhecidas e muitos acabaram por vir ocupar cargos não qualificados, sobretudo, na agricultura e na indústria. Alguns inquiridos confessaram ainda que, em

momentos iniciais atravessaram situações de exploração laboral. Quanto à legalidade destes indivíduos, Pires (2003) apud (Castro e Marques, 2008) afirma que existiram campanhas extraordinárias, na década de 90, que se estenderam até ao ano de 2003, com a pretensão de facilitar a legalização desta população. Dada esta adaptação mais difícil, muitos destes migrantes acabaram por tornar aos países de origem ou tornar a migrar.

Mais recentemente, os portugueses foram confrontados com uma forte crise financeira e numa fase ainda débil de recuperação da mesma, assistiram à chegada de centenas de refugiados, como referido anteriormente. Esta dinâmica não revelou muito positiva para nenhuma das partes. Mais de 50% destes refugiados acabou por abandonar o país por falta de apoio à sua integração. E para além da boa vontade do país na recepção dos mesmos, também os nacionais atravessam fortes dificuldades. Situações idênticas replicam-se em outras economias pouco atraentes do sul da Europa, o que pode comprometer o espaço Schengen. As questões económicas fizeram abrir discussões sobre a livre circulação de pessoas no espaço Schengen, no entanto, a União permanece, e a adopção de políticas económicas mais proteccionistas por parte dos países não têm sido aprovadas, mantendo assim os países da União Europeia com economias mais fracas com elevados valores relativos de importações.

Em Portugal, legalmente os estrangeiros têm maioritariamente os mesmos direitos laborais, sociais e cívicos que os cidadãos portugueses. Apesar destes, a experiência quotidiana dos estrangeiros vislumbra uma realidade menos virtuosa, especificamente, no acesso a serviços públicos, a ONG e outras associações da sociedade civil. Como vimos, a comunidade de imigrantes, em Portugal, tem vindo a ser associada a categorias profissionais pouco qualificadas, tendo trabalhos pouco atractivos, de baixas qualificações, enfrentando condições de trabalho árduas e níveis altos de insegurança (Góis, 2019). Ser imigrante em Portugal, por si só, não proporciona as mesmas oportunidades e os mesmos sentimentos aos indivíduos das diferentes origens geográficas, nem a mesma aceitação destes por parte dos autóctones. Enquanto que uns partilham a língua, outros integram igualmente o Espaço Schengen, outros partilham um pouco da cultura, outros somente a cor da pele, ou até nem isso. Estudos revelam ainda que a aceitação dos imigrantes por parte da população autóctone é

bastante distinta, no sentido em que, é mais desfavorável, quando se trata de indivíduos com níveis de instrução mais baixos, e/ou um nível económico mais inseguro (António et al., 2011). Um dos mitos mais frequentes em torno dos imigrantes, consiste em que, estes vivem beneficiando de subsídios de Segurança Social, nos países de acolhimento. Pelo contrário, no caso português verifica-se que, entre o que os imigrantes contribuíram e o que receberam, este sistema acaba por beneficiar com a presença destes indivíduos (Oliveira e Gomes, 2019). Com receio ou com o pretexto de que haja um aproveitamento, por parte da população migrante, do sistema de segurança social, alguns países acabam por actuar, limitando os seus apoios à população (Figueiredo, 2005; Ruggy, 2000).

Como vimos anteriormente, os imigrantes são, muitas vezes, alvo de generalizações e preconceitos e com frequência relacionados com criminalidade. Em Portugal, isto acontece regularmente com imigrantes dos PALOP, neste sentido veremos com maior detalhe a relação destes.

---

### Concepções sobre riscos associados às migrações: A criminalidade

---

Numa outra perspectiva, é importante referir a associação entre imigração e criminalidade, que por vezes domina os discursos de senso comum. Esta associação entre imigração e criminalidade é frequente e já antiga. A criminalidade e a recepção de imigrantes, não se isolam uma da outra, no entanto, relacionam-se essencialmente com as condições sociais e económicas que, muitas vezes, são associadas à condição de imigrante e daí o desenvolvimento do estereótipo. Maria João Guia (2008) defende que esta relação é desencadeada quando os países acolhem maior número de imigrantes do que o que se encontravam preparados para receber. Quando as áreas de chegada não se encontram devidamente preparadas para a recepção destes indivíduos há problemas que se fazem sentir, como são exemplos, a oscilação dos mercados de trabalho, a recessão económica; a crescente falta de apoios estatais e a existência de um sistema judicial tendencialmente mais severo para com os estrangeiros do que com os nacionais. Esta situação desencadeia medo de desemprego, crescente sentimento de insegurança

nos bairros com condições de vida sofríveis, mal-estar em relação à condição social, sentimento de rejeição e xenofobia, fazendo com que, muitas vezes, a responsabilidade seja transferida para os imigrantes, acusando-os muitas vezes de usufruírem dos mesmos direitos e até de criminalidade.

Matias (2016) dá-nos um outro ponto de vista, fazendo referência a estudos que comprovam que a população migrante, não estando ao abrigo do título de nacionalidade, tem até tendência para o cumprimento da lei, pois a sua presença no país de acolhimento depende da sua integração social.

Segundo estudos feitos à população reclusa estrangeira no ano de 1998, esta era maioritariamente jovem, masculina, com profissões na construção civil e oriunda dos PALOP. Dentro desta comunidade o crime mais comum era o de tráfico de droga (Guia, 2008).

Em suma, as consequências das migrações podem ser, *a priori*, uma potencial oportunidade ou ameaça, os elementos que fazem balançar esta dicotomia são respectivamente as políticas inerentes ao território de destino, ao território de origem e ainda, os próprios imigrantes e associações por estes integrados e representados.





## Parte III

---

### Análise da Proposta de Estratégia Didáctica

*“Aquilo que eu escuto eu esqueço, aquilo que vejo eu lembro, aquilo que faço eu aprendo”.* (Confúcio)

## Desafios contemporâneos da actividade pedagógica

---

Especificamente ao longo do ano lectivo 2019/2020, várias foram as aprendizagens que promoveram profundas reflexões a respeito do funcionamento e do papel da Escola. Assim, outorga-se a teoria de que a Escola é lugar, não só de transmissão de conhecimentos, como de sociabilização e de educação num sentido lato, pois só assim será abrangente o suficiente para cobrir as suas funções de possível ascensor social. No entanto, considera-se que questões culturais e valorativas devem ser cuidadosamente previstas, seleccionadas e abordadas, respeitando a cultura e heterogeneidade da sociedade, promovendo um funcionamento mais racional e sustentável da mesma.

Com as alterações ocorridas nas sociedades, mais concretamente com a generalização do acesso à informação, advêm alterações no que concerne ao papel que corresponde à Escola desempenhar. A alfabetização continua a ser uma responsabilidade elementar, no entanto, cada vez mais insuficiente. A aquisição de conhecimentos está disponível por diversos meios, sendo à maioria das pessoas possível adquirir informação de forma independente. No entanto, a vasta informação que circula, encontra-se, muitas vezes, dissimulada. Para além de que, a informação, por si só, cada vez mais, é insuficiente. Considera-se que, de forma alguma a Escola perde importância, antes pelo contrário. O facto da população conseguir aceder a muita informação, a qual dificilmente consegue aplicar ou, até mesmo, desmistificar, promove discussões não fundamentadas, que apenas gera controvérsias. De modo figurativo podemos recorrer à seguinte analogia: Conhecimento pode ser por exemplo, saber que o tomate é um fruto e não um legume, no entanto, de pouco me serve tal informação se não souber que o tomate não combina numa salada de frutas convencional. Assim,

despoleta-se a necessidade de que aos alunos de hoje, seja notadamente ensinado a selecção das fontes de informação, desenvolvimento de espírito crítico, ferramentas para análise e produção de discurso, meios de intervenção social e domínio das emoções e expressão corporal. Importa não ceder a sensacionalismos, importa pensar nos assuntos e formar opiniões antes de sermos vítimas de situações, importa para além de conhecer a realidade, entender possíveis riscos e saber como fazer para ver defendido o seu ponto de vista. Para isto, é fundamental que os docentes sejam altamente preparados neste sentido, que se torne a valorizar e conseqüentemente a atribuir condições à profissão.

Considerou-se ainda, que seria benéfico para os discentes se os docentes se libertassem do modelo “aprovação/desaprovação”. Perante este modo de actuação, muitos dos alunos sentem-se receosos de que as suas participações não sejam aprovadas e até mesmo da rejeição, limitando assim a sua criatividade. Assim esta tese deve ser considerada, especialmente quando com alunos de tenra idade. Estas constatações apontam no sentido de que, um dos grandes e actuais desafios de um professor é activar cada aluno no grupo em que se insere, atendendo à capacidade de participação de cada um e certificando-se de que todo o aluno participa livremente, eliminando, sempre que se considere prejudicial, atmosferas de exibicionismos e comparações (Katto, 2009).

Outro grande conjunto de questões actuais prendem-se com a perda de autoridade por parte dos professores, dificuldades com disciplina e controlo dos discentes. Estes levam a que os docentes ocupem, por vezes, uma parte significativa do tempo de aula, com a tentativa de os solucionar. Este trabalho tantas vezes inglório é causa de grande desgaste para estes profissionais. Várias são as notícias e os relatos que nos chegam sobre alunos que exploram a sua imaginação a fim de provocar alguma hilaridade, no espaço de sala de aula. Estas muitas vezes envolvem forçosamente o professor, o qual está a perder meios de defesa. Não é suportável a permanência desta situação, o professor tem de ser detentor de autonomia e credibilidade. Uma parte muito significativa destes profissionais apresenta várias queixas a este nível, que se justificam pela vulnerabilidade que se coloca na carreira destes profissionais.

No caso específico da Geografia, esta disciplina tem vindo a ser menosprezada pelos discentes, muito em parte, por falta de compreensão da sua utilidade e pela dificuldade em relacionar os conteúdos com a realidade e vice-versa. Assim o autor sugere que cabe ao professor tornar o conteúdo mais atractivo (Kennedy et al, 2018). Neste sentido questiona-se: fará então parte das novas funções do docente o marketing dos conteúdos? O currículo inerente à disciplina de Geografia, no ensino obrigatório, tem vindo a alterar-se, passando de um registo maioritariamente descritivo e de localização, como se verificava há poucas décadas, para um currículo um pouco mais distribuído entre os conteúdos ditos da geografia física e da geografia humana, relacionando e complexificando estas dinâmicas.

Considera-se que alguns movimentos políticos, que dominam a imprensa sensacionalista, têm fomentado preconceitos, estereótipos e inverdades, criando na opinião pública receios e desconfianças e fundamentalmente polémicas, face a alguns grupos de estrangeiros. Apesar dos recursos disponíveis, nota-se na população falta de informação e, fundamentalmente, desinformação. Assim, o debate político e os meios de comunicação têm um elevado peso na construção das opiniões. É notória a tendência para fricções sociais, no que concerne ao tema das migrações, nomeadamente sobre o tema da diversidade cultural.

A sociedade portuguesa é cada vez mais diversa, no que respeita a nacionalidades, o que se reflecte também nas escolas do país e, como tal, esta realidade coloca desafios aos intervenientes no sistema educativo. Assim, a escola deve-se pautar por valores como o respeito, pela diferença cultural, étnica, e outras, bem como, pela promoção de autoconfiança e a auto-estima das crianças, proporcionando interações desprovidas de preconceitos e geradoras de entendimento e cooperação entre todos (Silva, 2007). Ainda assim, o que se nota é a crescente ausência de espírito crítico dos cidadãos. No que concerne ao sistema educativo, nota-se algumas iniciativas esporádicas direccionadas a este assunto, como anteriormente referido, temos o exemplo do Programa Escolhas, no entanto, considera-se que os currículos têm vindo a castrar o espírito crítico e criativo dos futuros cidadãos activos nacionais, ao descurar cada vez mais a importância das humanidades e das artes. Assim, assuntos como o da

mobilidade da população, suscitam discursos controversos, que muitas vezes, culminam por se descaracterizarem, caindo na dicotomia de esquerda e direita, que contribui para reduzir as questões e dividir a sociedade.

No sentido das dificuldades referidas e ainda com o aumento de perturbações mentais nos jovens e na sociedade em geral, considera-se que os psicólogos escolares são um recurso fundamental no âmbito escolar. Para fazer face a este revés, considera-se necessário promover a saúde psicológica, dando aos psicólogos um papel muito mais activo do que se tem feito sentir, perante alunos, professores e encarregados de educação. Segundo a Ordem dos Psicólogos<sup>17</sup>, em 2016, 1 em cada 5 crianças/adolescentes manifestam perturbações neste domínio e afirma que estas estão associadas à diminuição do potencial intelectual e emocional, bem como a problemas disciplinares como o *bullying* e absentismo.

Tendo em conta todos os desafios identificados e o extremo impacto da educação, considera-se que seria importante haver constantemente discussão sobre os currículos das disciplinas e possíveis impactos, como tem havido actualmente com as questões em torno da disciplina de cidadania.

---

### A empatia e a dramatização como estratégia didáctica

---

*“havendo oportunidade de contato e comunicação entre os indivíduos dos diferentes grupos, há uma maior facilitação na compreensão do outro, podendo existir uma redução do preconceito e o aumento de atitudes positivas”*  
(Allport, 1954) apud (Fernandes, 2019)

---

<sup>17</sup> Informação disponível em:  
[http://recursos.ordemdospsicologos.pt/files/artigos/visao\\_opp\\_futu\\_psis.pdf](http://recursos.ordemdospsicologos.pt/files/artigos/visao_opp_futu_psis.pdf) (accedida a 28/09/20202)

Cada aluno é uma combinação única de apetências e limitações, e já há muito que se concorda que o Ensino deve adaptar-se, tanto quanto possível, a estas diferenças. Se cada aluno explora algumas competências com mais facilidade e outras com mais dificuldade, prevê-se que seja benéfico a existência de momentos em que todos possam “brilhar” e partilhar com a turma as suas aptidões. Este procedimento contribui para conferir maior importância a outras competências e não tão frequentemente à memorização de conteúdos e também pode ser um ponto de partida para os alunos se conheçam e se encaminhem em termos de funções na vida futura. Crê-se que o procedimento se deve repetir, com enfoque em diferentes áreas da educação, como são exemplo, a exposição e a comunicação oral, envolvimento social e expressão escrita, pois considera-se que estas interferem fortemente no desenvolvimento do aluno.

As turmas com as quais se trabalhou, foram alvo de sinalização pela carência de estratégias integradoras e pela inter-relação dos alunos. No final do ano lectivo anterior, decorreram alterações na forma como os alunos se agrupavam pelas turmas, tentando que estas se tornassem mais funcionais e os alunos mais tolerantes uns com os outros. Esta informação revelou que seria útil implementar estratégias que contribuíssem para atenuar esta adversidade. De salientar que, para além desta questão particular, faz parte da adolescência uma crise de identidade, da qual podem advir as mesmas dificuldades. As actividades equivalentes podem promover a desenvoltura dos jovens.

A empatia é considerada uma *soft skill*, sendo este tipo de competências associadas à capacidade de relacionamento e interacção entre o sujeito e as pessoas que o rodeiam. Envolve aptidões emocionais, sociais e mentais, que permitem ao individuo exceder-se, através da ampliação da sua própria realidade, com base numa compreensão afectiva e cognitiva em relação à situação de outro (Vigostki, 1999) apud (Brolezzi, 2014). Batson (1991) indica que a empatia se define como a mobilização para o outro e aponta no sentido de uma estreita relação com o altruísmo, na medida em que é geradora de compaixão (Brolezzi, 2014). Vigostki (1984) defende ainda que na exploração desta capacidade o aluno deve ter um papel activo na sua aprendizagem.

A difusão das tecnologias, a crescente percentagem de população urbanizada, o consumismo e de uma forma geral, os ritmos de vida acelerados trouxeram vastas

vantagens ao ensino e à aprendizagem. No entanto, têm tido consequências nas pessoas e na sociedade que se consideram alarmantes, nomeadamente, a individualidade e perda de empatia. Neste sentido, Moran (2015) assinala a importância do aproveitamento, por parte dos docentes, destas novas competências digitais, já generalizadas, para a criação de desafios e actividades, que promovam o pensamento crítico, proatividade e colaboração. A desmotivação e apatia dos alunos, bem como as suas dificuldades ao nível da expressão, são sintomas muito lembrados pelos docentes. Neste sentido, são consideradas as potencialidades do teatro como estratégia de ensino. Vários nomes da filosofia que se referem à prática da dramatização como algo salutar à desenvoltura dos jovens e dos seus relacionamentos, como Platão, Aristóteles e Piaget. Atendendo a que a dramatização nas escolas tem uma forte vertente lúdica, Rousseau (COURTNEY, 1980) apud (Moraes, 2011), enfatizava a educação pelo jogo, afirmando ainda que, ao saltar, brincar, correr, a criança teria seus instintos naturais encorajados. Assim, considera-se que esta actividade não deveria ser deixada para “as horas vagas” e deve envolver-se com a leccionação dos conteúdos (Katto, 2009).

*“No final do século XVI, as actividades dramáticas surgem em quase todas as escolas (...) a arte de falar, enfatizada na época, fez com que os estudos se voltassem para o teatro antigo, portanto, as encenações tornaram-se comuns. Viam o jogo como possibilidade de suavizar o estudo dos livros e o teatro como exercício para a linguagem, para relaxamento ou para o ensino de outras matérias” (Moraes, 2011).*

Spolin (2003) apud (Ramos, 2013) refere que, durante a actividade lúdica, as relações humanas vão sendo trabalhadas de maneira espontânea, a estrutura social é experimentada na prática e ganha naturalmente novos contornos. Dado que a pretensão é a de que os alunos se fechem menos nos seus pequenos grupos e que actuem enquanto turma, sendo tolerantes com todos e com as diferenças de cada um. Assim, não só a empatia vai ao encontro de suprimir as dificuldades que as turmas

apresentam em termos de cooperação e integração, mas conjuntamente, a dramatização. Também Olga Reverbel (1979; 1989) apud Katto, 2009) produziu múltiplos resultados decorrentes de actividades relacionadas com dramatização e reconhece que esta trabalha ao nível dos relacionamentos, espontaneidade, imaginação, observação e percepção. Vários autores afirmam ainda que as memórias podem ser reforçadas quando envoltas numa história, lugar e emoções, pois os cérebros tendem a prestar mais atenção.

Deste modo, prevê-se também que seja uma metodologia para que os alunos ganhem confiança em si mesmos; se desinibam; desenvolvam a memorização, concentração; a expressão escrita; o domínio do corpo, comunicação oral, criatividade e melhorem os relacionamentos inter-pessoais na turma.

As metodologias referidas são consideradas metodologias activas, as quais são caracterizadas por um maior grau de envolvimento por parte do aluno. Este tipo de metodologia não pretende aqui opor-se ao modelo tradicional expositivo, pois considera-se que cada um tem as suas finalidades, devendo assim coexistir. A tendência que se verifica é a de ganhar cada vez mais adeptos, uma vez que são resultado da adaptação aos tempos que correm (Guimarães, 2018). No entanto, estas sugestões não são ainda consideradas muito comuns. Os seus objectivos passam pela transmissão de conhecimentos, desenvolvimento de competências cognitivas, sociais e também pessoais.

Compreender as migrações a partir do encontro da Geografia com a empatia e a dramatização pode ser um exercício promissor, visto que, as consequências das migrações estão fortemente presentes nas sociedades, nomeadamente, na sociedade portuguesa e as estratégias de ensino promovem a reflexão e a capacidade de se colocar no lugar do outro, neste caso, do migrante. As dinâmicas sociais permitem aos indivíduos constantemente manifestar a sua empatia, através da interacção com outros, ou mesmo não sendo pessoalmente, como são exemplos: alguém que ao ver uma reportagem sobre a criminalidade opta por pensar na condição e nas oportunidades daqueles envolvidos no mundo do crime; ao observar fotografias; ao ouvir músicas ou até em políticas que aprovam ou não, mesmo não sendo afectas ao individuo (Cupertino e Oliveira, 2019). Já a dramatização pode servir como simulação desses episódios sociais.



Bueno et al., (2008, p. 6) apud (Cupertino e Oliveira, 2019) assume que dentro das áreas geográficas, a que mais possibilita a associação com a prática da empatia é a Cultural, uma vez que, “(...) incorpora a explicação perceptiva, subjectiva e contextualizada da diversidade cultural dos espaços geográficos, identificados na tradição, etnia, religião, linguagem, costumes, crenças, género e valores (...)”, pois são peculiaridades frequentemente abarcadas pelo exercício empático.

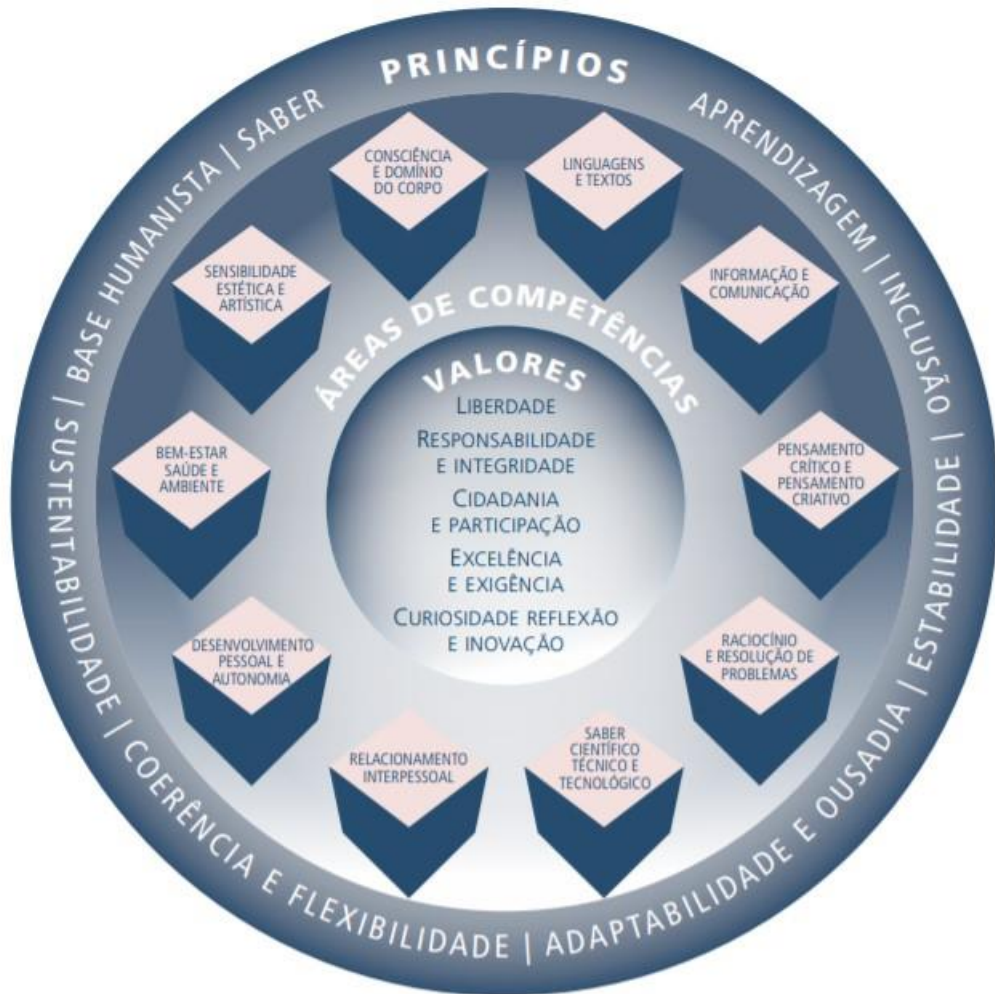
Ainda segundo um outro ponto de vista, a empatia aplicada pelo professor no seu aluno, remete para a percepção de bases dos alunos, o saber lidar e saber estar com os estudantes (Brolezzi, 2014). No que concerne ao saber estar do professor, remete-se para demonstrações de ego por parte deste agente, nomeadamente, relativo ao seu conhecimento, não implicando necessariamente perda de autoridade ou reconhecimento. A contenção do ego e a postura humilde por parte do professor funciona como abertura para o discente expor dúvidas, opiniões, teorias e ou experiências, bem como leva o aluno a crer que o conhecimento lhe está acessível. Consciente ou inconscientemente, o aluno absorve um pouco da postura do docente. Para além da alavanca que esta ferramenta pode representar no processo ensino/aprendizagem dentro da sala de aula, crê-se que a empatia tende a despoletar nas pessoas reciprocidade, o que significa que, o professor ao estimular esta capacidade no discente, esta revelar-se-á útil em diversas situações de onde se possam obter aprendizagens. Desta forma, considera-se essencial a formação psicológica e análise emocional dos docentes.

### Enquadramento programático

---

Segundo a Direcção Geral de Educação (DGE) as Aprendizagens Essenciais são o documento de orientação curricular base no processo de ensino e aprendizagem e tem como objectivo desenvolver as áreas de competências presentes no Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória.

Figura 22: Esquema conceptual do Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória



Fonte: DGE

Quanto ao Perfil do Aluno à Saída da Escolaridade Obrigatória, este é um documento que refere áreas de competência e valores, que como o nome indica, devem ser apreendidos pelos alunos até à saída da escolaridade obrigatória. Como tal, inerente à função do professor está, para além da fundamental transmissão dos conteúdos, o estímulo à promoção das referidas competências e valores. O programa de Geografia agrega vários assuntos que podem facilmente ser canalizados de modo a desenvolver os critérios pretendidos. Desta forma, tentar-se-á perceber de que forma é que a leccionação dos conteúdos inerentes à ‘Mobilidade da População’, aliada à dramatização, pode contribuir para a incitação de uma grande parte, daquilo que são os objectivos do ‘Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória’. Das dez áreas de

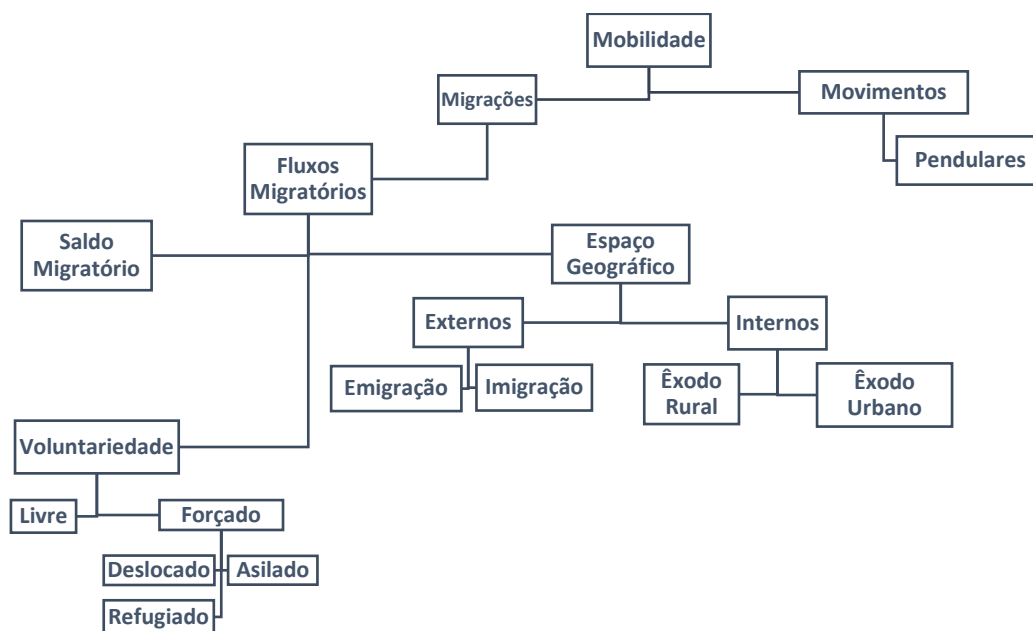
competências fundamentais que se pretendem desenvolver, esta actividade propõe-se a desenvolver um pouco de cada uma, nomeadamente, Linguagem e textos; Informação e comunicação; Pensamento crítico e pensamento criativo; Raciocínio e resolução de problemas; Saber científico, técnico e tecnológico; Relacionamento interpessoal; Desenvolvimento pessoal e autonomia; Bem-estar, saúde e ambiente; Sensibilidade estética e artística e Consciência e Domínio do corpo. Ao nível dos valores considera-se que a estratégia tem potencial para fazer também uma abrangência total, sendo eles, Liberdade; Responsabilidade e integridade; Cidadania e participação; Excelência e exigência; Curiosidade e reflexão e inovação.

As migrações são um assunto que está programado, segundo as Aprendizagens Essenciais, para ser abordado inicialmente no 8ºano de escolaridade, inserindo-se no tema “População e Povoamento” e no subtema “Mobilidade”, ao qual estão inerentes os seguintes conceitos: “migração”; “emigração”; imigração”; “saldo migratório”; “movimento pendular”; “êxodo rural”; “refugiado” e “fluxo migratório”. Os conceitos “emigração”, “imigração” e “saldo migratório” são explorados anteriormente no subtema da população na sequência do crescimento efectivo e das estruturas etárias. Este documento é tido como o principal modelador do programa da disciplina

Para além do documento referido anteriormente, contou-se também com o apoio das Metas Curriculares. Este documento que não se encontra actualmente em vigor, vai ao encontro do que sugerem também as Aprendizagens Essenciais.

A Figura 23 apresenta um esquema conceptual elaborado pela autora, onde constam os conceitos presentes nas Aprendizagens Essenciais, no subtema da mobilidade no 8ºano.

Figura 23: Esquema conceptual - Mobilidade da População



Elaboração própria (2020)

Considera-se que o programa se encontra fragmentado quanto às suas temáticas, o que poderá não beneficiar a correlação e reflexão dos alunos sobre os diferentes assuntos.

No 8º ano os alunos iniciam o contacto com a temática da população. Já no 9º ano, por exemplo, o programa inicia-se com os subtemas: “Países Desenvolvidos *versus* Países em Desenvolvimento” e “Interdependência de espaços com diferentes níveis de desenvolvimento”, seguidos de conteúdos sobre clima. Quanto aos subtemas anteriormente nomeados, considera-se que estes se poderiam inserir harmonicamente no tema da mobilidade.

O subtema que se explora neste trabalho designa-se de “mobilidade da população”, no entanto, encontra-se reduzido à abordagem das migrações, sendo que estas são apenas uma ínfima parte da mobilidade.

No que concerne às Aprendizagens Essenciais, foi tido em conta:

1. A localização e compreensão dos lugares e das regiões: Observação e interpretação da variação de indicadores demográficos relacionados, no tempo e no espaço; Identificação de padrões na distribuição da população nacional, relacionando-os com os seus factores; Identificação de padrões na distribuição de fluxos migratórios, a diferentes escalas e respectivos factores e ainda localização de cidades.
2. A problematização e debate das inter-relações entre os fenómenos e os espaços geográficos: A relação das áreas de atracção e de repulsão demográficas por factores físicos e humanos; O reconhecimento de aspectos referentes à cultura, povoamento e actividades económicas, que conferem singularidade a cada região; As situações de equilíbrio ou ruptura entre a população e os recursos naturais, em diferentes contextos; As causas e consequências dos fluxos migratórios, a diferentes escalas e ainda identificação de problemas das áreas urbanas que interferem com a vida das populações.
3. Estratégias de ensino para o perfil dos alunos, estes põem em prática a leitura e interpretação de mapas; Articulação rigorosa do uso consciente do conhecimento geográfico; Análise de factos, identificando os seus elementos ou dados e execução de tarefas de memorização, verificação e associadas a compreensão e uso de saber e ainda estabelecimento de relações intra e interdisciplinares.

Em termos de Metas Curriculares, a temática explorada insere-se no subtema da 'Mobilidade' do tema "População e Povoamento", do 8º ano. Alguns dos conceitos fundamentais neste subtema já haviam sido abordados no subtema anterior - 'População', nomeadamente: emigração; imigração; saldo migratório.

A disciplina de Geografia assegura-se uma área científica privilegiada para criar um espírito crítico esclarecido e formar cidadãos activos na sociedade, tendo em conta o preconizado na Carta Internacional para a Educação Geográfica. Em conformidade com a este documento, o qual se apresenta como documento norteador da educação geográfica à escala mundial, percebe-se que o tema da empatia e do conhecimento do “outro” encontra-se subjacente à valorização das consequências, derivadas de decisões geográficas tomadas diariamente, ao entendimento da diversidade e interligação das culturas e sociedades que compõem o planeta Terra e assim, à harmonização da, cada vez mais rápida, interligação humana (Figura 24). Pretende-se contribuir para que os alunos venham a adquirir instrumentos para porem em prática o respeito e trato harmónico entre as diferentes sociedades e culturas, de acordo com os princípios e bases comuns reconhecidas internacionalmente.

Figura 24: Educação geográfica e valores cívicos



Elaboração própria (2020)

Em contexto nacional destaca-se o Programa Escolhas, referência aqui tida em conta, projecto fundamentalmente promovido pela Presidência do Conselho de

Ministros e integrado no Alto Comissariado Para as Migrações, do qual se apropria, neste trabalho, de um dos seus princípios basilares: inclusão escolar e educação não formal.

Este documento aponta para uma educação escolar em que os alunos desta geração global constroem e sedimentam uma cultura científica e artística de base humanista. Para tal mobiliza valores e competências que lhe permitem aos indivíduos intervir nas sociedades, tomar decisões livres e fundamentadas sobre questões naturais, sociais e éticas. Tal objectivo valorativo expressa em grande parte a intensão contida na implementação da estratégia didáctica da dramatização em consonância com a temática das migrações.

### Desenho da proposta de estratégia didáctica

---

Na estratégia proposta procurou-se ir ao encontro das necessidades pedagógicas contemporâneas, das características da turma escolhida, e de educar para a prevenção para do risco. Consciente que a função base de um professor é a transmissão de conhecimentos e atendendo à necessidade que se tem generalizado de motivar os alunos, aliou-se isto a algumas especificidades internas: ao facto das turmas terem sido sinalizadas por carência de estratégias de integração e cooperação; de ter vários alunos filhos de país imigrantes e nem sempre advindo de fluxos migratórios óbvios.

Neste sentido, houve desde logo a pretensão de propor trabalho em grupo, mas com a ambição de sair do cliché da apresentação *power-point* ao qual os alunos estão muito habituados e criaram já algumas resistências. Colocar os discentes num papel tão activo quanto possível, foi desde início um objectivo basilar, dado que o envolvimento torna-se benéfico para a aprendizagem e para a consolidação dos conhecimentos.

O pouco tempo de aulas que cada turma tem de determinada disciplina foi uma limitação fulcral. Este favorece o registo predominante que vigora, o modelo expositivo,

pois o pouco tempo que se dispõe para transmitir tantos conteúdos, em tao pouco tempo semanal e em turmas com tantos alunos é um conjunto de factores limitadores quando se pondera projectos em que os alunos movem a engrenagem. Assim estes trabalhos converteram-se numa dinâmica de grupos.

Todos nós somos atingidos por movimentos migratórios, enquanto familiares, amigos de alguém que tenha efectuado uma migração, ou através de mudanças ocorridas na comunidade que nos rodeia. Das três turmas, nas quais houve pretensão de implementar a presente estratégia, 4 são filhos de pais imigrantes. Também grande parte da turma tem ou tiveram pais emigrados e grande parte deles (80% veremos mais à frente) tem familiares fora do país de origem. Neste contexto pode ainda acrescentar-se que a totalidade dos alunos destas turmas é actualmente residente no distrito de Aveiro, o qual se encontra em 6º lugar dentro dos distritos mais receptores do país. Dado este contexto socio-cultural achou-se que os alunos teriam experiencias prévias relacionadas com a temáticas das migrações interessantes que seria benéfico explorar.

*“A vivência cotidiana do aluno, seus contactos pessoais com familiares, amigos, a interacção com a mídia levam-no a formular conceitos espontâneos que carecem de formas de explicitação a ser construídas no processo de aprendizagem formal. Nesse processo, os mesmos instrumentos que levam à construção dos conceitos espontâneos podem ser retomados para a caminhada em direcção à construção dos conceitos científicos.” (ABUD, 2005: 312) apud (Pereira, 2013)*

Os fluxos migratórios fazem parte de um fenómeno social complexamente impactante nas sociedades e, ultimamente, tem sido associado a iniciativas terroristas e a perdas de vidas, assim, este assunto tem-se tornado amplamente mediático. Muitos de nós, por vezes, assumimos opiniões, sem reflectir na sua origem e sem nos apercebemos que se encontravam pouco fundamentadas e, após nos debruçarmos um pouco sobre o assunto, ou conhecermos alguém nele envolvido, mudamos essa mesma opinião. Nas questões sociais isto também acontece e não raramente. Neste sentido



Bachelard (1996) ressalva a necessidade de apreensão dos conhecimentos prévios dos alunos. Além disto, sabe-se que na dramatização os alunos fazem uso de elementos que captam na realidade, consciente ou inconscientemente e também por isto interessa saber as suas opiniões e respectivas fundamentações.

*“(...) quando, literalmente, sentimos a dor, o sofrimento, a aflição de outra pessoa, tornamo-nos mais motivados a agir pró-socialmente de modo a reduzir esses sentimentos negativos em nós mesmos e no outro (Zahn-Waxler e Radke-Yarrow, 1990). Essa é uma das razões pelas quais a empatia tem sido considerada uma habilidade evolutivamente relevante e essencial para a manutenção das comunidades humanas.” (PAVARINI e SOUZA, 2010:615) apud (Pereira, 2013).*

Pretendia-se então uma estratégia que englobasse trabalho de grupo, cuja apresentação fosse dramatizada, que se inserisse no tema da mobilidade da população e estimulasse a empatia entre os alunos. A empatia é o elemento nesta proposta que não se põe em prática num momento específico, sendo que se pretende desenvolver esta competência de diferentes formas, desde o “momento-exploratório” até ao “momento-reflexão”.

A captação dos saberes dos alunos acerca deste assunto foi feita através da Entrevista Exploratória, (Anexo V). Este documento foi pensado não só para efeitos diagnósticos, mas também, para o entendimento de experiências pessoais e/ou opiniões previamente formadas. Assim, o documento tem as suas questões divididas em dois grupos: 1) questões particularizadas – relações pessoais e comunitárias; 2) questões gerais – estereótipos. Inicia-se assim, na prática, com o “momento-diagnóstico”, onde os alunos preenchem a “Entrevista Exploratória”. Através das respostas dadas podemos observar algumas tendências curiosas, que podem funcionar a favor do estímulo da aprendizagem. No sentido em que é possível observar onde é que se podem fazer pontes entre os saberes trazidos pelas experiências do alunos (que não são científicos), e a identificação dos conteúdos científicos: acção de empatia dos alunos com os conteúdos (Pereira, 2013), para além da função básica de análise diagnóstica.

Seguem-se as aulas, onde dentro da liberdade que o currículo oferece, se direccionou um pouco o assunto para o que mais tarde se iria pedir nos trabalhos de grupo, nomeadamente, houve referência aos fluxos migratórios a diferentes escalas, com exemplos em áreas distintas do globo, no entanto foi dado ênfase aos fluxos migratórios internacionais com origem ou destino em Portugal.

Dados os conteúdos em sala de aula, procedeu-se à formação de grupos de trabalho, encarando-se esta etapa como fundamental para a funcionalidade dos mesmos enquanto estratégia de integração e empatia. Esta distribuição dos alunos não foi testada, no entanto foi pensada para garantir que os alunos não se unissem por núcleos de amizades, conveniência ou se criassem pólos de alunos com as mesmas dificuldades e/ou apetências. No caso da turma Y, com os 20 alunos da turma, formaram-se 4 grupos de 3 elementos e 2 de 4 o que perfaz um total de 6 grupos.

Assim, seleccionaram-se 6 temas para o desenvolvimento de trabalhos. No sentido em que os conteúdos se apreendem mais facilmente quando nos sentimos afectos aos mesmos, pensou-se em escolher fluxos migratórios afectos a Portugal. Dos 6 temas optou-se por 3 de emigração, com destino na França, Reino Unido e Estados Unidos da America e 3 de imigração com origem no Brasil, Cabo-Verde e Ucrânia. A escolha dos países relacionou-se com a dimensão dos fluxos e com a familiarização dos alunos das turmas e ainda com o que posteriormente se pede aos alunos, no Guião para a Elaboração da Personagem, nomeadamente, caracterização dos migrantes e tipologia de migração (Anexo VI).

Para a avaliação das apresentações/dramatizações valorizaram-se os seguintes critérios em: 50% para o domínio dos conteúdos; 25% para comunicação (aqui está inerente a expressão oral e corporal); 20% para empenho e autonomia e 5% para criatividade. A grelha correspondente encontra-se disponível no anexo VII.

O momento de reflexão seria dedicado à percepção de que forma os trabalhos de grupo e dramatizações funcionaram na consolidação dos conhecimentos; na inter-relação dos alunos; e de que forma a constatação do seu conhecimento prévio auxiliou no processo de aprendizagem.

A Empatia tem potencial para ser o elemento chave de uma estratégia didáctica, e pode inserir-se a vários níveis. Neste trabalho foi pensada para actuar das seguintes formas:

a) *Empatia do professor para com o aluno*: esta acontece através da exploração, por parte do professor, das competências e singularidades dos alunos, o que pode ser feito de diversas formas e serve para a promoção de um ensino personificado e diversificado. Também através do afastamento do modelo “aprovação/ reprovação” que procura estimular o discente na aprendizagem e participação, sem que estes sintam receio que a sua participação seja “reprovada”, o professor pode sempre aproveitar a intervenção do aluno ou, pelo menos, tentar entender a origem de tal ideia, desmistificando-a;

b) *Empatia dos alunos entre si*: esta promove-se através de estratégias de grupo, pois prevê-se que os alunos ao se relacionarem, tendem a criar empatia pelo outro, a incluí-lo e a flexibilizar-se socialmente;

c) *Empatia do aluno para com as questões sociais*: esta consegue-se através da análise dos conteúdos, associando-os a relações de proximidade dos alunos.

Tem-se o trabalho em grupos, como vantajoso, no sentido em que, economiza tempo comparativamente a trabalhos individuais, os alunos podem completar-se no que concerne às pesquisas; na variedade de sugestões que podem surgir de um grupo, em termos criativos e para além destes aspectos, gera maior confiança entre os elementos do grupo na medida em que têm um objectivo comum. Geralmente a avaliação do trabalho em grupo é complexa, no sentido em que, no resultado escrito não ser perceptível o trabalho de cada um. Nestes trabalhos o domínio dos conteúdos é apresentado unicamente na exposição oral.

Em termos de desvantagens, ainda que a estratégia não tenha sido implementada, foi perceptível que este tipo de estratégia, onde o aluno é o actor principal, exigem bastante mais tempo do que o modelo expositivo, o qual dificilmente se enquadra no tempo semanal com a turma, bem como no currículo. Este constrangimento não se impunha com o mesmo peso na eventualidade desta actividade decorrer no âmbito de um Domínio de Autonomia Curricular (DAC).



Parte IV

---

**Resultados**

A estratégia didáctica, como referido anteriormente, foi aplicada apenas parcialmente devido à interrupção das aulas presenciais devido às circunstâncias da saúde pública, ficando assim comprometidos, grande parte dos resultados desta actividade. Deste modo serão apresentados resultados referentes à 2ª fase da metodologia, o “momento diagnóstico”, com carácter semi-estruturado, o qual diz respeito ao preenchimento da Entrevista Exploratória.

A Entrevista Exploratória é um inquérito escrito, que foi desenvolvido especificamente para esta ocasião. Tendo por base que este seria o primeiro contacto dos alunos com a temática das migrações, serve de teste diagnóstico, não apresentando apenas esta função, não fosse o seu carácter tão pessoal. Esta vertente mais íntima pretende despertar nos alunos um olhar empático, de cidadão para cidadão.

De realçar ainda, que esta entrevista foi colocada em primeira instância à turma 8ºX e após esta experiência, acabou por se adaptar a mesma. Optou-se por apresentar mais perguntas de opção e explicitar melhor/subdividir outras questões, uma vez que, os alunos apresentaram dificuldades a exprimir-se por escrito de forma livre, e na interpretação das questões.

Procurou-se perceber primeiramente se os alunos têm, na sua rede de contactos próximas, pessoas que tenham efectuado migrações. À questão: “Tem familiares estrangeiros” 16 alunos em 20 (80%), responderam afirmativamente (Figura 25).

Figura 25: Percentagem de alunos com familiares estrangeiros



Elaboração própria (2020)

Constatou-se que comparando a questão “Tem amigos estrangeiros?” (Figura 26), com a questão anterior, as percentagens de respostas afirmativas têm a mesma representatividade (80%) na questão.

Figura 26: Percentagem de alunos com amigos estrangeiros



Elaboração própria (2020)

Ainda que não seja possível com base na análise destes gráficos, baseando-nos nos inquéritos realizados pelos alunos, pode aferir-se que todos os alunos afirmaram ter pelo menos 1 amigo ou 1 familiar estrangeiro. Assim, numa óptica abrangente pode afirmar-se que a totalidade dos alunos da turma reconhece ter relações pessoais com estrangeiros.

Acontece que durante o preenchimento do questionário, dois alunos desta turma, revelaram ter dificuldade na resposta, por não estarem certos da definição de “estrangeiro”. Calcula-se que à data, mais alunos tivessem uma noção dúbia do conceito, tendo em conta os números tão avultados e uma vez que acabou por se concluir que muitos alunos tinham familiares e amigos no estrangeiro e não estrangeiros.

A estas questões seguiam-se as seguintes: “Como fez amizade com essas pessoas? Como se tornaram seus familiares?” Esta segunda foi geradora de muitas dúvidas uma vez que muitos alunos não conseguiram considerar os familiares por afinidade.

Procurou-se ainda entender se os alunos mantinham contacto frequente com os estrangeiros que lhes são próximos. Desta forma questionou-se: “Relacionam-se com frequência? Presencialmente ou à distância?” Ao qual a maioria dos alunos afirma relacionar-se com frequência e pessoalmente, muitos referiram ainda contactar por mensagens via telemóvel.

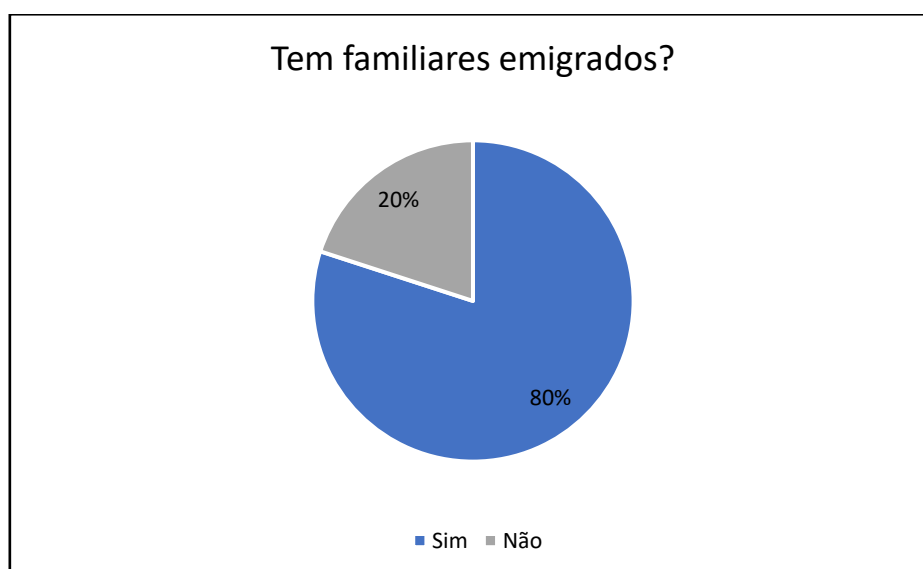
Se anteriormente se abordaram as relações de proximidade, seguem-se as relações de conhecimento. A questão “Conhece outras pessoas estrangeiras na sua comunidade?” também gerou algumas dificuldades. À partida os alunos não se recordavam de ninguém. Após a sugestão: “recordem-se dos comércios e serviços que frequentam, será que costumam ser atendidos por alguém que sabem que é estrangeiro?”, 70% dos alunos afirma conhecer estrangeiros na sua comunidade (Figura 27).



*Figura 27: Reconhecimento de estrangeiros na comunidade por parte dos alunos*

Elaboração própria (2020)

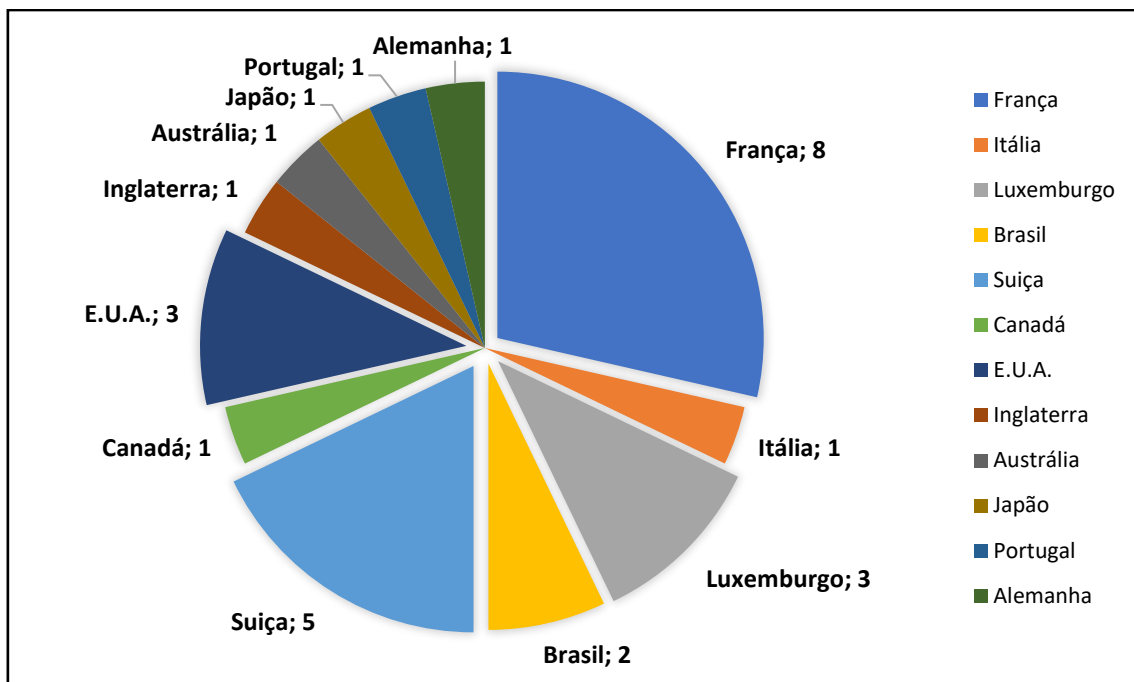
Procurou-se também averiguar se estes alunos tinham familiares no estrangeiro. Concluiu-se que 80% da turma tem familiares actualmente a residir fora do seu país de origem (Figura 28). Ainda em conversa informal, soube-se que alguns dos familiares dos alunos já estiveram emigrados e, entretanto, retornaram ao país de origem, não tendo sido contabilizados.

*Figura 28: Percentagem de alunos que tem familiares emigrados*

Elaboração própria (2020)

Aos 80% dos alunos que responderam “sim” à questão anterior: “Tem familiares emigrados?” Foi-lhes também inquirido quais os países de destino dos seus familiares que estão emigrados (Figura 29). Alguns alunos identificaram mais do que um país, sendo que têm mais do que um familiar/agregado familiar fora do país. Existe também a opção “Portugal”, uma vez que, existe um aluno na turma cuja nacionalidade e dos seus familiares não é portuguesa. Nesta questão destaca-se o destino “França” para o qual 29% dos familiares emigrou; 18% para a Suíça, 11% Luxemburgo e igualmente 11% para os Estados Unidos da América.

Figura 29: Destinos de emigração dos familiares dos alunos



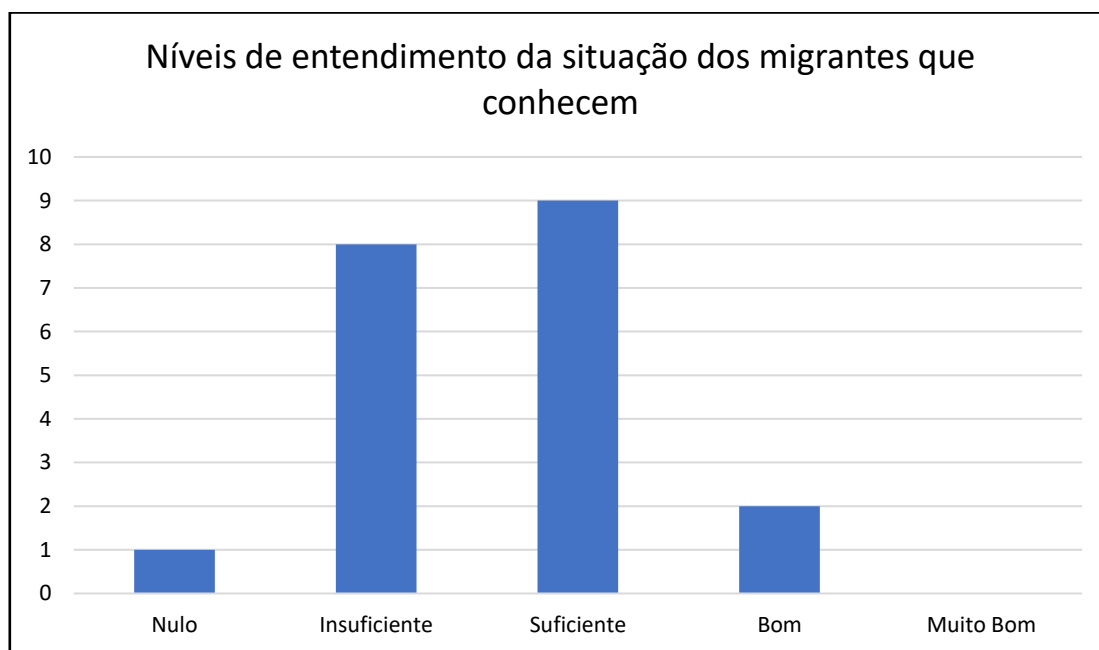
Elaboração própria (2020)

Fizeram-se algumas questões quanto à integração dos estrangeiros conhecidos pelos alunos. “Quais as idades, os estudos e as profissões dos estrangeiros que conhece?”; “Como acha que estão inseridos esses estrangeiros na comunidade onde vivem?” e “Quais acha que são as maiores dificuldades no dia-a-dia desses estrangeiros?”. Para simplificar esta análise atribuiu-se uma classificação às respostas dadas a todas estas questões. Os alunos revelaram um nível de entendimento que se

considerou globalmente fraco, sendo as classificações mais frequentes: “insuficiente” e “suficiente” (Figura 30). Muitos dos alunos indicaram a língua como sendo a maior dificuldade dos indivíduos estrangeiros. As respostas foram muito variadas, a maioria respondeu com facilidade à primeira questão, no entanto, as respostas às perguntas seguintes foram dadas num tom de opinião, começando por “acho que...” ou sendo muito vagas, como são exemplos:

- a) “Acho que estão bem inseridos se gostarem do país onde vivem”;
- b) “Bem eu acho, mas tiveram de aprender a falar a língua de lá”.

*Figura 30: Entendimento, por parte dos alunos, da situação dos estrangeiros que conhecem*

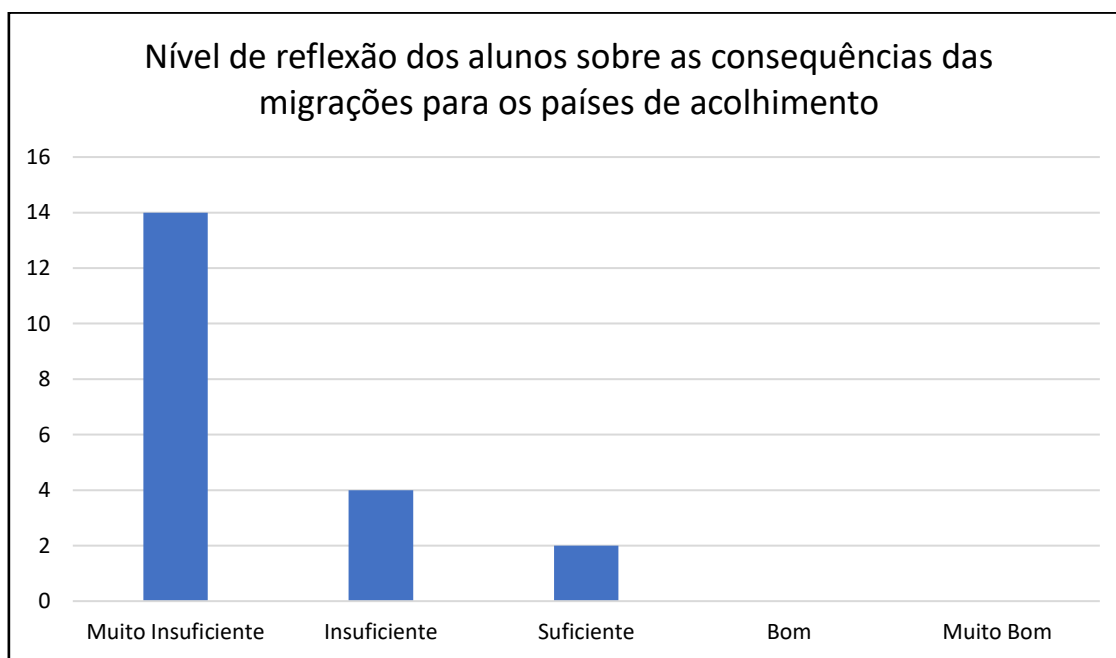


Elaboração própria (2020)

Atendendo às questões: “De que forma é que os estrangeiros poderão ser benéficos para os países que os acolhem?” e “quais os problemas que poderão trazer para os países que os acolhem?”. Nas suas respostas, a generalidade dos alunos revelou nunca ter pensado sobre este assunto. Para além de terem demonstrado dificuldade na compreensão das perguntas, alguns assinalam a diversidade cultural e a diversidade linguística tanto como benefício como problema. No âmbito dos benefícios de acolher população estrangeira, os alunos apontaram ainda a multiculturalidade, novas ideias,

aumento da população, novos costumes e gastronomia diversa. Já no âmbito dos problemas que poderão advir do acolhimento de estrangeiros, os alunos identificaram fundamentalmente o terrorismo, guerra, crime, falta de emprego, língua diferente e más intenções.

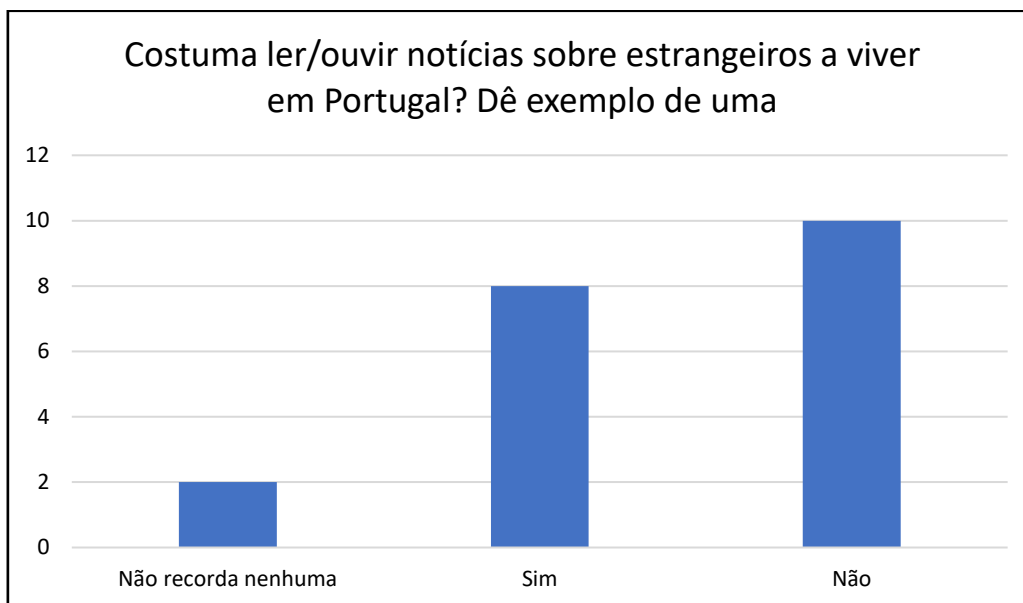
*Figura 31: Avaliação diagnóstica – causas e consequências das migrações*



Elaboração própria (2020)

Para além das ideias/opiniões dos alunos, interessa saber de onde são estas provenientes. Neste sentido perguntou-se: “Costuma ler/ouvir notícias sobre estrangeiros a viver em Portugal? Dê exemplo de uma.”. A esta questão 2 alunos responderam que sim, mas não recordam nenhuma notícia para exemplificar; 8 afirmaram ler/ouvir notícias e deram o respectivo exemplo e metade da turma (10 alunos) responderam negativamente. Estas respostas revelam que ainda que vivamos numa época em que é fácil a transmissão da informação, muitas vezes, os alunos não acedem, por não lhes despertar interesse e/ou não lhe reconhecerem a devida importância.

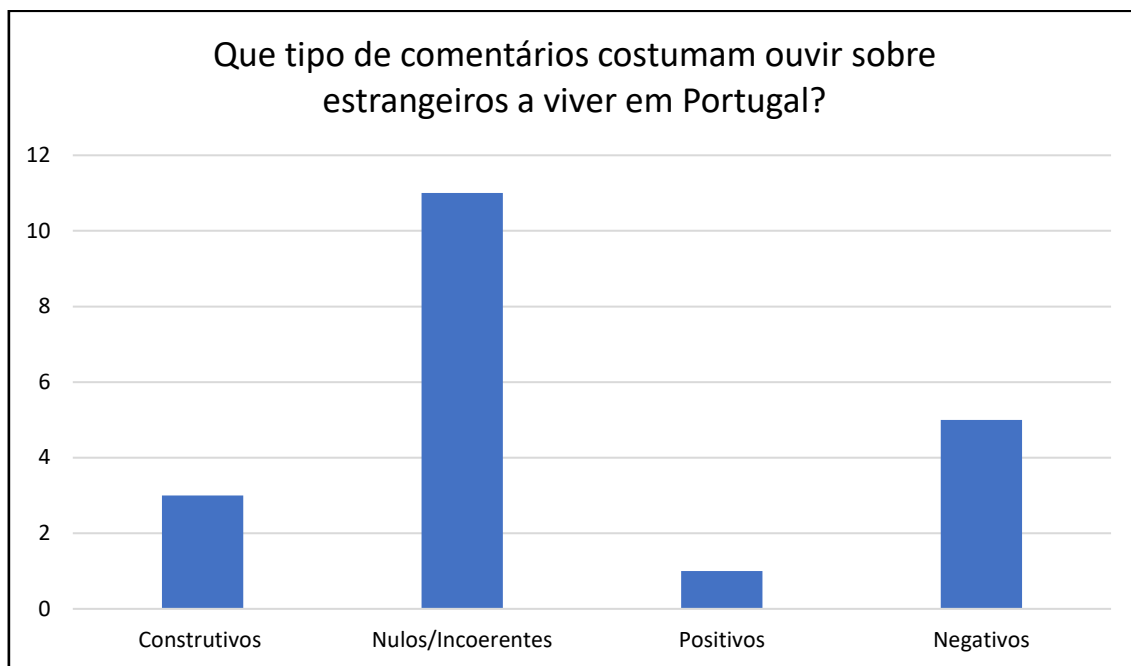
Figura 32: Impacto da comunicação social na opinião dos alunos



Elaboração própria (2020)

A questão foi: “Das pessoas que estão à sua volta (familiares, amigos vizinhos), que tipo de comentários costuma ouvir sobre os estrangeiros?”, esta questão revelou-se especialmente difícil de classificar. Assim, aos comentários onde se concedeu veracidade classificou-se como “construtivos”, às respostas onde os alunos afirmam não ouvir comentários ou onde os comentários que ouvem são muito ambíguos classificou-se como “nulo/incoerentes”; à resposta única, que afirma simplesmente: “é bom receber estrangeiros”, classificou-se como “positiva” e as respostas onde estão presentes somente algo depreciativo, como é exemplo “... ouço quando vêm para cá fazer terrorismo ou ilegalidades.” considerou-se “negativos”.

Figura 33: Influência do meio, na opinião dos alunos



Elaboração própria (2020)

Assim, apenas 3 alunos (15%) referiram comentários considerados construtivos, 11 alunos (55%) referiram não ouvir nada ou referiram algo muito inconclusivo, 1 aluno (5%) referiu um comentário meramente positivo e 5 alunos (25%) referiram comentários negativos.

Segundo as informações fornecidas pelos alunos, pode afirmar-se que os alunos têm bastante presente nas suas relações pessoais e comunitárias indivíduos que já efectuaram migrações. No entanto, pela coincidência da percentagem de alunos com familiares estrangeiros, com a percentagem de alunos com familiares a residir no estrangeiro, e pela avultada percentagem do primeiro, restam algumas dúvidas se os alunos, à data do questionário, se encontravam esclarecidos sobre o conceito “estrangeiro”. Averiguou-se também que os discentes têm uma vaga percepção das implicações desta mobilidade acarretada nas vidas dos seus próximos.

Dos problemas que os migrantes podem trazer para os países que os acolhem, identificados pelos alunos, apenas a dificuldade linguística advinda da diferença, foi relacionada com o processo de integração dos seus familiares.

Através da análise do preenchimento das Entrevistas Exploratórias, realizadas pelos alunos, pôde definir-se algumas tendências gerais:

1. Em primeira instância, nota-se que os alunos têm dificuldades ao nível da expressão escrita (esta análise é feita com base nos erros ortográficos, palavras que se repetem com frequência nas respostas de cada um e na constatação de que, mesmo dentro da turma, o vocabulário é pouco diversificado;
2. Revelam ainda fraca empatia pela situação dos familiares estrangeiros, uma vez que, conhecem pouco das suas dificuldades e superações;
3. Por fim nota-se que existe pouco hábito de ver/ouvir notícias, e raros são os que discutem as actualidades com os familiares, pois a maioria nunca tinha pensado nas possíveis controvérsias ou benefícios da recepção de migrantes e por isso assumem que os problemas não existem.

*“Não costumo ouvir muitos comentários por isso presumo que sejam bem aceites” (Aluno da turma 8ºY).*

Com base na observação empírica em sala de aula, destaca-se que os discentes, com vista em esclarecer alguns conceitos, recorreram várias vezes, à situação de indivíduos que lhes são próximos para expor as suas questões. Estas situações recorrentes demonstraram-nos que a intenção de criar envolvimento através da empatia foi conseguida.

Quanto à dramatização, esta actividade estava a ser iniciada quando foi interrompida. Chegou a ser explicado aos alunos quais os grupos e os temas que iriam trabalhar e que as suas produções seriam apresentadas de forma dramatizada. A reacção das turmas foi bastante distinta e por isso, considera-se que merece destaque. A turma Y, para a qual a estratégia foi pensada, recebeu as indicações com agrado e curiosidade, sendo que expuseram várias perguntas acompanhadas de expressões faciais sorridentes. Pelo contrário, quando a estratégia foi exposta à turma X, os primeiros alunos manifestarem-se foram os que geralmente têm comportamentos

desviantes durante as aulas, os quais se fizeram acompanhar de expressões faciais que indicavam desconforto. Já a turma Z, que foi a que menos interesse demonstrou pela disciplina de Geografia até à data, quando receberam as indicações sobre as tarefas a desempenhar, foi a que menos se questionou, agindo com generalizada indiferença.



## Considerações Finais

---

Após o percurso aqui descrito e alguns períodos de reflexão, considera-se que o estágio curricular é um elemento crucial na formação de um professor. Em poucos meses, constatou-se uma evolução pessoal e profissional marcante, nomeadamente na percepção das dificuldades e das lutas inerentes à carreira, do enorme impacto que cada professor tem ou pode ter na confiança, aprendizagem e, por conseguinte, no futuro de cada aluno. Neste sentido, recomenda-se aqui a futuros estagiários que neste ano, “mergulhem” profundamente em todos os aspectos da vida escolar, convivam com professores e alunos, participem em todos os eventos que forem possíveis, pois todos os momentos são uma oportunidade de aprendizagem. Apesar das vastas aprendizagens obtidas, prevê-se ainda assim, uma transição abrupta entre esta fase e o exercício pleno de funções.

Os desafios contemporâneos da actividade pedagógica são imensos e torna-se urgente apaziguá-los. Com o enfraquecimento da posição do Professor, como é exemplo a perda de autonomia deste agente; com o aumento das turmas; e contando com vários aspectos que caracterizam as gerações de jovens actuais, têm surgido inúmeros obstáculos nas dinâmicas escolares. Estes carecem de estudo e de resolução para que se possa ambicionar um melhor sistema de ensino. Neste sentido, considera-se ainda que a inclusão de alunos que carecem de ensino especial vem complexificar a situação de uma forma generalizada, resultando num saldo tendencialmente pouco positivo. Neste contexto, destaca-se ainda a tendência para o surgimento de perturbações mentais, apatia e perda de aptidões sociais e comunicativas nas crianças e jovens, que estão na origem de muitas outras disfunções. A Escola é a instituição mais capacitada para combater estas questões, na medida em que tem acesso a todas as crianças e jovens, bem como forte impacto no seu desenvolvimento. Estas questões afectam os alunos de forma díspar, divergindo muito consoante a educação e estímulo transmitidos no seio familiar. Têm consequências ao nível da integração e participação na sociedade, bem como, no mercado de trabalho. A empatia proporciona o combate de muitas das dificuldades anteriormente descritas, e nesse sentido se pode afirmar que esta proposta é compatível com as necessidades actuais. Ainda que a estratégia didáctica não tivesse sido aplicada plenamente, pelos contributos científicos que neste trabalho foram

analisados, decerto que esta vai ao encontro de todas as competências descritas no Perfil do Aluno.

As migrações são resultado das desigualdades socio espaciais e tendem a ocorrer com fim a um país mais desenvolvido do que o de origem. Ainda que por conta dos avanços científicos e tecnológicos muitas sociedades menos desenvolvidas tenham vindo a conseguir satisfazer as suas necessidades básicas, nem por isso se verifica o decréscimo das desigualdades, pois o mundo está em constante alteração e sem conseguir acompanhar os seus avanços, enxergam uma posição vulnerável. Sendo que as dinâmicas do mundo em que vivemos se revelam cada vez mais complexas e imprevisíveis, com uma nova ordem de poder, onde as democracias se revelam cada vez mais débeis e limitadas. Os indivíduos encontram-se crescentemente desprovidos de meios pelos quais pode fazer valer os seus pontos, e de apurar o que é verdadeiro. Ainda mais fragilizados encontram-se os migrantes forçados, elementos fortemente prejudicados pelas dinâmicas globais, ao ponto que se considera contra valores humanitários e contra a Declaração Universal dos Direitos Humanos. Com o poder do lado das grandes empresas financeiras e multinacionais, a vida Humana tem vindo a ser desvalorizada em detrimento de lucros e de supremacia. A globalização, como descrita anteriormente, está a prejudicar fortemente as sociedades dos países em desenvolvimento, mantendo nestes falta de condições favoráveis à dignidade humana e coloca as sociedades dos países desenvolvidos a alimentar esta dinâmica, ainda que alienados da mesma, através do consumismo desmedido e da criação de uma extrema competitividade. Isto acontece ignorando questões ambientais, humanitárias, religiosas e culturais. A solução para estas questões está tanto mais distante quanto maior for o alheamento das sociedades destes assuntos.

Assim, considera-se que a liberdade que se concerne actualmente às grandes empresas se opõe à dignidade humana, devendo esta ser limitada, devolvendo poder aos Estados. Neste sentido, também a perda de exigência no ensino, bem como, o direccionamento do mesmo para o empreendedorismo e conseqüente afastamento das letras e humanidades, contribuem para a alimentar esta dinâmica freneticamente competitiva. Assim, considera-se que o estudo de história e geografia são fundamentais ao desenvolvimento de cidadãos capazes de tomar decisões. Outorga-se que as

fronteiras são um “mal” necessário no sentido da separação de poderes e da gestão do espaço. Quando os Estados não olham aos direitos dos cidadãos, manifestando alheamento às suas reais funções, cabe aos cidadãos lutar pelos mesmos sempre que possível. Esta resiliência por parte dos indivíduos é referida por Fernandes (2008) apud (Velez de Castro e Lourenço, 2017) como resiliência *in loco*. Relativamente aos riscos sociais inerentes às migrações importa frisar, a precarização dos trabalhos dos migrantes e do mercado de trabalho do país de acolhimento, as dificuldades de inserção associadas, os problemas advindos da sua marginalização e a perda de identidade do local de origem com enfoque nas grandes cidades. Constatou-se que os problemas sociais tendem a alastrar-se, os problemas que hoje são da população imigrantes, podem ser os problemas dos nacionais amanhã. Assim, o desprezo destas questões que aparentemente são individuais, são afinal uma responsabilidade social. O combate a estas situações denomina-se de resiliência estratégica (Santos, 2009) apud (Velez de Castro e Lourenço, 2017). Os indivíduos devem ser livres de migrar, no entanto, a aceitação de toda a migração forçada, de forma alguma resolve o problema. Não só não se consegue evacuar todos os países em risco, como o acolhimento da população não é solução, para além de que, ainda cria outros problemas nos locais de acolhimento. Consegue-se, porém, combater esta questão por meio escolarização, esta é a aposta mais valiosa, a empatia pelas sociedades é fundamental e ainda a consciencialização do povo, de que a sua força está na mão-de-obra, naquilo que produz.

Teoricamente, o apelo de primeira instância, seria por uma ordem mundial que auxiliasse na gestão de conflitos, dissuadisse preconceitos étnicos e apoiasse as nações, de forma ética e imparcial, fundamentalmente em momentos de crise. Nitidamente a ordem supra estatal que existe encontra-se fora das dinâmicas a que se propõem. Assim, pela inevitável perda de confiança na ordem mundial existem, e pelos riscos inerentes à existencial de um poder supremo abrangente, este trabalho apela sim, à redução de politização de questões humanitárias, como são exemplos os casos inerente a deslocados; que as organizações/meios de comunicação exponham também os benefícios do acolhimento de população estrangeira; ao empenho de cada um para se envolverem tanto quanto possível nos assuntos sociais, porque a sociedade diz respeito a todos e revela-se uma família em pequena escala; que a Escola reforce a importância

do conhecimento de outras realidades; e fundamentalmente que não se tenha receio, avareza ou pudor que impeça de ajudar o próximo. Porque tal como nas questões laborais, acredita-se que o processo seja o mesmo com a vasta maioria das questões sociais, fazendo por deteriorar a democracia e os Direitos Humanos.



## Referências Bibliográficas

---

- António, J. H., Policarpo, V., Rutland, A., Pereira, C. R., Marques, J.C., Costa, L. P., Monteiro, M. B., Rodrigues, R. B., Pires, S., e Correia, T. S. (2011). *Os Imigrantes e a Imigração aos Olhos dos portugueses. Manifestações de preconceitos e perspectivas sobre a inserção de imigrantes*, Universidade Católica Portuguesa. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Arroteia, J. C (2001). *Aspectos da Emigração Portuguesa*. 94. Disponível em: <http://www.ub.edu/geocrit/sn-94-30.htm> (acedido a 25/07/2020)
- Bertazzo, C.J. (2013). *O Teatro no Ensino de Geografia: Uma experiência pibidiana em Catalão*. Revista Mediação, 7 (7). Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/mediacao/article/view/603> (acedido a 26/07/2020)
- Brolezzi, A.C. (2014). *Empatia na Relação Alunos/Professor/Conhecimento*. 17 (27).
- Castro, A., e Marques, S. (2008). *A Integração dos Imigrantes de Leste em Portugal. Contributos para a análise*. Cidades, Comunidades e Territórios, 17.
- Correia, A. (2016) Os muros internos. XXI, Ter Opinião. Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Costa, M. A., e Silva, M. G. C. (2015). Emigração da geração jovem em Portugal: Impacto económico e emocional da migração jovem nos idosos. Disponível em: <http://www.barometro.com.pt/2015/12/28/emigracao-da-geracao-jovem-em-portugal-impacto-economico-e-emocional-da-migracao-jovem-nos-idosos/> (acedida a 25/07/2020)
- Cupertino, T.V., e Oliveira, J. R (2019) *O Lugar da Empatia no Ensino de Conteúdos de Geografia Urbana*. Disponível em: <http://www.revistaensinogeografia.ig.ufu.br/> (acedido a 27/07/2020)
- Espírito Santo, I. (2015). *A construção da imagem do “bom trabalhador” português em França*. 4. Disponível em: <http://www.barometro.com.pt/2015/12/28/a-construcao-da-imagem-do-bom-trabalhador-portugues-em-franca/> (acedido a 25/07/2020)



- Fernandes, F.C.M. (2019). *Atitudes de Cidadãos Portugueses Face ao Acolhimento de Refugiados*. Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica. Porto. Disponível em: [https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/30022/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o\\_Atitudes\\_final.pdf](https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/30022/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o_Atitudes_final.pdf) (acedido a 28/10/2020)
- Figueiredo, P.A.C. (2016). *União Europeia, Imigração e Ética*. Universidade Aberta. Disponível em: <https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/4925/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Uni%C3%A3o%20Europeia%2c%20Imigra%C3%A7%C3%A3o%20e%20%C3%89tica%20-%201303177%20Paula%20Figueiredo.pdf> (acedido a 27/07/2020)
- Gabinete de Estudos OPP. (2018). *A Necessidade e o Papel dos Psicólogos no Contexto Educativo*. Disponível em: [http://recursos.ordemdospsicologos.pt/files/artigos/parecer\\_sobre\\_a\\_necessidade\\_e\\_a\\_imp\\_dos\\_psis\\_no\\_ctxt\\_educ.pdf](http://recursos.ordemdospsicologos.pt/files/artigos/parecer_sobre_a_necessidade_e_a_imp_dos_psis_no_ctxt_educ.pdf) (acedido a 20/07/2020)
- Góis, P. (2019). *Migrações e Desenvolvimento em Portugal*. Cáritas Portuguesa. Disponível em: <https://www.plataformaongd.pt/uploads/subcanais2/casa-comum-pt-digital.pdf> (acedido a 20/07/2020)
- Guerreiro, J., e Rodrigues, C. (2016). *Muros do Mundo*. XXI, Ter Opinião. Fundação Francisco Manuel dos Santos, 6.
- Guia, M. J. (2008). *Imigração e Criminalidade*. Almedina.
- Guimarães, A. L. (2008). *Metodologias Ativas: Empatia, humildade e protagonismo na sala de aula em tempos de docência online*. Congresso Internacional de Educação e Tecnologias.
- International Organization for Migration (2019). *World Migration Report 2020*. OIM
- Katto, S. B. (2009). *Produção Didático-Pedagógica. A Dramatização como Ferramenta Didática*. II. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1842-8.pdf> (acedido a 10/07/2020)

- Kennedy, F., et al. (2018). *A Consciência Prática e o Ensino de Geografia: Lugares da Prática na Formação Docente - Tensões e Convergências*. UFPE. Disponível em: <https://www.ufpe.br/documents/1147022/0/ebook-+III+EPEG+-+PARA+PUBLICA%C3%87%C3%83O.pdf/7140ce49-9f43-42f5-bd1f-4807f82e8751> (acedido a 27/07/2020)
- Lopes, T. P. A. (2014). *Migrações: Novas realidades, Viver num mundo em desenvolvimento*. Universidade de Lisboa.
- Marinucci, R. (2017). *Migrações e trabalho: Precarização, discriminação e resistência*. 25 (49). Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1980-85852017000100007&lng=es&nrm=iso&tlng=es](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1980-85852017000100007&lng=es&nrm=iso&tlng=es) (acedido a 25/07/2020)
- Matias, G. S. (2014). *Migrações e Cidadania*. Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Matias, G. S. (2016) *O Desafio e a Oportunidade da Integração*. Fundação Francisco Manuel dos Santos, 6.
- Mendes, J. M. (2015). Ulrich Beck: a imanência do social e a sociedade do risco. *Análise Social*. Disponível em: [http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/AS\\_214\\_o01.pdf](http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/AS_214_o01.pdf) (acedido a 20/09/2020)
- Monteiro, I, (2012). *Diversidade cultural – um desafio aos cuidados de saúde em Portugal*. Plataforma Barómetro Social. Disponível em: <http://www.barometro.com.pt/2012/04/17/diversidade-cultural-um-desafio-aos-cuidados-de-saude-em-portugal/> (acedido a 25/07/2020)
- Moraes, D. R. (2011). *Teatro na Escola da Lei à Lida*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de São João Del Rei. Disponível em: <https://ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/mestradoeducacao/Dissertacao%20Danielle%20Rodrigues%20de%20Moraes.pdf> (acedido a 20/07/2020)
- Nolasco, C. (2016). *Migrações internacionais: Conceitos, tipologia e teorias*. 32.
- Nossa, P., Santos, N e Cravidão, F. (2013). *Risco e vulnerabilidade: a importância de factores culturais e sociodemográficos na interpretação e reacção aos perigos*. Disponível em:

- [https://www.researchgate.net/publication/257747956\\_Risco\\_e\\_vulnerabilidade\\_e\\_a\\_importancia\\_de\\_factores\\_culturais\\_e\\_sociodemograficos\\_na\\_interpretacao\\_e\\_reacao\\_aos\\_perigos](https://www.researchgate.net/publication/257747956_Risco_e_vulnerabilidade_e_a_importancia_de_factores_culturais_e_sociodemograficos_na_interpretacao_e_reacao_aos_perigos) (acedido a 11/08/2020)
- Oliveira, C. R, Gomes, N. (2019). *Indicadores de Integração de Imigrantes: Relatório Estatístico Anual 2019*. Biblioteca Nacional de Portugal; 4; Imigração em Números – Relatórios Anuais, p 374. Observatório das Migrações.
- Padilla, B., e Ortiz, A. (2012). *Fluxos migratórios em Portugal: Do boom migratório à desaceleração no contexto de crise. Balanços e desafios*. REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana, 20 (39), 159-184. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1980-85852012000200009&lng=pt&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1980-85852012000200009&lng=pt&tlng=pt) (acedido a 28/07/2020)
- Peixoto, J. (2004). *As Teorias Explicativas das Migrações: Teorias Micro e Macro-Sociológicas*. SOCIUS – Centro de Investigação em Sociologia Económica e das Organizações.
- Pereira, J. D. S. (2013). *Algumas Reflexões Sobre o Conceito de Empatia e o Jogo de RPG no Ensino de História*. 15. Disponível em: [http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364641045\\_ARQUIVO\\_ALGUMASREFLEXOESSOBREOCONCEITODEEMPATIAEOJOGODERPGNOENSINODEHISTORIA.pdf](http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364641045_ARQUIVO_ALGUMASREFLEXOESSOBREOCONCEITODEEMPATIAEOJOGODERPGNOENSINODEHISTORIA.pdf) (acedido a 31/08/2020)
- Pimentel, D. (2005). *Terra de Migrações, Atlas de Portugal*. Instituto Geográfico Português.
- Pires, R. P., Azevedo, J., Vidigal, J., e Veiga C. M. (2019). *Emigração Portuguesa – Relatório Estatístico 2019*. Observatório da Emigração e Rede Migra Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (CIES-IUL), Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL).
- Pires, R. P., Pereira, C., Azevedo, J., Vidigal, I., e Veiga, C. M., (2020). *A Emigração Portuguesa no Século XXI*. Sociologia, Problemas e Práticas, n.º 94, 2020, pp. 9-38. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/sociologiapp/article/download/19573/15378/> (acedido a 27/10/2020)

- Ramos, J. A. S. (2013). *A contribuição e a Importância do Teatro na Educação Integral da Criança*. Instituto Politécnico de Viana do Castelo.
- Ramos, V. (2013). *Formar para a emigração? Intersecções entre desemprego e qualificações no Portugal em crise*. Plataforma Barómetro Social.
- Rego, B. P.C. (2008). *Risco e cosmopolitismo: ambiente, modernidade e Europa no pensamento de Ulrich Beck*. Universidade de Lisboa. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/1730> (acedido a 20/09/2020)
- Silva, C. I. S. (2007). *Preconceitos etnoculturais: Meio rural e meio urbano. Contributo para a educação intercultural*. Disponível em: <https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/623/1/LC323.pdf> (acedido a 31/08/2020)
- Silva, M.S., Queiróz. I.D., e Ferreira. V. (2016). *Mundialização do capital e mobilidade humana: cenários, atores e políticas*. Argumentum.
- Soares, L. (2013). *Teatralizando o Ensino de Geografia*. Revista Brasileira de Educação em Geografia. 3, p. 57-81.
- Sousa, P. P. (2017). *A diáspora portuguesa como prioridade da política externa de Portugal: Entre o discurso e a prática*. 7, p. 57-78.
- Velez de Castro, F. (2016). *A crise migratória do Mediterrâneo e os riscos antropossociais*. Territorium: Revista Portuguesa de riscos, prevenção e segurança. 23.
- Velez de Castro, F., e Lourenço, L., (2017). *Resiliência, População e Território: Contributo Conceptual para a Terminologia dos Riscos*. Territorium, 24, p. 5 - 13.
- Vidal, D. G. (2018). *Ecoconsciencialização das cidades: Uma emergência global*. Plataforma Barómetro Social. Disponível em: <http://www.barometro.com.pt/2018/08/20/ecoconsciencializacao-das-cidades-uma-emergencia-global/> (acedido a 25/07/2020)
- Viegas, J. M. L., Carreiras, H., e Malamud, A. (2007). *Portugal no Contexto Europeu, Vol.1, Instituições e Política: Vol. I*. CIES-ISCTE CELTA EDITORA.

Vitorino, A., Catarino, P., Cruz, P. T., Fonseca, M. L., Justino, D., Machado, F. L., Peixoto, J., e Pires, R. P. (2007). *Imigração: Oportunidades ou Ameaça?* Principa.

---

Fontes Virtuais:

---

Conselho Português para os Refugiados (CPR). Disponível em: <https://cpr.pt/> (acedido a 21/10/2020)

Declaração Universal dos Direitos Humanos. Disponível em: <https://dre.pt/declaracao-universal-dos-direitos-humanos> (acedido a 14/09/2020)

Dicionário Priberam. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/> (acedido a 30/10/2020)

Observatórios das Migrações. Disponível em: <https://www.om.acm.gov.pt/> (acedido a 07/07/2020)

Organização das Nações Unidas Disponível em: <https://unric.org/pt/> (acedido a 09/07/2020)

---

Notícias

---

Albuquerque, R. (2019). *Portugal tornou-se um dos países mais favoráveis à imigração*. Jornal Expresso. Disponível em: <https://expresso.pt/sociedade/2019-01-26-Portugal-tornou-se-um-dos-paises--mais-favoraveis--a-imigracao> (acedido a 26/07/2020)

Nunes, R. R. (2020). *Ordem revela que emigração entre enfermeiros triplicou desde 2017*. Diário de Notícias. Disponível em: <https://www.dn.pt/vida-e-futuro/ordem-revela-que-emigracao-entre-enfermeiros-triplicou-desde-2017-11740212.html> (acedido a 28/07/2020)

Pinto, D. F. (2020). *Do Muro de Berlim às fronteiras vedadas na Europa*. Disponível em: [https://www.rtp.pt/noticias/mundo/do-muro-de-berlim-as-fronteiras-vedadas-na-europa\\_i1166914](https://www.rtp.pt/noticias/mundo/do-muro-de-berlim-as-fronteiras-vedadas-na-europa_i1166914) (acedido a 26/06/2020)

Sousa, J. (2019). Portugal recebeu 2.144 refugiados em quatro anos mas 50% terá abandonado o país. *Jornal Económico*. Disponível em: <https://jornaleconomico.sapo.pt/noticias/portugal-recebeu-2-144-refugiados-em-quatro-anos-mas-50-tera-abandonado-o-pais-diz-amnistia-internacional-513037> (acedido a 30/10/2020).

## Anexos

---

## Anexo I – Planificação Anual



## Planificação Anual de Geografia 2019/2020

GEOGRAFIA – 8ºANO

Carga curricular semanal: 2x 50 min

Atividades	1.º Período AP (50 m)	2.º Período AP (50 m)	3.º Período AP (50m)
Apresentação e avaliação diagnóstica	3		
Conteúdos programáticos	16	17	9
Avaliação de conhecimentos	5	5	4
Auto e heteroavaliação	1	1	1
Atividades de enriquecimento curricular	2	2	2
Subtotal:	27	23	16
<b>Total</b>		<b>66</b>	

DOMÍNIOS	SUBDOMÍNIOS	N.º tempos	PERÍODOS
<b>O Meio Natural</b>	A dinâmica do litoral	5	<b>1º Período</b>
<b>População e Povoamento</b>	População	9	
	Mobilidade	9	
	Diversidade cultural	4	
<b>Atividades Económicas</b>	Áreas de fixação humana	9	<b>2º Período</b>
	Atividades Económicas: recursos, processos de produção e sustentabilidade	4	
	Setor I (Primário)	10	<b>3º Período</b>
	Setor II (Secundário)	4	
	Setor III (Terciário)	6	
Redes e meios de transporte de telecomunicações	6		
		<b>Total: 66</b>	

NOTA - A contagem dos tempos letivos foi feita por aproximação uma vez que as turmas não têm aulas no mesmo dia da semana.



## Anexo II – Planificação a Médio Prazo do Subtema da Mobilidade da População



### Planificação a Médio Prazo



**Tema:** População e Povoamento

**Subtema:** Mobilidade

**Número de Aulas:** 3 Aulas de 50 minutos

#### Objectivos:

- Identificar os diferentes tipos de migrações;
- Analisar as características de cada tipologia;
- Refletir sobre as causas e consequências das migrações
- Compreender os grandes ciclos migratórios internacionais
- Compreender, no tempo e no espaço, as migrações em Portugal

#### Questões-chave:

- Quais os tipos de migrações que podemos identificar na atualidade?
- Quais os principais motivos que estão na base dos fluxos migratórios?
- Que consequências decorrem dos movimentos migratórios, no que concerne aos territórios de partida e de chegada?

#### Pré-Requisitos:

Emigração;

Imigração;

Saldo migratório;

#### Conceitos Novos:

-Migração;

-Temporárias

- Definitivas

- Intercontinentais

- Intracontinentais
  - Legais/documentadas
  - Ilegais/indocumentadas
  - Clandestinas/indocumentadas
  - Voluntárias
  - Forçadas
- Movimento pendular;
- Êxodo rural;
- Refugiado;
- Fluxo migratório
- Ciclos migratórios internacionais;
- Fluxos migratórios na Europa
- Migrações em Portugal.

#### **Aprendizagens Essenciais:**

##### **Localizar e compreender os lugares e as regiões**

- Interpretar mapas temáticos simples (com uma variável), relativos a fenómenos demográficos e culturais, usando o título e a legenda.
- Comparar o comportamento de diferentes indicadores demográficos, no tempo e no espaço, enunciando fatores que explicam os comportamentos observados.
- Identificar padrões na distribuição dos fluxos migratórios, à escala nacional, europeia e mundial, enunciando fatores responsáveis por essa distribuição.
- Localizar cidades, em mapas de diferentes escalas.

##### **Problematizar e debater as inter-relações entre fenómenos e espaços geográficos**

- Reconhecer aspetos que conferem singularidade a cada região, comparando características culturais, do povoamento e das atividades económicas.
- Explicar causas e consequências dos fluxos migratórios, a diferentes escalas.

##### **Comunicar e participar**

- Explicar a importância do diálogo e da cooperação internacional na preservação da diversidade cultural.

#### **Recursos Utilizados:**

- Caderno Diário;
- Cartões utilizados no “Jogo da Consequência”;
- Internet;
- Grelha de Observação de Aula;
- Manual selecionado;
- Pionés;

Plataforma online: Edmodo;  
Projetor;  
Quadro de giz (ardósia);  
Quadro de Cortiça.

**Bibliografia:**

Bartram, David *et al* (2014), *Key concepts in migration*. Sage, Reino Unido.

Carvalho, F. (2011). *A Emigração Portuguesa nos Anos 60 do Século XX - Porque Não Revisitá-los Hoje?* Francisco Carvalho e CPES.

Clifford, Nicholas *et al* (2009), *Key concepts in geography*. Sage, 2ª edição Reino Unido.

Guia, M. J. (2008). *Imigração e Criminalidade*. Almedina.

Nolasco, C. (2016). *Migrações internacionais: Conceitos, tipologia e teorias*. 32.

Padilla, B., e Ortiz, A. (2012). “Fluxos migratórios em Portugal: Do boom migratório à desaceleração no contexto de crise. Balanços e desafios”. *REMH: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, 20(39), 159–184

Vitorino, A., Catarino, P., Cruz, P. T., Fonseca, M. L., Justino, D., Machado, F. L., Peixoto, J., e Pires, R. P. (2007). *Imigração: Oportunidade ou Ameaça?* Principia.

**Fontes virtuais:**

*Amnistia Internacional*, disponível em: <https://www.amnistia.pt/> (acedido a 07/02(2020)

*Organização Internacional das Migrações*, disponível em: <https://www.iom.int/> (acedido a 07/02(2020)

Organização das Nações Unidas, disponível em: <https://unric.org/pt/> (acedido a 07/02(2020))

Anexo III – Planificação a Curto Prazo da 1ª Aula Assistida



**Planificação de Curto Prazo**

**Geografia 8ºano**

Aula de 50min - 11/02/2020

Helena Isabel da Silva Hermenegildo

**Domínio:** População e Povoamento

**Subdomínio:** Mobilidade da População

**Aprendizagens Essenciais:**

- Identificar padrões na distribuição da população e do povoamento, a diferentes escalas, enunciando factores responsáveis por essa distribuição.
- Explicar causas e consequências dos fluxos migratórios, a diferentes escalas.

**Sumário:**

- Identificação dos tipos de migrações.
- Causas e Consequências dos movimentos migratórios, nos locais de origem e nos locais de destino.

**Objectivos de Aprendizagem:**

- Identificar os diferentes tipos de migrações.
- Analisar as características de cada tipologia.
- Reflectir sobre as causas e consequências das migrações.

**Questões-chave:**

Quais os tipos de migrações que podemos identificar na actualidade?  
Quais os principais motivos que estão na base dos fluxos migratórios?  
Que consequências decorrem dos movimentos migratórios, no que concerne aos territórios de partida e de chegada?

**Estratégia Didáctica:**

**“Jogo da consequência”:**

- 1º) Será atribuído, a cada aluno, por sorteio, um aspecto relacionado com a dinâmica das migrações;
- 2º) O aluno dirigir-se-á à frente da turma e dirá aos colegas qual foi o aspecto com que ficou fazendo uma breve explicação da mesma;
- 3º) No final, colocá-la-á no quadro de cortiça, para que se possa construir uma síntese conjunta do trabalho realizado.

**Conceitos:**

- Migrante
- Migrações
  - Temporárias
  - Definitivas
  - Intercontinentais
  - Legais
  - Ilegais
  - Voluntárias
  - Forçadas

**Sequência de Aula:**

1. Registo do sumário;
2. Revisão dos seguintes conceitos: Migração, Imigração, Emigração, Êxodo Rural, Êxodo Urbano;
3. Registo, no caderno diário, de uma definição de “Migrante”;
4. Exibição de *Power-point* com objectivos de aprendizagem da aula; conteúdo relativo às causas das migrações, com ilustração de casos

recentes das respetivas causas; aos principais países emissores e receptores; tipos de migrações.

- Anteriormente à apresentação dos conteúdos pretende-se que os alunos, oralmente, tentem algumas propostas.
- Algumas causas são apresentadas em modelo de notícia, que serão sujeitas a leitura e interpretação dos alunos.
- Leitura do registo inicial de migrante e correlação com um quadro conceptual depositário dos tipos de migrações: (temporárias, definitivas, êxodo rural, êxodo urbano, intercontinentais, intracontinentais, legais, clandestinas, voluntárias e forçadas).

5. Actividade relacionada com as consequências das migrações: “Jogo da Consequência”.

**Recursos:**

- Caderno diário
- Computador
- Quadro de Cortiça
- Cartões para o “Jogo da Consequência”
- Pionés
- *Power-Point*
- Projector

**Avaliação:**

- Grelha de observação

**Bibliografia:**

Bartram, David *et al* (2014), *Key concepts in migration*. Sage, Reino Unido.

Carvalho, F. (2011). *A Emigração Portuguesa nos Anos 60 do Século XX - Porque Não Revisitá-los Hoje?* Francisco Carvalho e CPES.

Clifford, Nicholas *et al* (2009), *Key concepts in geography*. Sage,

2ª edição Reino Unido.

Guia, M. J. (2008). *Imigração e Criminalidade*. Almedina.

Nolasco, C. (2016). *Migrações internacionais: Conceitos, tipologia e teorias*. 32.

Padilla, B., e Ortiz, A. (2012). Fluxos migratórios em Portugal: Do boom migratório à desaceleração no contexto de crise. Balanços e desafios.

*REMH: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, 20(39), 159–184

Vitorino, A., Catarino, P., Cruz, P. T., Fonseca, M. L., Justino, D., Machado, F. L.,

Peixoto, J., e Pires, R. P. (2007). *Imigração: Oportunidade ou Ameaça?*

Principia.

**Fontes virtuais:**

*Amnistia Internacional*, disponível em: <https://www.amnistia.pt/> (acedido a 05/02(2020)

*Organização Internacional das Migrações*, disponível em: <https://www.iom.int/> (acedido a 07/02(2020)

*Organização das Nações Unidas*, disponível em: <https://unric.org/pt/> (acedido a 05/02(2020)

**Observações:**

---

---

---

---

---

---

---

---




Anexo IV - Planificação a Curto Prazo da 2ª Aula Assistida



**Planificação de Curto Prazo**

**Geografia 8ºano**

Aula de 20min - 2/06/2020

Helena Isabel da Silva Hermenegildo

**Domínio:** Actividades Económicas

**Subdomínio:** Sector I (Primário)

**Aprendizagens Essenciais:**

- Caracterizar os principais processos de produção e equacionar a sua sustentabilidade (extracção mineira, agricultura, pecuária, silvicultura, pesca, indústria, comércio, serviços e turismo).

**Sumário:**

- Silvicultura em Portugal: potencialidades e ameaças

**Objectivos de Aprendizagem:**

- Identificar as utilidades do espaço florestal
- Reconhecer as principais espécies presentes na floresta portuguesa e respectiva distribuição geográfica
- Conhecer as potenciais ameaças às florestas

**Questões-chave:**

Quais as actividades associadas ao espaço florestal?

Quais as espécies que mais se impõem na floresta portuguesa?

**Estratégia Didáctica:**

Aula Expositiva:

A exposição será feita com recurso a uma apresentação *Power-Point*, recorrendo com frequência a imagens e ícones e pontualmente a curiosidades.

**Conceitos:**

- Silvicultura
- Pinheiro
- Eucalipto
- Sobreiro
- Azinheira
- Madeira
- Biomassa
- Cortiça
- Montado

**Sequência de Aula:**

Apresentação *power-point* partilhada via Microsoft-Teams:

6. Inicia-se a aula com o enquadramento dos conteúdos que serão leccionados, no programa;
7. Esclarecimento do conceito de “silvicultura”;
8. Dado o conceito de “silvicultura”, tentar-se-á apurar a percepção dos alunos sobre “floresta”;
9. Referência breve aos elementos do espaço florestal;
10. Enumeração de funcionalidades fundamentais da floresta;
11. Comparação dos valores associados a diferentes produções;
12. Análise do uso do solo à escala nacional em percentagens;
13. Pedir-se-á aos alunos que recordem nomes de espécies arbóreas, que julguem ser as mais presentes no território português;
14. Análise dos contributos económicos;
15. Identificação das principais espécies presentes no território continental português e respectivas utilidades;
16. Referência ao montado como tipo de povoamento e exemplo de complementaridade;
17. Sintetização do conteúdo da aula;
18. Alusão a curiosidade sobre pontes feitas de árvores-da-borracha
19. Sugestões de mais pesquisa: RTP ensina: O que a floresta nos dá; PORDATA: Em que países há mais e menos km<sup>2</sup> arditos, por 100 mil km<sup>2</sup> de superfície?; Global Forest Wacht.

**Recursos:**

- Computador
- Internet
- Microsoft - Teams

- Power-Point

**Avaliação:**

- Participação na aula

**Bibliografia:**

Correia, A. V., e Oliveira, Â. C., (2002). *Principais Espécies Florestais com Interesse para Portugal. Zonas de influência mediterrânica*. Centro de Estudos Florestais do Departamento de Engenharia Florestal do Instituto Superior de Agronomia e Direcção-Geral das Florestas. Lisboa.

Correia, A. V., e Oliveira, Â. C., (2003). *Principais Espécies Florestais com Interesse para Portugal. Zonas de influência atlântica*. Centro de Estudos Florestais do Departamento de Engenharia Florestal do Instituto Superior de Agronomia e Direcção-Geral das Florestas. Lisboa.

Fabião, A. M., e Oliveira, Â. C., (2006). *A Floresta em Portugal*. Instituto Superior de Agronomia, Departamento de Engenharia Florestal.

Louro, G., (2015). *A Economia da Floresta e do Sector Florestal em Portugal*. Academia das Ciências de Lisboa.

**Outras Fontes:**

Conselho Económico e Social

EUROSTAT

ICNF

**Observações:**

---

---

---

---

---

---

---

---


Anexo V – Entrevista Exploratória



**Entrevista Exploratória 8º Ano**



**2019/2020**

**Responda às seguintes questões da forma mais sincera possível. A realização deste inquérito poderá ser feita de forma anónima.**

**1º nível de questões (particularizadas) - relações pessoais e comunitárias**

**Subnível 1.1 – relações de proximidade**

1.1.1) Tem familiares estrangeiros?

Sim  Não

E amigos?

Sim  Não

1.1.2) Como fez amizade com essas pessoas? Como se tornaram seus familiares?

---

---

1.1.3) Relacionam-se com frequência? Presencialmente ou à distância?

---

---

**Subnível 1.2 – relações de conhecimento**

1.2.1) Conhece outras pessoas estrangeiras na sua comunidade?

Sim  Não

1.2.2) Se sim, como as conheceu?

---

---

1.2.3) Como se relaciona com essas pessoas?

---

---

**Subnível 1.3 – experiência prévia**

1.3.1) Tem familiares emigrados?

Sim  Não

Se sim, em que países? Qual o seu grau de parentesco?

---

---

**Subnível 1.4 - integração**

1.4.1) Quais as idades, os estudos e as profissões dos estrangeiros que conhece?

---

---

1.4.2) Como acha que estão inseridos esses estrangeiros na comunidade onde vivem?

---

---

1.4.3) Quais acha que são as maiores dificuldades no dia-a-dia desses estrangeiros?

---

---

**2º nível de questões (gerais) - estereótipos**

**Subnível 2.1 – reflexão individual**

2.1.1) De que forma é que os estrangeiros poderão ser benéficos para os países que os acolhem?

---

---

2.1.2) Quais os problemas que poderão trazer para os países que os acolhem?

---

---

**Subnível 2.2 – reflexão comunitária**

2.2.1) Costuma ler/ouvir notícias sobre estrangeiros a viver em Portugal? Dê exemplo de uma.

---

---

2.2.2) Das pessoas que estão à sua volta (familiares, amigos vizinhos), que tipo de comentários costuma ouvir sobre os estrangeiros?

---

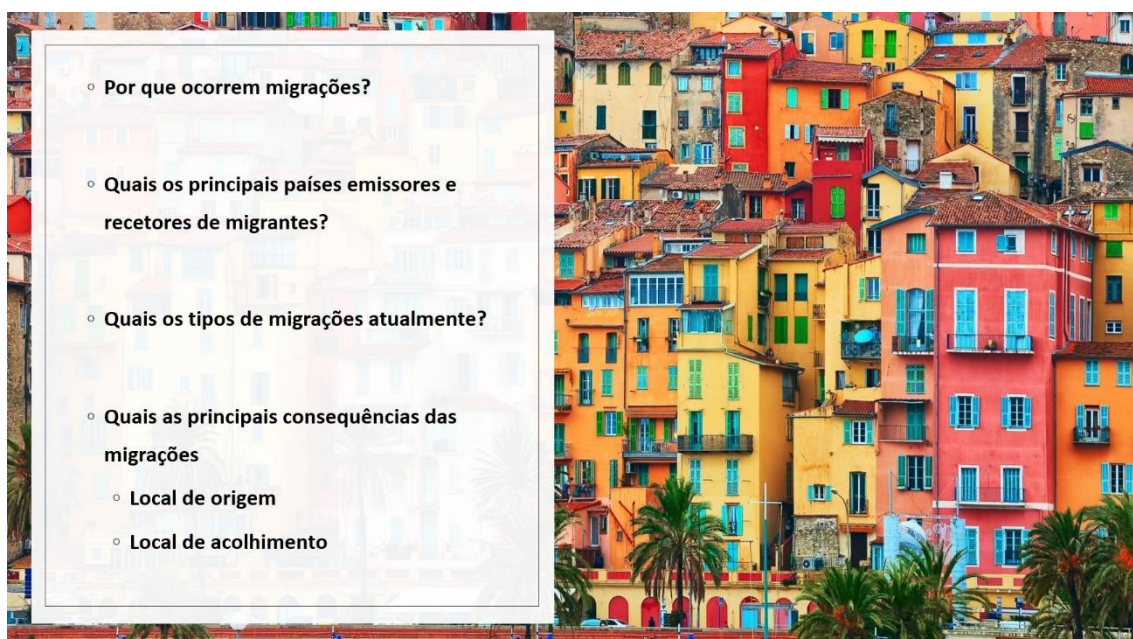
---



Obrigada pela colaboração! ☺



Anexo VI – Apresentação *Power-Point* Sobre a Temática das Migrações



Atualmente, Porque ocorrem migrações?  
(causas)



Atualmente, Porque ocorrem migrações?  
(causas)



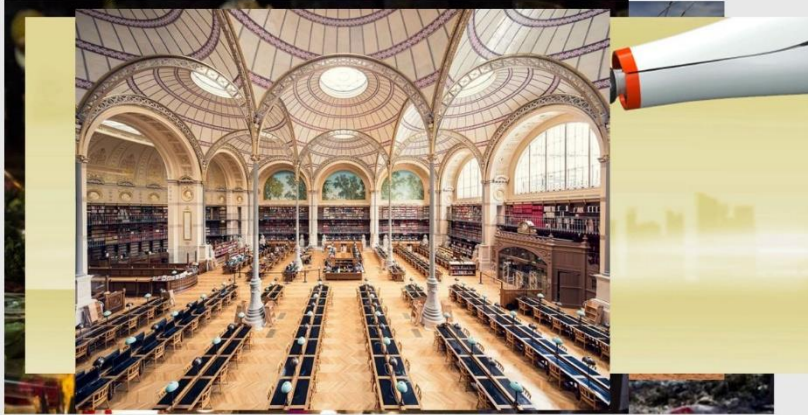
Atualmente, Porque ocorrem migrações?  
(causas)



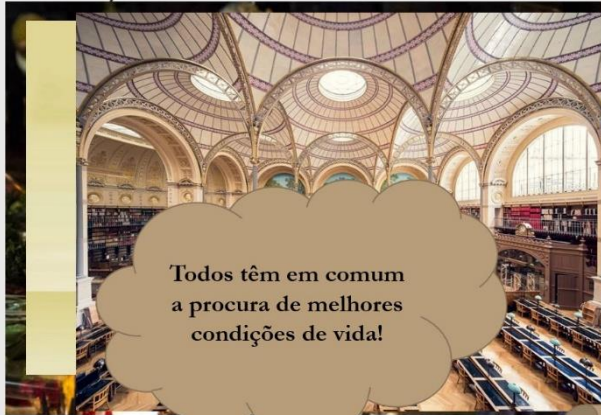
Atualmente, Porque ocorrem migrações?  
(causas)



## Atualmente, Porque ocorrem migrações? (causas)



## Atualmente, Porque ocorrem migrações? (causas)



Todos têm em comum  
a procura de melhores  
condições de vida!

### Em suma:

As causas das migrações  
podem ser:

- Políticas/Bélicas
- Naturais
- Religiosas
- Económicas/Laborais
- Socioculturais



Venezuela (2019)



MOÇAMBIQUE (2019)

## ÍNDIA (2019)



Referendo controverso provoca perda de nacionalidade indiana a habitantes do estado de Assam REUTERS/Stringer

Texto por: João Matos

**O Estado de Assam, no nordeste da Índia viu cerca de 2 milhões dos seus habitantes excluídos hoje de cidadania indiana. Um estado marcado por uma história de pobreza e sangrenta desde os tempos do conflito que deu origem ao Bangladesh. O estado de Assam é igualmente dilacerado por questões étnicas e religiosas.**

As autoridades indianas, alegando desembaraçar-se de chamados "estrangeiros infiltrados", retiraram a nacionalidade indiana a cerca de 2 milhões de habitantes do estado de Assam, no norte do país.

Trata-se de um Estado indiano onde as questões religiosas e étnicas são muito sensíveis e esta perda de nacionalidade indiana dos 2 milhões de habitantes de Assam surge após um controverso referendo que os marginalizou.



## BRASIL (2019)

- **“Portugal** vem atraindo, cada vez mais, brasileiros que pretendem **estudar** no exterior. Em 2017, no estado de **São Paulo**, o número de brasileiros que solicitaram visto para estudar no país aumentou 35%, em comparação a 2016. Os brasileiros já representam cerca de 30% dos estrangeiros nas universidades portuguesas”.

Fonte: Consulado Geral de Portugal em São Paulo

## Portugal é um país de emigrantes...

- Qual a causa predominante?
  - Económica/Laboral
- Onde existem mais Portugueses emigrados?
  - França
  - Suíça
  - EUA
  - Canadá
  - Brasil
  - Espanha
  - Alemanha
- Para onde migram actualmente?
  - Reino Unido
  - Suíça
  - França
  - Alemanha



Predominam indivíduos com baixas qualificações, embora se observe um crescimento da proporção dos mais qualificados.

## Lubango – Angola (2019)

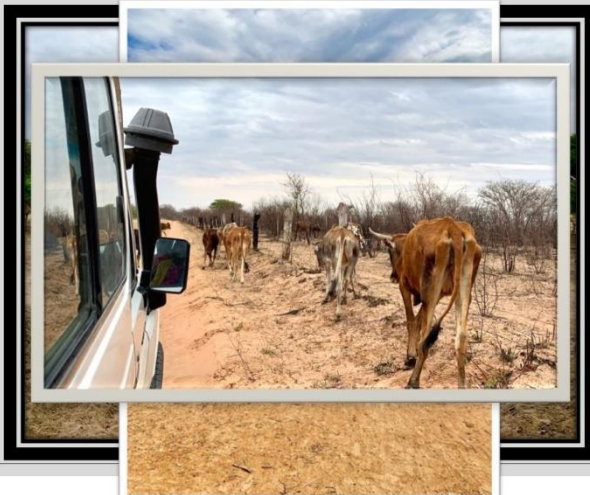


## Lubango – Angola (2019)



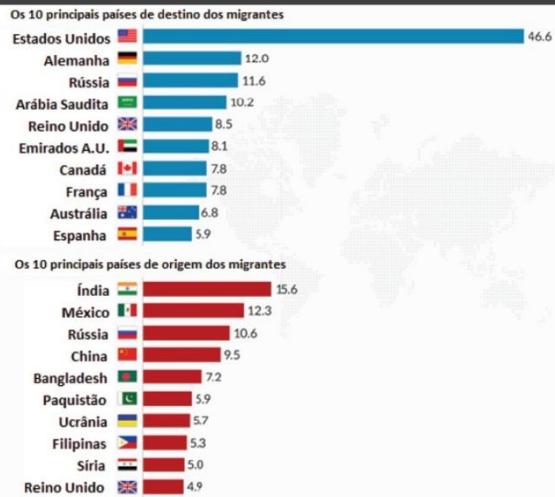
## Lubango – Angola (2019)

Não são os mais pobres que mais migram!





PAÍSES  
RECETORES  
E  
EMISSORES  
(2015) –  
244 milhões  
de migrantes!



Fonte: Adaptado de dados das Nações Unidas.

PAÍSES  
RECETORES  
E  
EMISSORES

A maioria dos  
países emissores  
pertencem ao  
continente  
Asiáticos e são  
países em  
desenvolvimento  
(PED)



Fonte: Adaptado de dados das Nações Unidas.



## Consequências das Migrações

### Local de Origem

- Despovoamento das áreas rurais
- Diminuição da taxa de natalidade
- Redução da população absoluta
- Entrada de remessas
- Redução do desemprego
- Redução da pressão demográfica
- Fuga de cérebros
- Redução da atividade económica
- Perda de população ativa
- Aumento do índice de dependência

### Local de Acolhimento

- Aumento da mão-de-obra
- Conflitos étnicos e racismos
- Aumento da criminalidade
- Diversidade cultural
- Surgimento de bairros de lata
- Crescimento das cidades
- Dificuldades de integração
- Aumento da população ativa
- Rejuvenescimento da população
- Aumento da taxa de natalidade

## Anexo VII - Guião para a elaboração da personagem



### Guião para a elaboração da personagem

2019/2020

#### Identidade

Nome:

Idade:

Habilitações:

Parentesco/relação com as restantes personagens do grupo:

Traços físicos/culturais:

História de vida:

#### País de Origem

De que país é proveniente? Enumere duas características físicas e duas culturais desse país.

Em que ano migrou?

Que transporte foi utilizado?

Com quem migrou?

#### País de Chegada

Qual o país de destino? Enumere duas características físicas e duas culturais desse país.

Área de residência nesse país?

Porque escolheu esse país para migrar?

Principais dificuldades sentidas na adaptação?

#### Tipo de Migração

Temporária/ Definitiva

Intercontinentais/Intracontinentais

Legal/Clandestina

Livre/Forçada

\*Pretende-se que saiba mostrar no mapa o país de origem e o país de chegada.

## Anexo VIII – Grelha de Avaliação



## Grelha de Avaliação

Número do aluno	Domínio dos Conteúdos (50%)	Comunicação (25%)	Empenho e Autonomia (20%)	Criatividade (5%)
1				
2				
3				
4				
5				
6				
7				
8				
9				
10				
11				
12				
13				
14				
15				
16				
17				
18				
19				
20				

--	--	--	--	--

Anexo IX – Imagem da exposição comemorativa do Dia Mundial da Alimentação à Turma de 10º ano

